空ろの箱と零のマリア5
御影瑛路
Eiji Mikage
イラスト†鉄雄
電撃文庫

空ろの箱と零のマリア5
O Cinema Destruidor de Desejos
Uma 'caixa' com um único propósito: esmagar a 'Shadow of Sin and Punishment' do Daiya, atacando sua mente através de cenas de filme.
Uma vez pego pelo cinema, é absolutamente impossível escapar.
EIJI MIKAGE
Illustrations: Tetsuo

utsuro no Hako to Zero no Maria

A Caixa Vazia e a Zerésima Maria

Volume 5

Mikage Eiji
Ilustrado por: Tetsuo

Novel JP

Publicado
10 Julho 2012

sumário

Ilustrações

Prólogo

Antes do SHow

- Daiya Oomine - 06/09 DOM 12h05min
- Kazuki Hoshino - 06/09 DOM 14h05min

Cena 1

- Daiya Oomine — 09/09 QUA 08h10min
- Daiya Oomine — 11/09 SEX 16h13min

Cena 2

- Daiya Oomine - 11/09 SEX 18h00min
- Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 17h48min

Cena 3

- Daiya Oomine - 11/09 SEX 20h01min
- Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 20h26min
- Daiya Oomine - 11/09 SEX 20h57min
- Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 21h44min

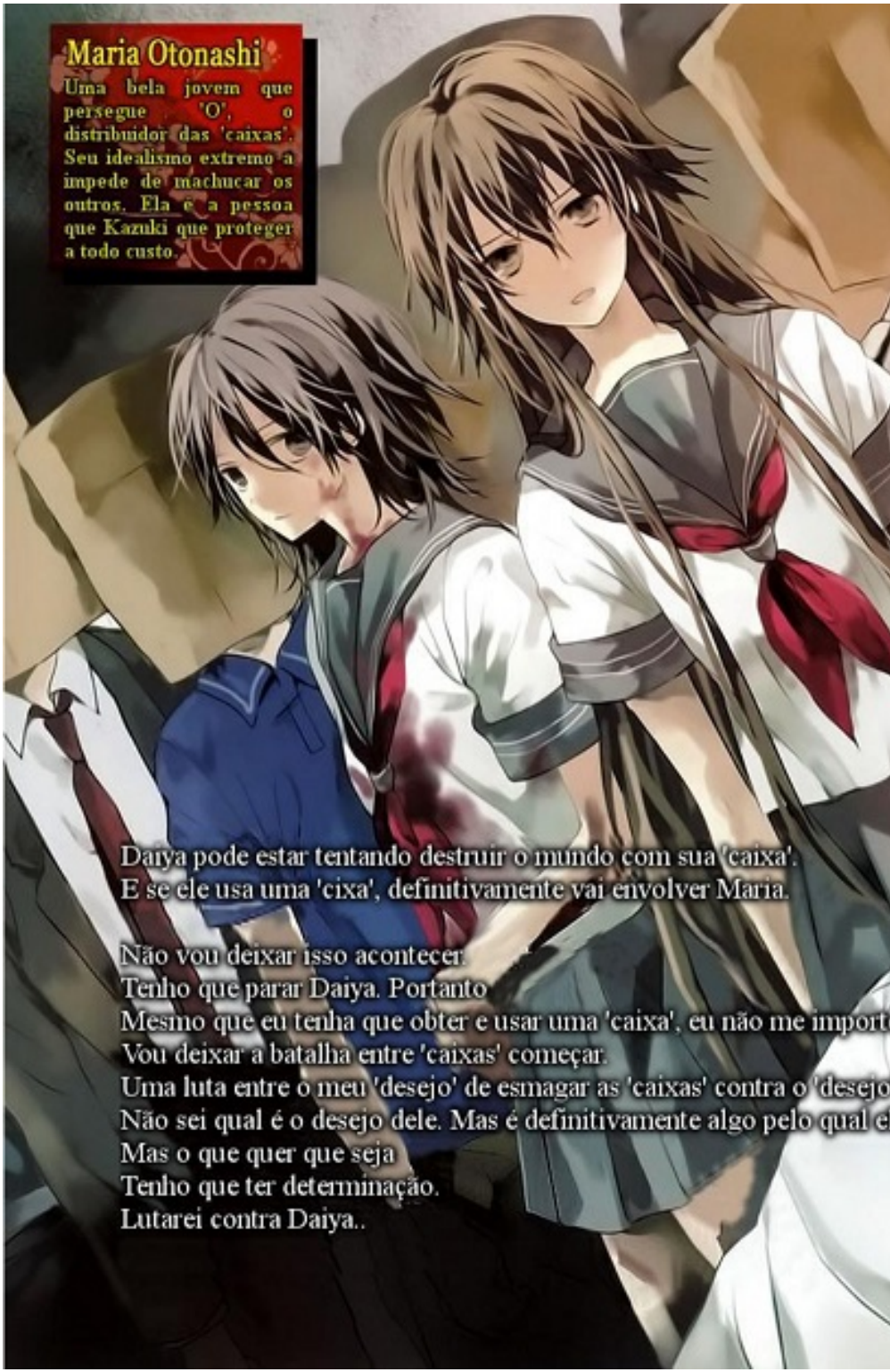
Diamond Days

Notas do Autor

Autores

Iroha Shindou
Garota brilhante e ás do clube de atletismo
Durante a 'Game of Idleness', fez total uso de suas habilidades excepcionais

A
Uma personalidade artificial que pertence à 'Wish-Crushing Cinema', a 'caixa' que pretende destruir a 'caixa' do Daiya. Ela age como um guia para os filmes exibidos.


Maria Otonashi
Uma bela jovem que persegue 'O', o distribuidor das 'caixas'. Seu idealismo extremo a impede de machucar os outros. Ela é a pessoa que Kazuki que proteger a todo custo.
Daiya pode estar tentando destruir o mundo com sua 'caixa'.
E se ele usa uma 'cixa', definitivamente vai envolver Maria.
Não vou deixar isso acontecer.
Tenho que parar Daiya. Portanto
Mesmo que eu tenha que obter e usar uma 'caixa', eu não me import
Vou deixar a batalha entre 'caixas' começar.
Uma luta entre o meu 'desejo' de esmagar as 'caixas' contra o 'desejo
Não sei qual é o desejo dele. Mas é definitivamente algo pelo qual e
Mas o que quer que seja
Tenho que ter determinação.
Lutarei contra Daiya..

The Shadow of Sin and Punishment
Ativa assim que os alvos pisam na som
da 'caixa' - Daiya - eles ficam sob s
forçando a reviver o remorso
enraizado nas suas psiques.
Designed by Toru Suzuki

Eu jamais deveria ter encontrado 'O'. Afinal de contas, sou apenas uma pessoa normal incapaz de realizar até mesmo os próprios desejos, quem dirá o dos outros.

O ser sobrenatural a minha frente só tem interesse no Kazu. Aos olhos dele (ou dela), sou apenas um ser humano próximo ao Kazu. Apenas fui capaz de obter esse poder porque ele (ou ela) está tentando interferir com o Kazu, influenciando o ambiente em que ele vive.

Ao aceitar a 'caixa' que recebi tão arbitrariamente, pareço um pedinte freneticamente revirando uma lata de lixo, desesperado para encontrar apenas comida o suficiente para sobreviver. Mesmo assim, decidi depender dessa 'caixa'.

'O' me observa com um sorriso charmoso em seu rosto.

— 'O', tem algo que eu não entendo. Admito que Kazu é alguém especial. Também entendo o porquê de você querer observá-lo. Apenas não compreendo porque um ser superior se importaria tanto com um único ser humano.

— O que te levou a pensar sobre isso?

— Bom, acho que suas ações são estranhas para um ser com tanto poder. Simplesmente por se importar tanto com o Kazu, segui-lo, revelar suas intenções a ele, você está se rebaixando ao nível de um simples humano.

— E tem algum problema com isso? Não me importo com adoração, então não vejo problema em interagir com o Kazuki-kun dessa maneira. Para começo de conversa, apenas aparecendo na sua frente e conversando dessa forma, eu inevitavelmente perco um pouco da distância que tenho em relação à humanidade.

— O que quer dizer?

— Se quisesse continuar sendo um ser transcendental, poderia facilmente demonstrar meu poder sem dizer uma única palavra. Afinal, o simples ato de esclarecer minhas ações me torna menos remoto. Cada palavra que falo me aproximo mais do mundo normal.

Após dar essa explicação, 'O' me pergunta em um tom suave:

— Me pergunto: você gostaria que eu fosse sobrenatural? Talvez tenha medo que sua 'caixa' possa perder seus poderes se a natureza daquele que garante seus desejos acabar não sendo mais do que um truque barato? Se for isso, sinto muito por não ser o que você está procurando.

— Então o que você é? Se não é uma espécie de deus, o que mais você pode ser?

Sem qualquer hesitação, 'O' me responde:

— Uma direção chamada 'O'.

Falho em compreender essa resposta tão direta.

— Uma direção? Do que você está falando?

— Você apenas manteve contato com uma pequena parte do meu ser completo. 'O' se refere a uma fração da gigantesca entidade que 'eu' sou.

Ouvindo sobre um 'O' que não é 'O' tão repentinamente me deixa ainda mais confuso.

— …Isso significa que é como se você fosse um braço ou uma perna de um corpo humano?

— Não exatamente. Uhmm… vamos pegar uma piscina como exemplo. Faça de conta que a água sou 'eu'. Agora pegue um copo e coloque uma parte da água

nele. Isso é 'O'. O copo que é usado para me dar forma é a direção conhecida como "O".

— …O que você quer dizer com direção?

— Como uma entidade enorme, 'eu' não possuo uma vontade própria. Bom, tecnicamente falando, 'eu' tenho, mas você não seria capaz de perceber a diferença. Portanto, 'eu' não tenho originalmente um vetor. Mas quando uma parte do ser assume o nome 'O', essa parte também assume um significado próprio. É apenas natural que isso crie uma 'direção'.

— Então essa "direção" é a razão pela qual você se devota ao Kazu?

— Exato. Sabia que você entenderia depressa.

Não foi um elogio — 'O' está claramente me fazendo de bobo. 'O' continua me provocando:

— Mas por ser capaz de entender tão facilmente, você não pode controlar sua 'caixa'.

Mordo meu lábio. Apesar de estar consciente da minha própria desvantagem, tê-las apontadas tão claramente por 'O' é difícil de engolir.

— Você é incapaz de perceber a 'caixa' como a 'caixa' que ela é. E para poder torná-la algo que você é capaz de entender, você a distorce através de seus próprios filtros. O que você acha que uma é 'caixa' na verdade é algo totalmente diferente. Ah, mais uma coisa! Você parece pensar que não estou interessado em você, mas está enganado. Em contraste com o Kazuki que tem a capacidade de utilizar uma 'caixa' no máximo do seu potencial, você é o completo oposto de uma forma quase hilária. De certa forma, isso te torna um objeto de observação muito interessante também — 'O', diz com outro sorriso charmoso em seu rosto. — Estou certo de que você será o primeiro a entender minha verdadeira natureza.

Cale-se de uma vez!

Se 'O' continuar me dando dicas, posso acabar conseguindo deduzir quem ele (ela) realmente é. Claro, 'O' pode mudar sua aparência como bem entender. Não tenho ideia de como ele (ela) realmente se parece. Nem sei se 'O' é homem ou mulher. Mas é verdade que tenho certo talento para enxergar através dos fatos e chegar à verdade por trás das coisas. Tenho inteligência até demais voltada para isso.

Se eu entender bem o que 'O' disse, vou acabar me tornando incapaz de acreditar no poder sobrenatural da minha 'caixa'. Só sou capaz de usar esse poder especial porque 'O' é uma entidade misteriosa. Portanto, não vou distorcer 'O' com minhas interpretações.

Vou admirá-lo e adorá-lo.

E mantendo meus olhos longe da realidade, realizarei meu desejo.

Before The Show Begi
Please Turn Off Your Cell Phone

Daiya Oomine - 06/09 DOM 12h05min

— Fiquei chocada, sim… Sim. Sim. É claro que já tinha ouvido falar dos "Cães Humanos", mas sabe, achei que era uma dessas bobagens da tv. Nunca imaginei que um fosse aparecer no meu jardim!

Na tela de LCD, um efeito em mosaico esconde o rosto da mulher entrevistada. A voz de meia idade é distorcida eletronicamente, mas o nojo na voz dela é bem claro.

— Que tipo de pessoa era X (nome encoberto por censura sonora)?

— Hum… na verdade, ele era bem normal. Mas muito quieto. Quando você o cumprimentava, ele sempre resmungava tão baixo que você nunca sabia se ele estava respondendo ou não!

— Ele teve alguma atitude que chamou sua atenção recentemente?

— …Bem, sim. Ultimamente, ou melhor, desde que os pais dele sumiram… como eles chamam essas pessoas? Hikikomori[1]? Acho que ele se isolou dentro de casa. O que ele fazia pra viver? …Quem sabe? Não faço a menor ideia.

— Poderia nos contar mais sobre o desaparecimento dos pais dele?

— Sim… Ah, mas é provável que eles tenham se mudado e deixado ele pra trás. Apenas ouvi um rumor de que eles tinham desaparecido. Não sei maiores detalhes. X nunca teve um bom relacionamento com os vizinhos.

— Entendo… A senhora sabe o que todos os "Cães Humanos" têm em comum?

A entrevistada é claramente pega de surpresa por essa pergunta.

— …Sim. Eles são todos criminosos, certo? E os crimes na maioria das vezes são bem sérios.

— O registro criminal de X é desconhecido, mas por acaso a senhora…

— Eu apenas o vi latindo e de quatro, isso é tudo. Não tenho mais nada a di…

Aparentemente, ela não tem mais qualquer informação útil: a programação volta para o estúdio e a câmera foca no apresentador e em alguns comentaristas. Ninguém parece saber se discutiam o assunto em um tom de brincadeira ou levavam a sério. As tentativas lamentáveis de comentar o assunto dos participantes acabam sendo apenas ambíguas e sem sentido.

Mudo minha posição na cama e sorrio desdenhosamente. Como planejado, os programas de variedades já começaram a cobrir os casos dos "Cães Humanos" diariamente.

O fenômeno dos “Cães Humanos” — Quando uma pessoa perde a habilidade de falar e começa a rastejar de quatro sem qualquer explicação aparente. Nenhum programa de variedades perderia a chance de cobrir algo tão sensacionalista.

Mas não importa quanta atenção seja dada ao caso, a razão desse fenômeno jamais virá à tona. Muitos doutores e cientistas tentarão chegar à raiz disso, mas não importa como eles tentem, jamais descobrirão que isso é causado por uma “caixa”.

E assim, os comentaristas inevitavelmente desapontam a plateia com conclusões fracas como “eles estão apenas atuando” ou “eles estão apenas convencendo a si mesmos que são cães” ou “é uma doença mental”. Até mesmo o médium, que provavelmente foi chamado apenas para fazer o público dar risada, fez mais pela audiência dizendo que “Deus criou essa provação para os humanos egocêntricos, para nos mostrar que no fundo ainda somos meros animais”.

Heh.

Quanta besteira.

Se você quer falar de “egocentrismo”, então a ideia de que Deus se preocuparia conosco e nos daria uma provação é muito mais egocêntrica. Afinal, humanos se preocupam quando vermes estão sendo egocêntricos? Apenas um humano seria capaz de algo tão absurdo quanto criar “Cães Humanos”.

Assim que me viro para ver a televisão novamente, o apresentador encerra o especial “Cães Humanos” do dia com palavras vazias.

— *Esperamos do fundo de nossos corações que ele volte ao normal logo.*

— “Esperamos que ele volte ao normal logo”, hein?

O apresentador não vai poder dizer isso por muito tempo.

“X”, mais conhecido como “Katsuya Tamura”, é realmente um assassino que matou os pais — mas os atos criminais dele ainda não foram a público. Quando seus atos forem revelados, o âncora do programa não vai mais ser capaz de desejar pela recuperação do assassino tão casualmente.

No momento, apenas Katsuya Tamura e eu sabemos sobre os crimes dele. Mas logo todos saberão. A opinião pública não pode ignorar o fato de que todo “Cão Humano” até agora acabou sendo um criminoso, e a polícia não pode ignorar a opinião pública. Por isso, logo a polícia encontrará algum pretexto para investigar e logo descobrirá os ossos dos pais de Katsuya Tamura enterrados no jardim dele. E então, ele será mandado para onde pertence: a cadeia. Não… talvez ele seja mandado para outro lugar por causa de seu estado mental, mas não é essa a questão. Meu objetivo não é punir criminosos que ficariam à solta se ignorados.

Se o incidente Katsuya Tamura for de acordo com o plano… então não precisarei de mais preparações. O poder da minha “caixa” pode fazer qualquer um se tornar um “Cão Humano”. Sou eu quem deliberadamente uso meus poderes para procurar criminosos e transformo apenas eles. Faço isso com a intenção de forçar a opinião pública a aceitar “Cães Humanos” como “criminosos”.

“Um idiota de quatro é um criminoso”.

Quando essa percepção se espalhar, “Cães Humanos” serão automaticamente tratados como infratores da lei. Quais serão as consequências do meu experimento em engenharia social? Ser um “Cão Humano” será o mais miserável que alguém pode se tornar. Todos ficarão enojados ao ver um “Cão Humano” perder o bom senso, rastejando nu pelo chão e latindo. Ninguém vai sentir pena, já que eles não são mais considerados humanos, principalmente porque todos acreditarão que todos eles são lixos criminosos.

Todos temerão se tornar um “Cão Humano”. As pessoas irão perceber que podem se tornar um ao cometer crimes. Mas, sem saber exatamente o que causa a transformação, elas não terão escolha senão evitar qualquer tipo de atividade criminal e viver vidas perfeitamente inocentes para não se tornarem alvos do desprezo do público.

Isso vai pôr um fim nos crimes.

É claro, o número total de “Cães Humanos” ainda é insuficiente. É preciso que as pessoas acreditem que criminosos se transformam em “Cães Humanos” com certeza quase absoluta. Para isso, precisarei criar mais, legiões de “Cães Humanos”. Quando isso acontecer, mais ninguém será capaz de ignorar esse fenômeno.

Foco novamente na TV.

O assunto havia mudado e um novo vídeo é mostrado. Algum pedestre provavelmente usou a câmera do celular para gravar: a imagem está embaçada e a voz surpresa da pessoa que grava pode ser ouvida ao fundo.

Posso ver a rua principal do distrito de Kabukishou, em Shinjuku, e dúzias de adultos, homens e mulheres, se jogando ao chão. É impossível determinar a que tipo de grupo eles pertencem de cara, já que nenhum deles parece ter nada em comum: um Yakuza, trabalhadores de escritório, transexuais, mulheres normais e por aí vai. Eles estão reunidos em volta de um único indivíduo e se jogam aos pés dele com lágrimas nos olhos.

A câmera foca na pessoa no meio deles… um jovem de cabelo prateado e piercings nas orelhas, olhando para as pessoas aos seus pés com uma expressão fria.

Naturalmente, aquele sou eu; Daiya Oomine.

— …Humpf.

Novamente, como planejado. Sabia que alguém iria filmar se eu fizesse tamanha apresentação em uma avenida movimentada, hoje em dia todos têm celulares com câmeras. Até mesmo planejei para que o evento acabasse na TV.

Os comentaristas no estúdio franzem as sobrancelhas e fazem especulações totalmente erradas como: “Isso é algum novo tipo de culto?”. É claro, a verdade é totalmente diferente. Eu criei os “Cães Humanos” e fiz aquelas pessoas se ajoelharem com meu poder.

Ninguém no estúdio tentou juntar esses dois eventos, mas haverá pessoas que irão associá-los apenas por estarem acontecendo simultaneamente. Na internet, algumas pessoas já começaram a suspeitar que haja alguma conexão, sem dar muita atenção, mas, no final das contas, eles estão na pista certa.

Aquele vídeo é um percussor do meu objetivo final.

Quando a sociedade não puder mais ignorar o fenômeno dos “Cães Humanos”, mostrarei às massas quem está no centro disso tudo. E, nesse ponto, meu verdadeiro plano irá realmente começar.

Deixo o hotel e começo a caminhar pelas ruas de Shinjuku. É uma tarde de domingo. As ruas estão lotadas. Incapaz de aguentar essa enorme massa de pessoas, começo a sentir tontura.

A essa altura, sei que a maioria das pessoas é pecadora. Minha “caixa” me força a perceber que legiões de pessoas escondem algo sujo em seus corpos. Nesse ponto, uma multidão como essa não me parece diferente de um enorme saco de lixo se debatendo.

… Bom, já me acostumei com isso também.

Já estamos em setembro, mas a temperatura não dá qualquer sinal de que irá diminuir, deixando o clima tão quente quanto era no meio do verão. Olho para o meu relógio. São duas da tarde.

Conforme o sol se move através do céu, minha sombra lentamente aumenta de tamanho. Uma atrás da outra, as pessoas ao meu redor caminham sobre a sombra que eu projeto.

O que automaticamente ativa minha “caixa”.

Toda vez que alguém caminha pela minha sombra, meu corpo é penetrado por pecados. Pecados, pecados, pecados.

— …Hum.

Quando comecei a usar minha “caixa”, era incapaz de continuar de pé. Mas agora é apenas uma questão de rotina. Não sou mais o homem que se ajoelhava diante desse sentimento repugnante. Já superei minhas fraquezas. Isso é apenas um afazer desagradável.

— Arg!

A sujeira que estou sentindo é demais — a ponto de fazer minha voz escapar. Que merda é essa? Que sentimento repulsivo é esse, como se alguém tivesse jogado vômito, óleo de salada estragado e larvas de inseto em um liquidificador e me forçado a beber o resultado. Que tipo de lixo humano carrega um pecado tão horrível?

Massageei minhas têmporas e me virei para a pessoa em cima da minha sombra para poder encará-la.

— …Oh.

Que surpresa. No final é uma garota do fundamental com cabelos negros curtos que poderia no máximo ser descrita como ingênua. Mesmo sendo final de semana, ela está usando o uniforme.

A aparência pura dela é o oposto à de um pecador. Na verdade, ela parece ser pura demais para fazer parte da multidão louca dessa cidade. Tendo me ouvido resmungar e vendo meu rosto contorcido, ela está me encarando com um olhar de suspeita… Tch, de quem você acha que é a culpa disso?

Nossos olhares se cruzam, mas ela tenta passar por mim.

— Desista de sua vingança. Tenho pena de você, mas está colhendo o que plantou.

A garota para e se vira para mim. A razão da falta de expressão em seu rosto provavelmente é ela ainda não ter entendido a situação em que está.

— Você pode querer punir malfeitores, mas os caras que pagam pelo seu corpo não são iguais ao que te passou AIDS. Eles provavelmente nem estão relacionados. Os pecados deles certamente não são tão graves quanto o que você pretende fazer a eles. Bom, acho que você não concorda comigo.

Os olhos dela começam a mostrar certa confusão, mas, fora isso, ela continua com o rosto inexpressivo. Talvez ela não seja boa em se expressar…

— Então pare de vender seu corpo apenas para espalhar o HIV.

Com um profundo olhar de peixe morto em seu rosto, ela abre a boca.

— Por favor, não diga tais coisas absurdas em público…

Ela finalmente fala. Preciso forçar meus ouvidos para ouvir sua voz frágil. Parece que ela também não é muito energética.

— Não se preocupe! Olhe, não tem ninguém prestando atenção em nós. Você acabaria indo a loucura se tivesse que prestar atenção em cada pessoa que passa por você na rua. Esse bando não se importaria nem se um criminoso procurado estivesse passeando por perto.

Bom, seria outra história se alguém começasse a agir como um cão…

— Como você descobriu o que estou fazendo…?

— Não descobri. Eu simplesmente senti seu pecado fétido.

A expressão sem vida dela de alguma forma começa a mudar. Provavelmente ela queria franzir o rosto, mas como ela não consegue se expressar direito, apenas seus olhos ficam parecendo um pouco vesgos. Ela se vira e começa a correr. Parece que finalmente está tentando fugir.

— Você não pode fugir. Você já está sob meu comando.

Fecho meus olhos. Fecho minha visão. Me fecho.

Antes, quando ela pisou em minha sombra, absorvi o pecado dela. Agora estou buscando ele nas profundezas do meu coração. Uma dor entorpecida percorre meu interior. Suportando essa dor, procuro em minha mente pelos pensamentos específicos dela. A suja mistura de incontáveis pensamentos repulsivos que estão em minha mente me faz querer tapar o nariz, mesmo que não exista um odor físico. Imagino o conteúdo do caldeirão de uma bruxa cheio de plantas venenosas e lagartos.

A dor que sinto é provavelmente uma mera ilusão: apenas meu coração partindo. Meu coração está se debatendo com toda a força para me convencer a não tocar nessa imundice, e me fazendo sentir dor como resultado. Droga, é como se uma colônia de vermes estivesse se debatendo dentro de mim.

Suportando as ondas de nojo, finalmente encontro os pensamentos dela no meio de todos os outros que tenho em minha mente. Eles parecem uma “sombra”. Cada um desses pensamentos em forma de sombra é o pecado de alguém. Alcançando ainda mais fundo dentro desse caldeirão repulsivo… agarro a sombra dela.

— Uh, ah…!

Vários metros de distância a minha frente, a aluna do fundamental se ajoelha.

Termino de assumir o controle. Abro meus olhos. Tento suprimir forçadamente esse sentimento entorpecido dentro de mim apertando minha mão com força contra o meu peito e me aproximo dela lentamente.

— Ah... aaaaaaaaaaah! — ela grita e se contorce em dor.

A atitude dela chama a atenção das pessoas ao nosso redor, mas ninguém está disposto a ajudá-la. Todos estão apenas ignorando-a ou observando sem fazer nada.

— Esse mal-estar é meramente um resultado de você ser confrontada diretamente pelos seus pecados. Percebe isso, certo?

Sem dizer uma palavra, ela continua a chorar.

— Não se preocupe. Não vou transformá-la em um “Cão Humano”. Apenas aqueles que fugiram de suas responsabilidades, desligando seus cérebros, e não tem mais qualquer sentimento de culpa é que são os verdadeiros lixos mais baixos do que vira-latas. Isso não se aplica a você. Você está sofrendo. Apenas ficou desesperada. Isso significa que ainda tem chance de evoluir. Mas acho que você precisa ser monitorada. Portanto… — Joguei a sombra do pecado dela dentro da minha boca — …torne-se escrava de seu pecado.

Uma amargura incrível se espalha pela minha boca. Fazendo isso, eu a subjugo.

A “caixa” que obtive: “Shadow of Sin and Punishment[2]”. De forma resumida, o poder da minha “caixa” usa os sentimentos de culpa mais profundos do meu alvo para colocar ele ou ela sob meu controle.

Mas também incluí outras condições para mim mesmo. Para controlar alguém, preciso confrontar seus pecados diretamente. Isso basicamente quer dizer que preciso olhar para o lado mais sujo das almas humanas. Por exemplo, essa estudante adquiriu HIV por se prostituir e entrou em desespero. Como vingança, ela tem vendido o próprio corpo para infectar outros homens que fazem sexo com ela. Apesar do profundo sofrimento pelo qual ela passa graças à culpa que sente pelas suas ações, apesar da angústia e do remorso, ela não consegue parar. Seu pecado já adquiriu uma vida própria, saiu de controle e está afetando outras pessoas.

Aceito o fardo desses pecados. Aceito até mesmo os sentimentos nocivos que os acompanham. Como consequência, também sou atacado. Mas apenas assim posso controlar meu alvo.

…Uma “caixa” pode garantir qualquer “desejo”. Mas não existe alguém com um desejo perfeito, sem qualquer distorção. A “caixa” garante esses “desejos” distorcidos exatamente como são.

Não sou exceção a essa regra. Por causa do meu senso de realismo problemático, não consigo me fazer acreditar completamente no poder das “caixas”. Não consigo deixar de pensar que, de certo modo, isso é apenas um sonho passageiro.

Se você usar uma “caixa” sem pensar, seu “desejo” será distorcido e não se realizará. Felizmente estava ciente dessa regra. Portanto, decidi não usar minha “caixa” imediatamente após recebê-la de “O” e busquei uma forma de dominá-la.

Algum tempo depois, recebi a chance de dominar minha “caixa” dentro do “Game of Idleness” de Koudai Kamiuchi. Fui capaz de receber esclarecimento. Você não deve tentar garantir seu “desejo” diretamente com a “caixa”. Você deve “desejar” pelos meios de garantir seu “desejo”.

Imagine que você quer destruir o mundo. Ao desejar diretamente por isso, o “desejo” automaticamente se torna vago e duvidoso, o que te previne de dominar a “caixa”. Em vez disso, você deveria tomar um caminho indireto e “desejar” por um botão que possa desencadear um holocausto nuclear. Um “desejo” desses tem poder o suficiente para destruir o mundo e é concreto o bastante para ser visualizado.

É claro, isso ainda pode ser um “desejo” absurdo. Você precisa ser capaz de acreditar que a “caixa” tem poder o bastante para realizá-lo. Dito isso, eu já presenciei o poder inacreditável das “caixas”. Não tenho problemas em imaginar algo como controle sobre armas nucleares que já existem.

Mesmo um realista como eu pode dominar a “caixa” dessa forma. Meu verdadeiro “desejo” é “erradicar todos os tolos ignorantes”. Me abstive de tentar garantir meu “desejo” diretamente e, em vez disso, pedi por uma arma capaz de fazer isso.

Controle sobre os outros. Essa foi a arma que escolhi.

Provavelmente é minha própria natureza que me permite garantir esse “desejo”. Qualquer outro provavelmente teria falhado, incapaz de acreditar que

pode controlar outras pessoas. Mas sempre considerei possível controlar os outros com minhas palavras e ações até certo ponto. Seja isso verdade ou não, não importa, porque minha fé nessa possibilidade de controle me permite garantir meu "desejo" sem distorção. Impondo condições estritas sobre mim mesmo, solidifiquei ainda mais o meu "desejo". Ao fazer isso, fui finalmente capaz de obter meu poder.

Mas esse poder é terrivelmente fraco se comparado ao meu objetivo final. É um poder que me obriga a fazer uma aproximação ridiculamente indireta. Nunca odiei meu lado realista tanto quanto agora.

Dito isso, não me importo muito. Afinal de contas, esse poder me parece extremamente adaptável e apropriado. E isso não significa que ele me serve perfeitamente?

— Vai parar com sua vingança sem sentido? — pergunto à garota, que ainda está agachada e chorando.

— Aaah — ela urra incompreensivelmente enquanto assente com a cabeça.

Não há dúvida de que essa garota dará fim a essa vingança autodestrutiva. Não parece ter nenhuma necessidade especial de controlá-la. Sem mais o que fazer, volto a andar. Repentinamente, dois homens que parecem ser alunos de faculdade entraram no meu caminho.

— …Ei, o que você fez com aquela garota?

O tom dele é calmo, mas os dois parecem estar ardendo em indignação e não mostram qualquer intenção de me deixar passar. Aparentemente, eles pensam que maltratei aquela garota.

— Eu não fiz nada. Certo? — digo e me viro para ela.

Ela rapidamente limpa as lágrimas e se levanta.

— Sim. Ele não fez nada — diz ela, ao erguer o rosto.

Embora ela não tenha feito nada estranho, os universitários dão um passo para trás… Por quê? Ao olhar para ela novamente, entendo o motivo. Não é de se espantar que eles tenham retrocedido ao ver o rosto dela.

O sorriso em seu rosto não é nem um pouco natural… parece que os cantos de seus lábios estão sendo puxados por cordas. Seus olhos estão brilhando com uma luz entorpecida… Ah não, não esse padrão…

— Esse homem é um deus.

Por favor, não. Tudo o que eu fiz foi mexer com os sentimentos de culpa dela. Fiz as preparações para controlá-la, mas no fim não o fiz. Mas parece que ela foi capaz de reconciliar seus sentimentos porque suguei seu remorso e a confrontei com ele. Eu acidentalmente a provi com algo semelhante a uma sessão de aconselhamento perfeita com sucesso instantâneo.

Por ter feito isso em um instante com um poder misterioso, ela acha que sou

um deus. É um padrão que ocorre de tempos em tempos quando uso minha "caixa". Diante de tal desenvolvimento, os universitários parecem ter chegado ao limite e se afastam com expressões contorcidas.

Também contorço meu rosto e olho para a aluna do fundamental. Ela está respirando violentamente e sorrindo como se contemplasse um ser divino. Pelos céus, não me chame de deus. Pare com isso. Sério. É nojento. É como se alguém estivesse enfiando um dedo na minha garganta. Não sou um deus, nem pretendo me tornar.

Mas.

— …Certo. Eu sou um deus.

Preciso deixá-los me chamar disso. Ainda sou um fracote. Não descartei completamente meu "eu" de antes, de quando ainda acreditava na benevolência da natureza humana, antes de começar a colocar piercings. É por isso que sofro tanto ao assumir o fardo dos pecados alheios. Se for normal para um humano sofrer ao fazer isso, então tenho que deixar de ser humano. Devo selar meus sentimentos. Se sufocar Koudai Kamiuchi até a morte não foi o bastante para superar minha fraqueza, então só preciso matar de novo.

Eliminar minha fraqueza é uma necessidade. Irei transcender a mim mesmo. Se devo me aproximar de um deus para cumprir meu objetivo, então me tornarei um deus.

Olho para a garota que está me louvando. Não há nenhuma necessidade de controlá-la… mas, por outro lado, não há motivo para não controlá-la também. Como posso me tornar deus se não estiver preparado para roubar sua dignidade e distorcê-la? É brincadeira de criança arruinar a vida dela. Sua vida está praticamente acabada de qualquer forma. Então…

— Abandone tudo por mim.

Toco a "Sombra do Pecado" dela que está dentro do meu peito e começo a controlá-la.

— Ah…

Ela solta um suspiro sensual e se apoia em mim. Como se implorasse para ser dominada, ela me encara com olhos úmidos.

— Alegre-se. Posso dar um propósito até mesmo a uma vadia suja como você. Bom, vejamos. Primeiro de tudo, lamba meus sapatos agora mesmo.

— Oh, muito obrigado! Muito obrigado!

Sem hesitar, a garota começa a lamber a sola das minhas botas.

— Estou tão feliz. Tão feliz. Que alegria é tocar algo que você está usando, mesmo que seja apenas com a minha língua!

Banhado na curiosidade e no desprezo das pessoas ao redor, penso:

Que estúpido. Mandá-la fazer algo assim apenas me deixa envergonhado, na

melhor das hipóteses. Isso me enoja. Mas preciso subjugar todos dessa maneira. Preciso abandonar meus sentimentos insignificantes.

— … Arg!

Mas isso ainda me aflige. Toco um dos meus piercings. A essa altura, tenho um total de seis piercings em minhas orelhas. Sinto essa forte de necessidade de criar buracos em meu corpo, por isso coloquei esses piercings.

— …Uh.

Por alguma razão, a face de Kokone Kirino cruza minha mente. Embora deva descartar meus sentimentos por ela, seu rosto ainda aparece em meus pensamentos. Contudo, a Kokone Kirino que aparece em minha mente não é aquela boneca Barbie superficial, que usa lentes de contato, muda constantemente de penteado e gasta mais de uma hora toda manhã para se maquiar.

A Kokone Kirino que eu vejo é aquela garota tímida e sensível que costumava sempre me seguir onde quer que eu fosse. Naquela época, os olhos sem confiança por trás daqueles óculos olhavam apenas para mim.

Apago a imagem do rosto dela da minha mente. Sim, eu sei! Meu apego à Kiri é o maior obstáculo para alcançar meu objetivo. Olho para baixo, para a garota que ainda está lambendo meus sapatos.

Eu vou mudar o mundo. Eu vou revolucionar o mundo!

— …Certo.

Para tornar isso possível, preciso abandonar Kokone Kirino.

Também precisarei derrotar meu maior inimigo.

— *Eu vou encontrar a zerézima Maria*.

Um certo idiota que se transformou por causa daquele jogo assassino e resolveu perseguir seus objetivos com determinação absoluta. Aquele especialista em destruir “desejos” irá entrar em meu caminho sem dúvida. Dessa vez, ele não será engolido por uma “caixa”; ao contrário, ele tomará a iniciativa de livre e espontânea vontade e tentará destruir minha “caixa”.

… Kazuki Hoshino.

Serei seu inimigo.

Kazuki Hoshino - 06/09 DOM 14h05min

Kokone não mudou mesmo depois que o Daiya desapareceu.

Não importa se ela estava preparada para o desaparecimento do Daiya; sua falta de reação ainda foi extremamente estranha. Isso me levou à seguinte conclusão:

A personalidade extrovertida da Kokone é apenas uma fachada.

Não apenas agora, mas desde que a conheci. Justiça seja feita, já faz tempo que estou ciente de que a atitude animada dela é de alguma forma forçada e falsa. Também percebi que, embora Haruaki e Daiya conheçam sua verdadeira personalidade, eles entraram no jogo e aceitaram essa personalidade forçada de qualquer forma. E percebi que Daiya sempre parecia estar insatisfeito com essa situação.

Ao mesmo tempo, nunca achei que a escolha da Kokone fosse tão significante. Afinal de contas, todos vestem máscaras até certo ponto ao lidar com outras pessoas. Mogi-san, por exemplo, me contou que teve sérios problemas para manter seus contatos sociais no passado. “Se Kokone está deliberadamente tentando se tornar esse tipo de pessoa, então não há nada errado com a escolha dela”.

Foi o que pensei. Mas devo ter me enganado. Caso contrário, o seguinte incidente jamais teria acontecido.

— Não, mas sério Kazu-kun, aquilo foi terrível de sua parte! Quero dizer, claro, pode ser errado alimentar as esperanças da Kasumi sendo gentil demais, mas qual é, você entende a situação em que ela está, não é?

Foi depois da aula em que aquele incidente ocorreu.

— Você devia saber muito bem por que a Kasumi quer voltar para a escola! Kazu-kun, você sequer percebe quão horrivelmente seu comportamento a afetou, especialmente depois de todo o esforço que ela colocou na recuperação?!

Kokone estava me dando um sermão por eu ter abandonado a Mogi-san no dia anterior para ir ao apartamento da Maria.

— Quero que você saiba: você está seriamente enganado se acha que ela está bem só porque parecia animada depois do acidente! Ninguém ficaria bem com o próprio corpo em tal situação! Kasumi está apenas tentando parecer forte porque não quer nos preocupar!

Era julho, logo antes das férias de verão. Embora já tivesse passado das cinco da tarde, o sol ainda estava brilhando forte pelas janelas, mantendo a sala brilhantemente iluminada.

Provavelmente estava bem quente também, mas não me lembro ao certo. Kokone estava desesperadamente tentando segurar as lágrimas. Não pude evitar sentir admiração pela empatia que ela tem por sua amiga, por mais errado que fosse estar pensando naquilo enquanto recebia um sermão.

Mas não podia apenas assentir e sorrir. Eu entendia aonde a Kokone queria chegar muito bem. É claro que queria ser gentil com a Mogi-san. Mas eu já tinha escolhido a Maria. Portanto, deixei claro que iria me devotar para a Maria.

— Kokone, eu escolhi a Maria…

Kokone respondeu com outra objeção, apesar de ter ficado um pouco chocada com minha atitude inabalável.

— Ma…mas isso não é desculpa para agir como você fez ontem! Você não poderia pelo menos esperar até a Kasumi se recuperar um pouco mais?! Ser gentil com ela por mais algum tempo não deveria ser um problema.

Continuei em silêncio.

Não porque concordava com a Kokone, mas porque tudo o que queria dizer apenas machucaria os sentimentos dela. Honestamente, não importava o que ela me dissesse, mesmo que ela me odiasse e nunca mais falasse comigo, minha escolha não teria mudado. Considero Kokone uma amiga querida e não quero perdê-la, mas isso não tem nada a ver com eu ter escolhido a Maria.

Entendo onde Kokone estava tentando chegar. Mas quando seria o momento perfeito? Ele sequer existe? Eu deveria ter dito à Mogi-san apenas quando ela voltasse a escola? Que tal logo depois dela ter terminado sua reabilitação exaustiva e ter finalmente realizado seu desejo de viver uma vida escolar normal ao meu lado? Poderia esse ser o melhor momento para dizer a Mogi-san que eu escolhi a Maria?

É claro que não. Mogi-san ainda teria sofrido mesmo que eu tivesse esperado para contar a ela sobre minha decisão.

— Diga algo, Kazu-kun! Por favor, não machuque a Kasumi ainda mais!

Também não quero machucá-la. Queria dizer isso a Kokone do fundo do meu coração, mas sendo aquele que está machucando a Mogi-san, não tinha qualquer direito de dizer. Peguei meu celular. Kokone reclamou:

— O que você está olhando agora?!

Apenas a ignorei e encontrei a foto que estava procurando. Era uma foto da Mogi-san usando pijamas fazendo um sinal de paz. Eu era realmente apegado àquela foto. O sorriso parecido com um girassol dela sempre me animava.

Olhando para ela, eu entendia como podia ter a amado em um mundo diferente e em um momento diferente. Era apenas natural que eu me apaixonasse por uma garota que sorri para mim de maneira tão quente e adorável. Era uma foto muito, muito preciosa para mim.

Por isso, deletei ela.

Porque eu não podia mais escolher a Mogi-san.

Continuei em silêncio e olhando para a Kokone. Ela parecia derrotada pela minha atitude e não disse mais nada. Como estávamos a sós, a sala ficou num silêncio absoluto.

… Sim, estava um silêncio absoluto. Talvez por isso aquelas duas garotas da nossa sala pensaram que a classe estava vazia. Por causa desse erro, elas começaram a falar mal da Kokone enquanto voltavam das atividades de clube para

a classe.

— Ah, a Kokone está realmente agindo feito uma vadia ultimamente.

… Sem terem a menor ideia de que o alvo de suas palavras maliciosas estava logo ali.

— Ela não quer ser sempre o centro das atenções? Ela reclamando sobre os óculos ontem realmente me tirou do sério. Tipo, não damos a mínima para sua cara de merda! Se não quer falar com a gente, então apenas fale consigo mesma em frente ao espelho!

— Sim, totalmente! É tão irritante a forma como ela sempre está falando de si mesma! Além disso, ela não é nem de perto tão bonita quanto se diz. Comparar ela com a Maria-sama é como comparar dia e noite. Aposto que a Maria-sama é pelo menos três vezes mais bonita!

— Haha, Kou, você é tão terrível.

Eu reconheci aquelas vozes animadas. Elas pertenciam a duas garotas da nossa sala que andavam junto com a Kokone. As três normalmente almoçavam juntas.

— Mas é inegável. A Kokone não depende totalmente de maquiagem? Caramba, ela é tão desesperada para ficar popular entre os garotos.

— Hum… mas ela é popular… os garotos realmente não conseguem enxergar através de toda aquela porcaria?

— Ah, eles se apaixonam por você se você agir um pouco adorável e amigável. Acho que os garotos sentem menos vergonha se a garota não for tão bonita assim, não é mesmo?

— É isso que faz dela tão perfeita!

— Ei, me pergunto se ela realmente acha que todos gostam dela? Quero dizer, só andamos com ela porque ela atrai os garotos.

— É, ela é realmente útil para isso.

— Mas Deus, como isso me estressa. E ela se tornou muito menos útil desde que nosso príncipe de língua afiada parou de vir para a escola.

— Ah, Mii-chan. Oomine-kun era seu preferido, não era?

— Ele é duro por fora, mas na realidade é realmente gentil! Ele transborda dignidade e não é nem um pouco vulgar! Sou a única que realmente te entende, meu Daiya-kun!

— Ah corta essa, Mii-chan! Você só está dizendo isso por causa da aparência dele, não é?!

— Você tem um ponto. Pessoas feias merecem morrer, de qualquer forma!

— Mas o Oomine-kun não namora a Kokone?

— Hum, se você falar namorava, quem sabe?

— Ah, pode ser. Talvez ela tenha conseguido seduzir ele, mas eles terminaram quando ele percebeu como ela realmente é?

Eu queria cobrir meus ouvidos para fugir das suas calúnias absurdas, mas como poderia fazê-lo com a vítima estando bem do meu lado? Suas vozes se aproximavam, a qualquer momento as garotas ficariam cara a cara com a Kokone. Incapaz de tomar uma decisão, eu queria me virar para ela.

Ela deve estar branca como leite e petrificada. Talvez esteja começando a chorar… O que devo fazer? Devo ajudá-la a se esconder e esperar elas saírem? Depois disso eu poderia levá-la ao Mickey D's, escutar calmamente suas mágoas e tentar confortá-la o máximo que eu conseguir…

Mas não havia necessidade de confortá-la. Ela não estava nem um pouco incomodada. Kokone estava… sorrindo como se estivesse se divertindo.

— …Hã?

Na hora fiquei pasmo. Não entendia como ela podia manter a compostura diante de comentários tão vis. Ah, mas a retrospectiva muda tudo. Tendo presenciado seu comportamento subsequente, posso adivinhar o que ela achava tão divertido. O que Kokone deve ter sentido naquele momento deve ter sido…

— Hehe…

…um senso de superioridade. As duas garotas abriram a porta da sala. Assim que viram a Kokone, elas ficaram tensas de uma maneira ridiculamente abrupta.

— O…oh, você estava aqui?

Em contraste com suas expressões tensas, o rosto da Kokone permaneceu perfeitamente normal.

— Sim, estava.

Elas ficaram confusas com quão calma Kokone estava.

— Hum… Kokone…?

— Então é isso o que vocês pensam de mim. Eu sou um pouco densa, sabem, então nem percebi. Honestamente, sinto muito! Tentarei mudar para melhor, prometo.

— Hu…um, sim, Kokone…

— Eu sei, eu sei. Quando você fala mal de alguém é fácil exagerar um pouco, certo? Mas isso é só porque vocês se deixaram levar, não é o que vocês realmente sentem. É, eu sei.

Ela parecia bastante compreensiva diante daqueles comentários cruéis. Enquanto as garotas continuavam assustadas, seus rostos começaram a relaxar um pouco.

— E…exato!

— Nós só nos deixamos levar — elas disseram, inventando desculpas. O sorriso de Kokone continuou inalterado.

— Mas sabem, por eu ter ouvido o que vocês disseram, vai ter um pequeno desconforto entre nós… vocês entendem isso, certo?

— Si… sim.

— Mas eu tenho uma solução: por que vocês não me deixam dizer algumas coisas em compensação? Então estaremos quites e podemos voltar a ser amigas!

— Si… sim, você está certa. Diga o que quiser.

Após suas “amigas” concordarem com a proposta, Kokone abriu a boca e falou. Ela as olhou bem nos olhos e disse de forma clara e precisa.

— Morram suas vadias horrorosas.

Os olhos delas arregalaram em surpresa.

— Vocês são tão nojentas quanto um par de vadias no cio. Seus rostos são tão horríveis que não há ninguém no mundo que poderia ficar do perto de vocês para fazer vocês parecerem melhor. Você disse que a única coisa para qual sirvo é atrair garotos? Repita isso quando essas porcarias que chamam de rosto não forem horríveis demais para dar conta do recado! Mesmo que queiram me usar como um atrativo de garotos, qual o ponto… nem mesmo um cego se interessaria por um bando de vadias tão feias quanto vocês!

Conforme as palavras da Kokone começaram a ser registradas, uma das garotas ficou vermelha de raiva, enquanto a outra ficou pálida de horror.

— Hahaha, não consigo segurar o riso! Afinal de contas, vocês percebem que acabaram de reconhecer minha superioridade com a inveja estúpida de vocês, certo? É tão doloroso assim ser inferior? Por favor, não se deixem levar, ok? Eu não sou tão perfeita. De qualquer forma, deixem-me dizer isso: vocês são vadias inúteis cujo único propósito na vida é me fazer parecer ainda mais bela.

O brilho violento em seus olhos que atravessava as duas desapareceu repentinamente e um sorriso alegre reapareceu em seu rosto.

— Tudo bem, agora vamos esquecer tudo e ser amigas de novo!

Aquelas duas garotas não trocaram uma única palavra com a Kokone desde então.

Enquanto me lembro daquele incidente, estou usando o laptop da minha irmã, Luu-chan, para ver um vídeo no Youtube de um estranho grupo de pessoas em Shinjuku.

A essa altura entendi. Entendi como Kokone foi capaz de dizer coisas tão cruéis àquelas duas, enquanto derramava lágrimas pela Mogi-san. Eu costumava pensar que o objetivo da Kokone era realmente internalizar a imagem superficial e animada que ela tentava projetar. Mas isso não é verdade. De fato, agora estou

certo de que a Kokone foi forçada a agir daquela forma. De certa forma, era sua única escolha, mesmo que significasse pressionar a si mesma ao máximo.

Sem se pressionar dessa forma, Kokone não poderia continuar sendo ela mesma. E suspeito que aquelas duas garotas acidentalmente tocaram em uma área proibida da personalidade da Kokone. Por isso, ela perdeu o controle. Até agora, não descobri o que está alimentando seu conflito interno. Mas aposto que Daiya sabe a verdade.

— Ah, eu também vi esse vídeo! Ele é um garoto incrível, não? Tão carismático para alguém da idade dele.

Espiando a tela, minha "colega de quarto" fez um comentário totalmente fora de contexto. Me viro.

— …Ei, esse é o meu umaibo, não é?

Enquanto reclamo, Luu-chan já está abrindo uma embalagem de um umaibo sabor molho de tonkatsu.

— Mas você está usando o meu computador, não?

— Sim. Mas isso é irrelevante.

Ela relutantemente pega a carteira e pressiona uma moeda de dez ienes na minha mão… Não é isso que eu quis dizer… que seja. Mastigando o Umaibo, ela acrescenta de forma indiferente:

— Me pergunto, são pessoas assim que revolucionam o mundo?

Volto meu olhar para a tela do laptop.

É… talvez.

Daiya pode estar tentando destruir o mundo com sua "caixa".

Se ele está usando uma "caixa", definitivamente envolverá a Maria nisso. Quando isso acontecer, a vida normal da Maria será perdida e ela será novamente controlada por "Aya Otonashi".

— Eu…

…não vou deixar isso acontecer. Não importa como.

Durante o "Game of Idleness" percebi que meu inimigo é a "Aya Otonashi" que controla "Maria Otonashi" e está guiando Maria à sua morte. Pelo bem da Maria, preciso exterminar "O" e as "caixas" desse mundo.

Preciso parar o Daiya. Mas como?

Não sou um "portador". Dependendo do que a "caixa" do Daiya for capaz, posso não ter nada para usar contra ele. Então como devo proteger a Maria?

— …Hum.

Há uma solução extremamente simples. É um método que quero evitar do fundo do meu coração, um método que me obrigaria a trair meu antigo eu. Ah, mas por que ainda me importo? Já me preparei para sujar minhas mãos. Na verdade, eu já as manchei ao abandonar Koudai Kamiuchi.

Portanto…

Mesmo que eu precise obter e usar uma “caixa”, não me importo mais.

Deixe a batalha de “caixa” contra “caixa” começar. Uma batalha entre meu “desejo” de destruir “caixas” contra o “desejo” de Daiya. Não sei qual é o “desejo” do Daiya. Mas é algo pelo qual ele definitivamente irá lutar com tudo o que tem.

Mas não importa o que seja…

— Não irei aceitá-lo.

Todos os “desejos” que precisam depender de uma “caixa” são lixos absolutos. Não importa o quão importante esse “desejo” seja para o Daiya, é lixo. Vou destruí-lo e eliminá-lo completamente, sem deixar uma única mancha. Mesmo que eu precise matar o Daiya.

— …Kazu-chan, você tem estado um pouco assustador ultimamente. Seus olhos pareciam assassinos por um instante, sabia?

Ignoro o comentário da Luu-chan e desligo o computador.

Chego a uma resolução.

Daiya, serei seu inimigo.

Scene 1
『Close-Up Goodbye』
(16:30~18:00)

Cena 1

Close-up e Adeus

1. EXTERIOR DO HOTEL - NOITE

O hotel é bastante amplo e parece um hotel de negócios. Já anoiteceu, mas ainda não está completamente escuro.

2. QUARTO DO HOTEL

Um quarto básico sem muito em questão de mobília. Tem um tamanho decente. KOUDAI KAMIUCHI, um aluno do sétimo ano do ensino fundamental, trouxe MIYUKI KARINO aqui. Ela está cercada por um grupo de homens com sorrisos evidentemente obscenos. Seu rosto está coberto de medo. Atrás dos homens há uma cama de casal.

MIYUKI: K-Kou-chan!

Ignorando MIYUKI, KOUDAI fecha a porta. Sem perder um segundo, MIYUKI tenta escapar. Um dos homens bloqueia seu caminho. Procurando por um lugar para se esconder, ela instintivamente corre para o banheiro. Felizmente, há uma fechadura na porta do banheiro. MIYUKI a tranca. Ela se senta em frente à porta. Sua respiração está violenta. A silhueta dos homens pode ser vista pela porta parcialmente transparente.

HOMEM 1: Venha cá, minha doce Miyuki-chan!

HOMEM 2: Não fique assustada! Venha cá, vamos nos divertir juntos!

HOMEM 3: Você sequer sabe o quanto pagamos por você?!

Enquanto os homens batem na porta, os lábios de MIYUKI tremem. Ela abraça as próprias pernas com força. Ela faz várias tentativas frustradas ao tentar freneticamente abrir sua mochila. MIYUKI finalmente abre o zíper e tira um celular com vários acessórios da bolsa.

Ela começa a digitar com os dedos trêmulos.

3. DISPLAY DO CELULAR

"Socorro! Homens estranhos estão tentando...". Pálida, MIYUKI está digitando em seu celular. De repente, ela para. A câmera corta para o fim da mensagem, que simplesmente diz: "Me ajude".

4. FLASHBACK DA RINO

Corta para uma envergonhada, sorridente, recém-ingressada no ensino fundamental MIYUKI que está tendo seu cabelo acariciado por DAIYA OOMINE. Próxima a ela está KOKONE KIRINO. Ela está em pé perto do DAIYA e tem uma expressão inquieta em seu rosto.

5. BANHEIRO

À beira das lágrimas, MIYUKI continua a digitar. A câmera aproxima da tela do celular: "Me ajude Dai-kun!" Ela aperta o botão. "Sua mensagem foi enviada".

Daiya Oomine — 09/09 QUA 08h10min

Se alguém fosse fazer um filme sobre a minha vida, ele descobriria que é inútil esperar que surjam novos roteiros; a história da minha luta para transcender minhas próprias limitações pode ser original, mas não seria bem recebida. Tópicos como "caixas" e "O" são implausíveis demais para o fã de cinema comum.

De tudo, acho que as cenas envolvendo meu passado amoroso atrairiam mais telespectadores. Ah, mas, nesse caso, eles teriam que inventar um final feliz. Digamos que eu morra de uma doença terminal; Kiri aceita minha morte e segue adiante. Como isso soa?

Algumas décadas atrás seria um sucesso. Infelizmente, na realidade eu não morro. A vida continua mesmo depois que tragédias nos atingem e deixam para trás feridas permanentes.

A história de Daiya Oomine terminou há muito tempo.

As cortinas se fecharam.

Portanto, devo dar um desfecho para tudo o que resta da minha vida humana.

Com esse objetivo, voltei para a escola.

— Oh Kazu-kun… por que você não apenas admite que estava fascinado com a minha beleza?

— Hora de abrir os olhos dela, Hoshii! "Não. Eu apenas olhei para você porque a confundi com uma mosca de esterco gigante".

Kiri e Haruaki estão fazendo piadas mesmo que as aulas estejam para começar. Tento me juntar a eles sem me levantar da minha carteira:

— Sempre usei o termo "sede de sangue" sem pensar muito, Kiri, mas graças a você finalmente entendi seu verdadeiro significado. Não usarei mais esse termo desnecessariamente no futuro. Obrigado.

— Hã? Ah, meu brilho te fez incapaz de suportar sua própria miséria e agora você sente sede de sangue por si mesmo? Muito bem!

Que conversa falsa e superficial. É o mesmo que copiar uma música popular usando a partitura. É doloroso vê-los carregando essa rotina falsa. Eu desapareci por um longo tempo. Além disso, obtive uma “caixa” e mudei. Algumas pessoas na nossa classe devem ter assistido aos vídeos de Shinjuku e percebido minha atuação.

E voltei de repente no fim das férias de verão. Não tem como as coisas voltarem a ser como eram após um único dia. A atmosfera calorosa que a Kiri costumava buscar não existe mais. Como prova disso, algumas das garotas estão a evitando.

Provavelmente, esse cotidiano escolar estaria quebrado eu voltando ou não. A chegada de Maria Otonashi e as várias “caixas” com que Kazuki Hoshino se envolveu abriram várias trincas nessa estrutura. Mesmo assim, Kazu poderia ter sido capaz de manter a paz se assim tivesse escolhido — mas agora que ele superou o “Game of Idleness”, não se importará mais com algo tão fútil.

Esse falso cotidiano está chegando ao fim. E serei eu a dar o golpe de misericórdia.

Ontem coloquei dúzias de estudantes sob meu comando. Essa escola marca o início do meu plano. Se tudo o que é afetado por uma “caixa” é “distorcido”, então “distorcerei” o mundo todo.

Uso meu celular para mandar uma mensagem para uma certa assassina. Um dos alunos sob meu comando me conseguiu as informações de contato dela.

“Aqui é Daiya Oomine. Quero conversar, vamos nos encontrar no telhado durante o intervalo do almoço. Vou garantir que a porta estará aberta”.

Presidente do conselho estudantil, Iroha Shindou, aceita meu convite e aparece no telhado da escola durante o almoço.

— Há quanto tempo, Oomine-kun. Hã? Ah, mesmo isso não é verdade. Acho que essa é a primeira vez que nós realmente conversamos? — Ela diz. — Você não pode escolher um lugar melhor para se confessar? Estou suando feito louca.

Esperava que ela ainda estivesse se recuperando do “Game of Idleness”, mas… essa garota tem a coragem de conversar casualmente com alguém que ela enfrentou em um jogo mortal. Como esperado de Iroha Shindou. Isso apenas reforça minha decisão de chamá-la.

— Você se lembra de ter me matado, certo?

Minha pergunta direta fez os olhos dela se arregalarem por um instante, mas ela rapidamente a descarta, zombando:

— Você parece bem vivo, se quer saber!

— Parece que você lembra.

Shindou aperta os lábios e coça a cabeça. Ela pode parecer bem, mas não está realmente. O olhar em seu rosto revela que é tudo uma atuação.

— Bom, deixe-me ajudar sua pobre memória. Você deve ser inteligente o bastante para saber que aquele incidente não foi nem um sonho nem uma ilusão. Mas acredito que haja alguns lapsos em sua memória. Você se lembra da identidade do culpado?

Ela hesita por um instante, e responde com desdém:

— Foi o Kamiuchi, certo…?

— Certo. E já que se lembra disso, tenho certeza que você também se pergunta como Koudai Kamiuchi foi capaz de fazer algo como aquilo — digo e então, menciono uma certa palavra. — Ele tinha uma “caixa”.

Shindou está esperando que eu continue. Contudo, mantenho minha boca fechada, convencido de que já disse o bastante. Me vendo manter meu silêncio, ela coça a cabeça.

— Humm… você não resumiu demais a sua explicação?

— Eu não disse o bastante para você entender pelo menos parte do que está acontecendo?

— Parece que você está me superestimando. Não sou boa em tirar conclusões nem nada do tipo, sabia? …Mas uma “caixa”, hein. Pela forma que você disse, assumo que isso é a ferramenta que criou aquele jogo assassino? Ou devo pensar nela como uma ferramenta que, além de outras coisas, tem o poder de criar um jogo daqueles?

Como esperado, Shindou foi capaz de deduzir várias informações apenas com alguns comentários. Não apenas isso, ela até mesmo conclui:

— Então? Poderia ser que você também conseguiu uma dessas “caixas”, Oomine-kun?

Heh, quem você disse que não é boa em tirar conclusões?

— Sim. Apesar de não ser especializada em criar jogos assassinos, eu tenho uma “caixa” em meu poder nesse momento. Bom, não deve ter sido difícil para você deduzir isso, já que mencionei o assunto após te chamar até aqui.

— Hum, bom, apenas percebi que a sua atmosfera mudou, e isso deixa claro que algo deve ter acontecido.

Minha atmosfera mudou? Isso não me surpreende, depois de tudo que fiz após ter me tornado um “portador”.

— E então, o que exatamente é uma “caixa”?

— É uma ferramenta capaz de garantir qualquer desejo.

— Qualquer desejo? Não parece ruim. Mas na maioria das vezes você não pode aceitar algo assim literalmente, certo? É quase certo que essa coisa é

amaldiçoada. Como uma peça de equipamento que você não pode remover de um RPG famoso. Ah, deixe-me esclarecer: Eu tenho senso comum o bastante para rejeitar essa história de “caixa”. Mas já que não chegaríamos a lugar nenhum dessa forma, estou assumindo que isso existe — ela diz. E com uma atitude depreciativa, adiciona: — Deixando isso de lado, qual foi o seu desejo, Oomine-kun? Amor correspondido? Oh, que fofo de sua parte!

— Uma revolução mundial.

Ela fica em silêncio abruptamente.

— … Está falando sério?

— Sim.

Incerta sobre como reagir, Shindou responde sem qualquer expressão:

— Há… que seja. Vou acreditar em você. Então isso quer dizer que você está tentando comandar a linha de frente para mudar o mundo com esse poder? Escute Oomine-kun… não acho que você seja apto para o serviço, não acho que você esteja pronto para começo de conversa.

Ela com certeza não mede as palavras. Mesmo assim, a avaliação dela é perfeitamente natural, já que ela me conhece apenas pela “Game of Idleness”. Como NPC, tudo o que fiz foi rejeitar contato com os outros. Não apoiei ninguém.

Alguém que quer “comandar a linha de frente” deveria ter protegido os outros jogadores como Shindou fez. Se perguntassem quem seria o melhor líder entre nós dois naquele momento em particular, qualquer um teria votado na Shindou.

Mas exatamente por causa disso, preciso superá-la.

É por isso que a chamei até aqui…

…até o ensolarado telhado onde eu projeto uma densa sombra.

— Deixe—me dizer como vou mudar o mundo.

— Sério? — Ela responde desinteressada. — Sabe, honestamente, não estou interessada. Posso te ouvir se insistir, mas podemos pelo menos ir até a cantina? Estou torrando aqui fora.

— Não.

— Haha. Então adeus. Você já sabe meu endereço de e-mail então mande uma mensagem. Tenha certeza de colocar “meu *brilhante* plano para mudar o mundo” como assunto. Piff. Você definitivamente assistiu animes demais, Oomine-kun. Se você me mandar uma mensagem dessas, eu sequer abriria, muito menos chegaria a ler.

Ela se vira, mas bloqueio seu caminho.

— Ei. Eu sei que sou tão linda que você não quer me deixar ir, mas nenhuma garota gosta de caras insistentes, sabia? Se fosse a Yuuri, iria chorar na frente dos meus admiradores para eles te darem uma surra.

Shindou passa por mim. Mas isso não importa mais. Já consegui cumprir meu objetivo.

Já consegui fazê-la pisar na minha sombra.

Portanto…

O pecado de assassinato flui para dentro de mim.

Esse sim é um forte. Estou tendo dificuldades em me manter de pé.

Quando estava lidando com aquela aluna do fundamental, havia um profundo sentimento de ódio, mas esse pecado é como uma lâmina. Que estimulante. Apenas um instante de descuido e esse pecado perfurante rasgará meu interior em pedaços. Mas absorvo esse pecado.

— Shindou — digo para as costas dela. — Se afogue em seus próprios pecados.

Agarro a “Sombra do Pecado” que acabo de receber e…

— … Ah!

…a engulo.

— Uh… Ah… AH!

Momentos antes de alcançar a porta, Shindou repentinamente começa a gemer. Sua face se distorce de dor e ela vai ao chão, como se seu coração estivesse sendo esmagado. Ela está encharcada em suor frio. Shindou está sentindo a mesma dor perfurante que eu.

Sofra. Esse é o seu pecado.

Olho-a no chão enquanto ela me encara desafiante de sua posição agachada.

— O que… você… fez?!

— Apesar de parecer bem, parece que você ainda não superou aquilo, no fim das contas. Você apenas ficou boa em disfarçar, hein.

— Estou perguntando o que você fez!

— Simplesmente a lembrei de sua culpa.

— …Hã?

— Oh, bem. Deixe-me dar uma explicação sobre minha “caixa”, a “Shadow of Sin and Punishment”. É uma “caixa” que me permite subjugar humanos e controla-los à vontade. Uma vez que engulo a “Sombra do Pecado” de alguém, essa pessoa se lembra do momento em sua vida em que seus ataques de culpa eram mais fortes. Para ser exato, ele se lembra dos sentimentos que teve naquele momento. No seu caso, foram os assassinatos que você cometeu dentro do

“Game of Idleness”.

— …E… esses sentimentos são… daquela vez…? Por isso… eles parecem tão familiares — ela diz, com os olhos lacrimejando.

— Você foi [subjugada]. Agora posso controla-la a vontade.

Com a mão no peito, ela se levanta e assume uma postura hostil.

— Você acha que me [subjugar] dessa forma vai provar o quão bom você é ou o quê?

— Não tem sentido nenhum em fazer isso, tem?

Shindou enruga a testa.

— …E…então o que você está pensando?

— O poder da “Shadow of Sin and Punishment” é ativado por meio das sombras. Vê minha silhueta no chão? É isso. Esta sombra, que se tornou mais escura do que preto por causa dos inúmeros pecados que foram absorvidos por ela, é a minha “caixa”. Mas esta “caixa” não pertence apenas a mim. Ela é compartilhada entre as pessoas cujos pecados absorvi.

— …Isso quer dizer que…

— Quer dizer que você também pode usar.

Ela arregala os olhos.

— Espere. Nesse caso, você me chamou aqui porque você quer…?

Compreensão rápida, como sempre. Adivinhando minhas próximas palavras, ela continua:

— Você quer que eu seja sua aliada?

Apenas levanto um dos cantos de minha boca como resposta. Quero aumentar minhas chances de derrotar o Kazuki e seus companheiros. Para isso, preciso da determinação inabalável de Iroha Shindou.

— Dito isso, se você discordar de minhas intenções, não irá cooperar. Portanto, vou explicar o que planejo fazer.

— …Certo, certo, entendi. Apenas faça algo sobre essa dor!

— Impossível. Essa dor era sua desde o princípio. Eu simplesmente a despertei. Faça algo sobre ela você mesma. Caso contrário, você não será digna de meu poder e apenas tirarei vantagem de você como uma serva.

— Seu poser meia-boca de visual kei…! Tch, certo, certo, já entendi! Não me subestime, tá legal? Desde que eu saiba de onde esses sentimentos vêm, é uma maldita brincadeira de criança coloca-los sob controle. Espere um instante até eu clarear minha mente. Vou destroçar esse seu plano apenas com palavras! — Ela chia… e então, respira fundo, como se tivesse acabado de terminar uma série puxada de exercícios. Após mais algumas respirações, ela gradualmente vai se

acalmando.

— Certo, por favor, continue — ela me apressa, tendo recuperado completamente sua compostura. Nada mal. Certamente não esperava que ela realmente esclarecesse sua mente em alguns segundos.

— Muito bem. Planejo reforçar o nível de moral da humanidade. Para isso, vou criar uma nova perspectiva que julga o mundo atual.

— Ah, certo… me perdi legal, mas continue.

— Certo, vamos dizer que você está para vandalizar uma estátua de Cristo. Mesmo que você saiba que é um bloco de pedra sem vida, você teria dificuldade em juntar determinação para fazer isso. Suponha que você é ateia… mesmo assim você é condicionada socialmente a respeitar Deus, e é natural temer que você possa de alguma forma acabar amaldiçoada.

— É, acho que você está certo.

— Seja Buda, Deus, sociedade ou o que quer que seja: é mais difícil cometer uma malfeitoria se houver uma crença em alguma entidade universal que julga suas ações. Usando a “Shadow of Sin and Punishment”, irei criar um novo observador universal.

— Como?

— Você ouviu falar dos “Cães Humanos”?

— É claro. Ah… você está por trás disso? Mas por que você usaria uma aproximação tão indireta sendo que você tem uma “caixa” que pode fazer qualquer coisa? Por que você não desejou que todos se comportassem eticamente, em primeiro lugar?

— Eu sou um realista, portanto, meu desejo é limitado.

— Hum? Pobre garoto. Que seja, mas se outras pessoas também podem usar o poder de controlar os outros, certamente haverá alguns que abusarão dele, certo?

— Talvez, mas isso não é realmente um problema.

— Você acha?

— Eu não vou sair criando [mestres] aleatoriamente. A menos que alguém que já é um [mestre] permita, é impossível adquirir o poder de controlar os outros. Nesse momento, sou o único [mestre]. Na verdade, você também é a primeira a saber que a “Shadow of Sin and Punishment” é uma “caixa” que pode ser compartilhada.

— Oh, que honra — ela diz sarcasticamente. — Mas isso significa que eu seria capaz de criar novos [mestres] se você me tornar um [mestre], certo? Você não perderia o controle se o número de usuários aumentar exponencialmente?

— [Mestres] não irão passar seu poder de forma descuidada. Você vai entender o porquê quando receber o poder.

— Vou entender, hein… bom, mesmo que isso seja verdade, você ainda não me convenceu de que esse poder não será abusado.

— Você está conectada aos outros através de sentimentos de culpa. Se você estiver ciente do fato de que está abusando de sua “caixa”, isso levará a sentimentos de culpa. E esses sentimentos serão repassados para os outros… especialmente aos [mestres].

— Humm. Então todos estão meio que em constante vigilância mútua.

Ela aperta os lábios novamente. Ah, se me lembro bem, ela tem o hábito de fazer isso.

— Bom, acho que entendo. Mas Oomine-kun, por que você usou sua “caixa” para algo assim? Se quer saber, você seria muito mais feliz se fosse honesto sobre seus desejos.

Fico em silêncio por alguns instantes. Gostaria de não ter que dizer isso a ela, mas preciso de sua cooperação. Abro minha boca enquanto mecho com um dos meus piercings.

— Eu odeio pessoas ignorantes.

— Bom, eu também não gosto deles, e acho que qualquer um com alguma inteligência concorda.

— Até certo ponto em minha vida, eu acreditava que vidas eram arruinadas por maldade consciente e espontânea. Eu achava que vilões eram os responsáveis pela destruição das pessoas boas. Mas estava enganado. São os idiotas ignorantes que roubam a felicidade dos outros e arruínam suas vidas. Não os maus… são os tolos, os lixos incapazes de considerar o quanto suas atitudes egoístas irão machucar os outros. Vamos citar um ladrão de lojas como exemplo. Por causa das perdas causadas pelos roubos, uma loja assaltada pode fechar as portas. Um dos empregados pode ser incapaz de encontrar um novo emprego e a família dele ou dela pode se separar por causa da falta de renda. Se o assaltante tivesse considerado todos esses fatores e ainda assim continuasse a roubar maliciosamente, então ele apenas seria uma pessoa má. Mas a maioria dos ladrões não é assim. Eles têm uma vaga ideia de que roubar é uma coisa ruim, mas ainda roubam para satisfazer seus desejos sem sequer considerar os danos colaterais causados por suas ações… e arruínam a vida de outros em pensar duas vezes.

— Oomine-kun — ela diz, com uma expressão preocupada pouco característica dela. — Sua felicidade foi tomada por alguém assim, certo?

Não tenho intenção de responder essa pergunta.

— Assim que a “Shadow of Sin and Punishment” tiver o impacto desejado no mundo, as pessoas estarão mais cientes de seus pecados. Esse também é o motivo de eu estar causando tanta polêmica sobre os “Cães Humanos”. Quando todos refletirem sobre o significado de culpa, a ética irá melhorar. As massas vão começar a considerar as consequências de suas ações. Elas irão parar de cometer crimes. E finalmente, o número de tragédias irá diminuir.

— Você acha que vai ser tão simples assim?

— O dado já foi lançado. Não há mais volta.

Shindou me encara com olhos pensativos.

— Mas diga… esse realmente é o seu… — Ela para. —… Não, esqueça o que eu disse. Humm, acho que a “Shadow of Sin and Punishment” é um sistema inteligente, e o que você está fazendo é bem interessante, mas, como disse antes, não acho que você esteja apto para o serviço.

— Que tal me julgar então?

— Hã?

— Irei te passar o poder de [mestre] agora. Para poder [controlar] um [servo], você precisa suportar o farto dos pecados dele. Irei te passar… sim, os pecados de dez pessoas, incluindo alguns de seus colegas de classe.

— Então você me deixará [controlar] essas dez pessoas? Não estou muito certa sobre como devo te julgar com esse poder…?

— Você entenderá logo.

— … Humpf. Tem certeza? Ainda não concordei com você, então posso não cooperar mesmo após receber esse poder?

— Se você ainda achar que não sou digno de sua cooperação após me julgar, então não me importo. Mas se você me aceitar, terá que cooperar comigo… sem “mas”, nem “se”, nem “e”.

Shindou assente e sorri provocativamente… como se estivesse lidando com uma criança mimada.

— Ok, fechado! Estou convencida. Se te aceitar, ajudarei no seu plano.

— Não se esqueça dessa promessa!

— Ah, só para lembrar, não tem nenhum duplo sentido nisso, ok? Já estou interessada em alguém.

Não posso segurar a risada, enquanto ela continua fazendo piadas bobas. A última vez que ela se envolveu com uma “caixa”, foi forçada a cometer assassinato… mesmo assim, ela está completamente relaxada agora. Aposto que ela está certa de que não terá que me aceitar. Ela deve estar pensando que não pode possivelmente ser derrotada pela minha “caixa”.

— … Heh.

Não fique convencida, Shindou! Farei você se arrepender de ter aceitado esse acordo com tanta arrogância. Vou te derrotar e provar qual de nós é mais capaz! Irei literalmente coloca-la sob meu comando e fazê-la lamber meus pés.

Um leve sorriso se forma em meu rosto enquanto fecho meus olhos. Ao mesmo tempo, me fecho. Procuro, entre os inúmeros pensamentos, aquele torpor no meu interior. Se tornar um [mestre] também significa domar esses monstros, a “Sombra

do Pecado" dos [servos], que nunca cansam de se revoltar e tentar destruir o corpo de seu hospedeiro. Shindou, você é capaz disso?

— Shindou.

— O quê?

— Não perca sua confiança nas pessoas.

Seguro a cabeça dela e enfio meus dedos indicador e médio na boca dela… junto com uma "Sombra do Pecado".

Engolir um pecado é como engolir a parte mais suja da alma de uma pessoa e aceita-la.

A primeira vez que absorvi o pecado de alguém, pensei que meu corpo tinha se tornado verde e começado a emitir um odor fétido. Até mesmo tive a sensação de que o sangue sujo fluindo em minhas veias estava fazendo minhas células apodrecerem. Em plena luz do dia, tive alucinações com o meu corpo apodrecendo como o de um zumbi. As pontas do meu dedo fediam a fezes e cheguei a temer que fosse começar a atrair moscas. Esse foi o tanto que eu sofri.

Mas Shindou conseguiu engolir um pecado sem qualquer problema.

Talvez apenas pessoas fracas sintam essa dor, e Shindou seja tão forte que ela pode não ser afetada. Se isso acontecer, eu perdi. Terei que desistir de tê-la do meu lado. Mesmo assim, meu plano vai continuar, mas essa derrota terá graves consequências. Perderei a força dela e pior, começarei a duvidar sobre minha capacidade de ser um [mestre]. Por isso…

— Uh... Ah... AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHH!!

Esse grito de estremecer os ouvidos me alegra.

— Ah, ugh, AAAH! Nã…o! Pare com isso, que merda é essa! Tão sujo—sujo—ai—aii— AIII—AAARGH—nojento—merda—isso é DOENTIO—apenas—MORRA, esse cara não merece viver!

A verdade que ela acabou de descobrir é ainda pior do que essa raiva.

— Mas! Mas! …Um humano. É apenas… um humano… qualquer.

Esse horror vem de uma pessoa comum que vive normalmente. Essa pessoa não é um criminoso, nem alguém doentio… ele é apenas uma pessoa comum que a Shindou pode até conhecer e se dar bem com.

Pessoas cometem pecados apenas por viver. A maior parte de nós se acostumou com esses pecados sem perceber. Por meio dos nossos valores egoístas e individualistas, nós perdoamos a nós mesmos. Mesmo que nossos pecados sejam nojentos de uma perspectiva externa, nós rapidamente os aceitamos sem qualquer problema porque nos acostumamos com nossa própria sujeira. De forma resumida: cada humano pega terrivelmente leve consigo mesmo. Nós humanos somos sujos. Portanto, nós ferimos os outros apenas por viver.

Observando Shindou pelo canto do olho, murmuro:

— Mais nove.

Seguro a cabeça dela e me preparo para fazê-la engolir outra sombra, mas ela subitamente me agarra pelo cabelo, com um rosto completamente vermelho.

— Não me venha com essa! Seu… o que você está tentando fazer comigo?

— Você quer que eu pare?

Ela me lança uma carranca com olhos úmidos.

— É claro que quero! NOVE?! Mesmo uma a mais seria demais!

— Mas eu tenho novecentos e sessenta e sete deles — digo do nada, deixando —a atordoada. — Estou dizendo que já suporto o fardo de novecentas e sessenta e sete pecados.

— Vo… — Ela é interrompida por um acesso de tosse. Ainda mostrando hostilidade, continua. — Você tem novecentos e sessenta e sete dessas coisas?

Shindou ri e chacoalha a cabeça.

— Haha, impossível! Sua mente não seria capaz de suportar isso! Não sem estar preparado para arruinar a si mesmo!

— Sim. Você está certa.

— Hã?

— Sei que minha ruína é inevitável. Posso ficar insano, morder minha língua e morrer a qualquer momento. Estou preparado para tudo isso.

Minha vida terminará de forma miserável. Ninguém irá me elogiar ou respeitar; Serei apenas menosprezado. As pessoas irão apenas desviar o olhar dos meus restos sujos, tapar seus narizes por causa do fedor e talvez chutar meu corpo em uma vala. Isso é tudo.

Mas estou preparado para isso.

Não importa o preço, irei eliminar todos os ignorantes.

Shindou lentamente alivia a força em seu aperto.

— Não me importo em morrer desde que consiga armar o cenário até certo ponto. Nesse momento, meus aliados prosseguirão com o plano. Foi por isso que designei minha “caixa” para ser compartilhada. Posso passar a “Shadow of Sin and Punishment” adiante mesmo que eu morra. Desde que eu não abandone minha “caixa”, o sistema continuará intacto. Assim que o sistema estiver funcionando, não me importo em morrer.

— O que você…

— E aí? — Zombo. — Sou ou não sou superior a você?

Olhando no fundo dos meus olhos, ela solta o meu cabelo. Então, ela limpa as

lágrimas com um hábil movimento de seus braços, respira fundo e se acalma. Seu olhar está afiado novamente, e ela ergue um dos cantos dos lábios.

— … Aceitarei mais nove. Afinal de contas, eu prometi.

— Está bem com isso?

— É claro que não! Mas mantenho minhas promessas e acredito que sou capaz de qualquer coisa.

Um sorriso provocante aparece em seu rosto.

— Você tem meu respeito, Daiya Oomine! Vou apoiar esse seu plano até seu último suspiro!

Daiya Oomine — 11/09 SEX 16h13min

Certo. Essa é uma súbita virada de eventos, então vamos pôr os fatos em ordem.

Em que situação estou agora?

Estou preso dentro de um cinema.

Fui jogado em um cinema carmesim. É tão estéril e sem vida que o próprio ar parece estranho e não posso evitar me sentir agitado e intimidado.

— Hum...

Vamos revisar o que me trouxe a essa atual situação. Junto com a Shindou, comecei a assumir o controle sobre nossa escola. Uma vez, Shindou me perguntou se tinha qualquer sentido em fazer aquilo. Realmente, não ganhamos qualquer vantagem estratégica em colocar nossa escola em nosso comando e tornando-a nossa base. Contudo, isso é uma necessidade absoluta de um ponto de vista psicológico: por não ser capaz de me desfazer completamente de minha fraqueza, eu precisava de uma cerimônia para abandonar meu “cotidiano escolar” de uma vez por todas.

Derrotar Otonashi, que pode sentir “caixas”, derrotar Kazuki Hoshino que é o arqui-inimigo das “caixas” e abandonar Kokone Kirino, o símbolo da minha vida escolar… esses eram os rituais que precisava completar. Até mesmo decidi a ordem em que ia realizar esses rituais. A 999ª pessoa de que eu assumiria o controle seria Maria Otonashi, o 1000º seria Kazuki Hoshino e a 1001ª – Kokone Kirino.

Após isso, começaria a produzir “Cães Humanos” em massa. E então, eu remodelaria o mundo usando minha “caixa”.

Nós fizemos um bom progresso em controlar nossa escola, mas tudo correu tão bem que estava começando a me preocupar. Era estranho que Kazu e

Otonashi, que sabem que sou um “portador”, não agirem. Naturalmente, esperava que eles entrassem em meu caminho no momento em que voltei para a escola.

Mas eles não fizeram isso.

Eu os vi juntos na escola, mas eles apenas me observavam de longe. Kazu estava me ignorando e Otonashi, embora parecesse se preocupar comigo, não fez nada. Talvez Kazu esteja restringindo ela. Somente quando eu fiz meu 998º [servo], Yuuri Yanagi, ele apareceu diante de mim.

— Estava me perguntando até quando você ia me fazer esperar.

Foi após a aula, estávamos na biblioteca. Eu tinha acabado de tornar Yuuri Yanagi uma [serva] abertamente. Afinal de contas, Shindou bloqueou a livraria e os outros estudantes lá já estavam sob meu comando. Yanagi estava cheia de angustia por ter cometido o pecado de assassinato. Kazu lançou um breve olhar de pena na direção dela, e então me encarou.

Para minha surpresa, ele tinha se escondido lá sozinho. Mas agora que penso sobre isso, faz todo o sentido. Kazu não depende mais da Otonashi. Ele não a deixaria sequer chegar perto de uma “caixa”. Ele deve tê-la convencido de alguma forma a permanecer passiva.

— Daiya — ele me chamou e sorriu. — Está preparado?

Eu não pude esconder minha surpresa diante desse sorriso. Um sorriso tão similar ao sorriso charmoso de “O”. Perdi o equilíbrio e imediatamente comecei a pensar sobre o significado dessa semelhança. Enquanto isso, Kazu se aproximou de mim. Kazuki Hoshino sussurrou em meu ouvido com uma voz doce, como se estivesse seduzindo uma garota.

— Vou te esmagar.

No momento em que ouvi essas palavras, repentinamente me encontrei em um cinema. Um fenômeno inconcebível. Percebi imediatamente: Isso é uma “caixa”. De quem?

— Não me diga que…

É fácil chegar a uma resposta após considerar a situação. Além disso, já tinha considerado esse cenário. Mesmo assim, me vejo incapaz de aceita-lo imediatamente. Afinal de contas, Kazu costumava odiar “caixas”. Mais do que qualquer coisa, ele repugnava “O”, que fascinava qualquer outro. Ele realmente recorreria a uma “caixa” para se opor a mim?

— Não…

Estou errado. Ele não está tentando se opor a mim. Ele está protegendo Maria Otonashi ao atacar minha “caixa”. Por esse propósito, Kazuki Hoshino usou uma “caixa”. E me jogou dentro dessa “caixa” em forma de cinema.

O cinema em que me encontro tem diversas salas. Lembra o cinema em um shopping próximo, provavelmente porque Kazuki é o “portador”. Mesmo sabendo

que era fútil, procurei por uma saída. Mas não havia nenhuma para ser encontrada. O corredor está coberto por um carpete vermelho perfeitamente livre de pó que se curva infinitamente. Se eu tivesse a planta do andar, provavelmente descobriria que esse corredor forma um círculo perfeito. Existem quatro entradas que levam a telões diferentes. Cada sala parece idêntica em tamanho, dimensão do telão, número de assentos e todos os outros detalhes.

É um local completamente mórbido.

A conclusão que cheguei: Estou preso dentro dessa “caixa” em forma de cinema.

Com meus pensamentos organizados, penso em uma nova pergunta: O que essa “caixa” faz? O que vai acontecer a seguir?

Olho para o painel digital próximo a mim. A tela mostra que filmes serão exibidos, em que horário e em que tela.

SALA 1: “Close-Up e Adeus” (16:30 – 18:00)
SALA 2: “60 Pés e 6 Polegadas de Distância” (18:30 – 20:00)
SALA 3: “Repetir, Recomeçar, Recomeçar” (20:30 – 22:00)
SALA 4: “Piercings aos Quinze” (22:30 – 24:00)

Cada filme tem duração de uma hora e meia, com trinta minutos de espera entre um e outro. O que significa que os filmes começam exatamente com intervalos de duas horas entre eles. O último filme termina hoje – 11 de setembro – à meia-noite.

Isso significa que preciso assistir todos eles? Olho para o meu relógio. São 16h24min. Também checo meu celular (que não tem nenhum sinal no momento) para confirmar a hora. O painel digital está mostrando o mesmo horário. Dito isso, estou dentro de uma “caixa”: o tempo pode ser flexível e não necessariamente precisa prosseguir em sincronia com o mundo real. Contudo, é seguro assumir que o primeiro filme, Close-Up e Adeus, irá começar de acordo com o horário em meu relógio.

— Humm...

O que devo fazer?

Kazu provavelmente espera que eu assista a esses filmes. Por outro lado, se não assistir, não saberei o que ele está planejando. Posso não conseguir bolar uma contra estratégia, o que contribuiria para o sucesso do plano do Kazuki. Devo assistir aos filmes para continuar informado? Ou devo ignorá-los para resistir a essa “caixa”? Meu debate interno acabou se tornando sem sentido.

De repente, estou em frente a uma tela de cinema.

Fui transportado novamente. O abuso desses efeitos sobrenaturais me faz suspirar.

Imediatamente, analiso minha situação. Não estou sendo forçado a assistir ao filme. Eu posso me levantar e sair se quiser. Mas não sinto vontade de sair. A apatia que estou sentindo não tem qualquer relação com a minha vontade. Provavelmente… Não, definitivamente é por causa dessa "caixa".

De início, tento resistir ao poder que me prende no meu assento. Não é como se não pudesse me mover. Posso me levantar. Contudo, só de me levantar, me sinto horrivelmente apático… quase como se estivesse com uma febre alta. Ficar em pé por muito tempo é impossível… minha determinação acabaria imediatamente.

Resistindo ao senso esmagador de letargia, olho ao redor.

…

O que está acontecendo?

Têm pessoas ao meu redor.

E não apenas algumas… não faço ideia de onde eles vieram, mas a sala está lotada como estaria em uma noite regular no cinema. Haruaki também está presente. E, embora ele já esteja morto, vejo Koudai Kamiuchi também. Não conheço todos na audiência… me lembro de ter apenas visto alguns e outros jamais sequer vi.

… Por que Kamiuchi está aqui? Por que essas pessoas foram escolhidas? Se a "caixa" está sendo usada para reunir pessoas que conheço, por que alguns membros da audiência são basicamente estranhos?

As expressões deles estão rígidas como máscaras. Provavelmente, eles são apenas fantoches sem vida. Kazu está indo longe demais com todos esses efeitos especiais assustadores.

De início, fico um pouco assustado, mas por eles serem tão exagerados, rapidamente me recomponho e percebo que eles são apenas parte dos efeitos especiais. Continuo a observá-los calmamente, tentando encontrar algum denominador em comum… em vez disso, descubro algo novo e misterioso.

— Mas que porcaria é essa?

Está na última fileira no canto direito… não, não estou colocando isso da forma certa. *Não está lá… Não está lá*.

Naquele assento, há um buraco escuro como breu com a forma de uma pessoa. É escuridão absoluta. Um buraco diferente de uma sombra. Se fosse para dar um nome… seria um "abismo".

Sua anomalia me faz franzir a testa e perder a vontade de resistir à letargia que me prende em meu assento.

— …Ah!

Finalmente a percebo. A garota sentada ao meu lado.

— …Rino.

Miyuki Karino.

A ex-namorada da pessoa que matei, Koudai Kamiuchi. Uma amiga de infância da minha vizinhança, um ano mais nova. Uma amiga de infância com quem nunca mais vou conversar.

— Ugh…

Ela é como os outros bonecos sem vida, inexpressiva e não demonstrando qualquer reação a mim. Mas não consigo me convencer de que ela é apenas um objeto como os outros.

Não consigo deixar de me lembrar do meu antigo eu por estar sentado ao lado dela. Antes que possa colocar meus sentimentos sob controle, um som de zumbido anuncia o início do filme.

Parte por reflexo, olho para a tela.

Um hotel qualquer apareceu na tela.

É pelo fato da vítima daquele incidente estar ao meu lado que posso reconhecer esse prédio imediatamente? A Rino do fundamental está cercada por homens com sorrisos obscenos. Com o rosto pálido, ela foge para o banheiro, pega o celular e começa a digitar uma mensagem, com seus dedos trêmulos. Alguns momentos depois, ela manda uma mensagem para mim.

A cena muda.

Um garoto de cabelos pretos aparece estudando em sua escrivaninha, em casa. A câmera foca no “eu” da época do ensino fundamental. Abro meu celular vibrante. A mensagem que a Rino acabou de me mandar aparece.

Ah, estou me lembrando do que aconteceu naquela época. No começo, eu não acreditei na mensagem que ela me mandou. Por um motivo: Rino sempre foi de pregar peças. Mais do que isso, naquela época eu ainda era ingênuo e não podia imaginar que uma amiga minha fosse ser a vítima de tal crime. Eu acreditava que jamais entraria em contato direto com algum crime no mundo real: crimes apenas aconteciam na TV e não tinham qualquer relação comigo.

— Não há dúvidas de que isso é uma armação. Mas e se ela realmente estiver com problemas?

Na tela, estou sussurrando para mim mesmo e finalmente ligo para Rino.

— Oi, Rino?

— Da-dai-chan, me... me ajude…– a voz da Rino está trêmula

Também ouço vozes masculinas no fundo:

— Ei! Com quem você está falando?!

Crash... o som de vidro quebrando. O grito da Rino.

A ligação cai.

Naquele momento, finalmente percebi o que tinha acontecido com ela. E piorei ainda mais a situação dela ligando sem pensar. Enquanto tentava desesperadamente me acalmar, liguei para a polícia imediatamente.

Finalmente, consigo desviar os olhos desse filme completamente repulsivo, e olho para a falsa “Miyuki Karino” sentada ao meu lado. Não precisa ser dito que ela ainda está inexpressiva. Mas isso ainda passa uma mensagem de reprovação silenciosa.

…

…

...

Finalmente percebo o que os membros da audiência têm em comum.

Eles são os atores. Haruaki e Kamiuchi… ambos têm papéis a atuar. Ah, parece que os homens que estão atacando a Rino estão na audiência também. Rino e eu somos as estrelas, é claro. A Rino ao meu lado está vestindo um uniforme desconhecido. Provavelmente é o uniforme do ensino médio que ela frequenta atualmente.

… Entendo. Então ela conseguiu entrar no ensino médio.

Quando entrei no ensino médio e comecei a morar sozinho, acabei com todas as relações que tinha no ensino fundamental — Haruaki e Kiri são as únicas exceções. Por isso, nem sequer sabia se a Rino tinha conseguido se tornar uma aluna do ensino médio após aquele incidente traumático.

Novamente desvio meu olhar dela. Quero desviar meu olhar de tudo o que vejo. Mas o poder dessa “caixa” está me forçando a assistir. Contra minha vontade, meus olhos se voltam para a tela.

…

Rino está chorando e se debatendo desesperadamente na cama do hotel. Cada quadro do filme me faz querer gritar em agonia. Isso não é um filme... são apenas momentos do meu passado. Meu passado da perspectiva da Rino.

Ela sendo abandonada naquele hotel, eu e Haruaki chegando tarde demais para resgatá-la, tudo começando a desmoronar daquele ponto em diante é apenas a dura realidade que tenho que encarar.

É…

É, entendo…

É a apresentação dos meus pecados.

No momento em que percebo isso, minha consciência começa a me torturar. Minha “Shadow of Sin and Punishment” está entrando em fúria.

— Ah!

Entendo Kazu! Então esse é o seu plano! Seu objetivo é minha autodestruição. Sendo jogado em um cinema que me mostra o meu passado, desmoronarei sob o peso dos meus pecados. Apenas por tolerar a “Shadow of Sin and Punishment”, já estou em meu limite. Como minha situação já é precária, Kazu pode me derrotar sem se colocar em perigo. Tudo o que ele precisa fazer é dar um pequeno empurrão e cairei da corda bamba sobre a qual estou andando.

As inúmeras “Sombras do Pecado” dentro de mim estão em fúria. Elas estão constantemente esperando pela minha destruição. Elas estão lambendo os lábios em antecipação pela minha queda no abismo. Elas querem destroçar meus ossos com seus dentes e me devorar assim que eu cair em suas bocas.

Droga, mesmo esse sendo meu próprio poder, que bando de cães estúpidos. Eles não entendem quem é o mestre deles. Enquanto estou massageando minhas têmporas para aliviar a dor, a falsa Rino entra em meu campo de visão. Embora supostamente devesse ser sem vida, ela está me encarando sem piscar.

De perto.

De perto.

Ela está me encarando bem de perto.

— …O que foi?

Pergunto, mesmo sabendo que ela não pode responder. Rino continua me encarando. Sem piscar. Sem dizer uma única palavra. Eu sei. Ela é um objeto. Uma artimanha criada pela “caixa”. E mesmo assim, não consigo segurar meu impulso de falar com ela.

— Você quer dizer que me odeia ou o quê?

Silêncio. Rino continua me encarando. Sem piscar. Sem dizer uma única palavra.

— É claro que sim, não é mesmo? Mesmo assim, ainda desejo do fundo do meu coração que não tivesse tentado te resgatar naquela época! Que eu não tivesse te tratado tão gentilmente! Que você tivesse se suicidado após ter sido estuprada por aqueles lixos!

Silêncio.

Rino continua me encarando. Sem piscar. Sem dizer uma única palavra.

— Sim, você me ouviu! Por que não vai se matar? Como ousa viver tão

descaradamente? Não te ensinei que pessoas como você deveriam ter vergonha de viver?

Silêncio.

Rino…

Não, cada pessoa nessa sala está me encarando. Sem piscar. Sem dizer uma única palavra.

…Com olhares repreensivos.

— Pare com isso.

As palavras que acabo de ouvir por acaso foram ditas por um ator na tela.

— Pare de criar desculpas para convencer a si mesma de que ela merece sofrer!

A pessoa falando com a Rino era meu antigo eu daquela época.

Corta para a próxima cena.

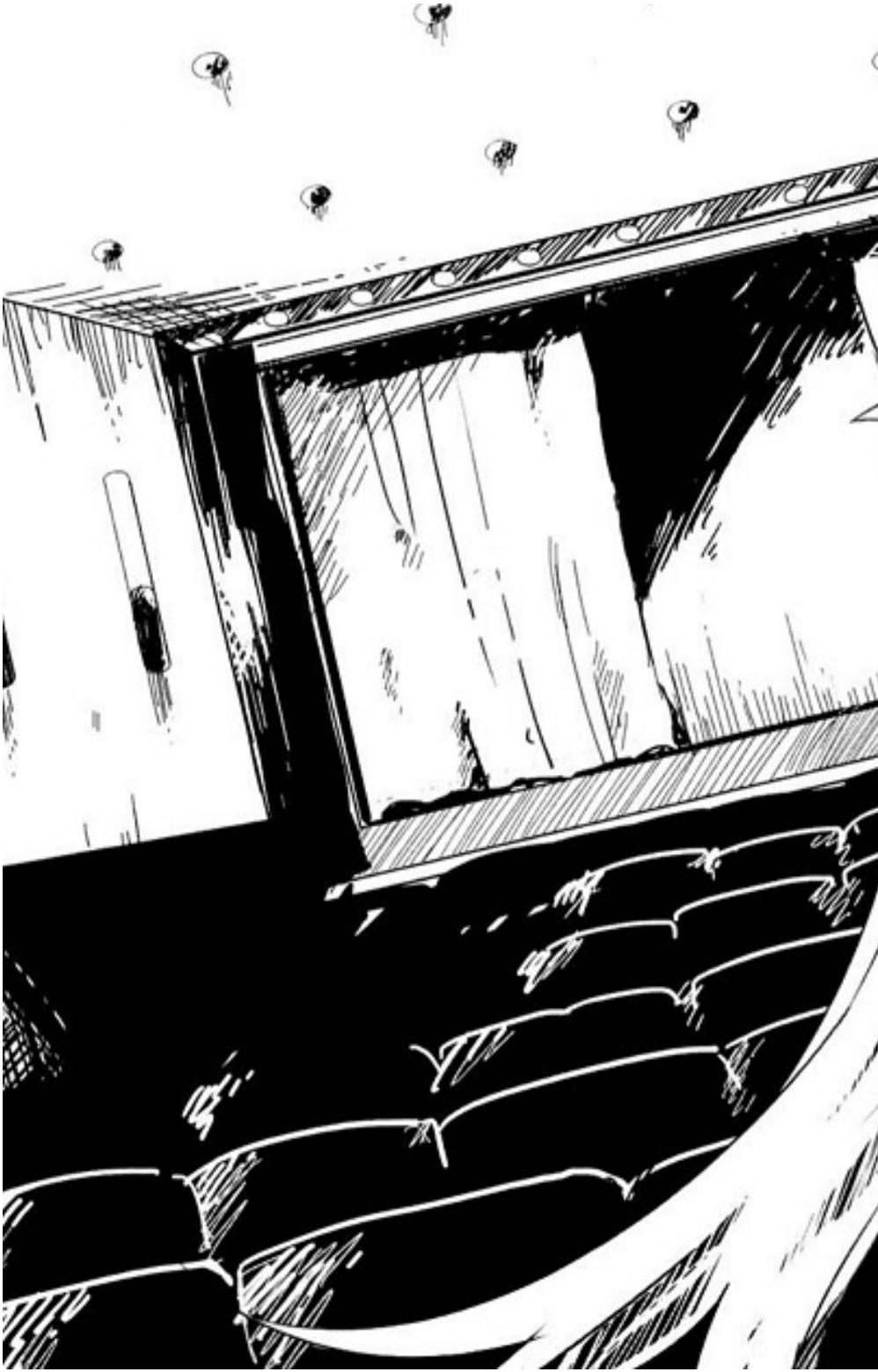
Rino está rabiscando uma foto com uma caneta vermelha.

— Morra Kokone Kirino! Morra! Morra!

Rino deixou a foto vermelha, como se Kokone estivesse ensopada de sangue.

— ..._____

Por pouco, consigo evitar perder o controle. Mas, sem que eu percebesse, o “abismo” na audiência chegou mais perto.



Cena 2

60 Pés e 6 Polegadas de Distância

1. CAMPO DE beisebol - DIA

A final do campeonato local de beisebol está para terminar. É a nona rodada. Dois jogadores estão fora e há jogadores na primeira e terceira bases. A contagem é 1-2: uma bola e dois strikes. O time está na liderança por 3 a 2.
Um HARUAKI USUI, uniformizado e no início da adolescência, está parado na área do arremessador. Ele limpa o suor da testa e espera pelo sinal do apanhador.

HARUAKI (Monólogo): Ele é incrível.

Ele percebe o sinal e assente.

HARUAKI (Monólogo): Continuei nesse clube de beisebol, ignorando os olhares assustadores do treinador por causa dele.

Ele assume postura de arremesso.

HARUAKI (Monólogo): Já vi vários jogadores na liga sênior que são esperados na grande liga. Alguns deles definitivamente chegarão lá. Mas nunca os considerei ameaças: para mim, ele era o melhor.

Ele respira fundo.

HARUAKI (Monólogo): Cada movimento em seu jogo é belo. Toda vez que o assisto jogando, fico impressionado. Não consigo deixar de me sentir inquieto e me perguntar se realmente não tenho as qualidades de um verdadeiro jogador.

Ele levanta a perna.

HARUAKI (Monólogo): Fiquei tão bom em beisebol que todas as escolas com times de elite estavam tentando me recrutar. A fantasia de todo jovem fã de beisebol - pisar na área de arremessador no Estádio de Koushien - não era mais um

sonho, era um objetivo. Entrar na liga profissional um dia parecia algo ao meu alcance.

Ele se prepara para arremessar.

HARUAKI (Monólogo): Mas, desde que comecei a jogar beisebol nos primeiros anos do fundamental, eu estava apenas imitando ele.

Ele atira uma bola rápida.
O batedor tenta rebater e erra.
Vendo seu arremesso acertar a luva do apanhador, HARUAKI grita em alegria e aperta seu punho, triunfante.

HARUAKI (Monólogo): Então, não consigo imaginar um dia superá-lo.

O apanhador tira a máscara. Um DAIYA com um enorme sorriso em seu rosto aparece.
Sem perder tempo, ele corre em direção à área de arremessador e pula em HARUAKI, abraçando-o com força. Em questão de segundos, o resto do time se reúne ao redor deles e eles começam a comemorar.

HARUAKI: Uou, Daiyan, não se pendure em mim. Ser abraçado por um homem não é nada bom! E droga, você está todo suado!

Mesmo dizendo isso, ele está sorrindo enquanto reclama.

DAIYA: Não se preocupe: você está bem mais suado, e está fedendo pra caramba!

Daiya também está sorrindo.

HARUAKI: O-O QUÊ?! Me dê um desodorante Axe, então! Não quero ser rejeitado pela nossa adorável gerente! Estou pensando em dar para ela a bola que venceu o jogo e dizer que acertei aquele arremesso por causa dela! Ela com certeza será minha!

DAIYA:Haha, pena que ela não existe, né?

Os jogadores se alinham no campo.

HARUAKI (Monólogo): Certa vez, teve um olheiro que eu sabia que avaliava o jogo dele secretamente.

Eles se curvam.

HARUAKI (Monólogo): Eu queria estar no mesmo time que ele no ensino médio.

Os jogadores vão em direção à arquibancada.

HARUAKI (Monólogo): Mas a reação daquele olheiro foi indiferente. "Ele é bom para a idade dele, mas não tem muito potencial sobrando porque já se acostumou com seu estilo inacabado. Não sei se ele pode se tornar um jogador regular, e com certeza será difícil para ele conseguir uma recomendação em beisebol". Foi assim que o olheiro o avaliou. Realmente, os atributos físicos do Daiya são medíocres. Ele não pode me vencer em corridas de curta distância, em força física ou em preparo físico. Mesmo assim, eu acreditava que ele tinha potencial o bastante para superar esses problemas.

Eles se curvam para os espectadores.

HARUAKI (Monólogo): O observador podia até estar errado. Mas eu sabia que, objetivamente falando, Daiya não era um jogador de beisebol tão bom. Ah... talvez eu soubesse desde o princípio. Talvez não fosse seu estilo de jogo que me impressionava. Talvez eu já tenha superado o Daiya em termos de potencial e habilidade no beisebol. Mas a hierarquia que eu estabeleci em meu coração jamais mudará, mesmo que eu me torne um craque da liga profissional.

KOKONE está na arquibancada. Ela está comemorando com os olhos levemente umedecidos. Seu olhar está fixado em DAIYA. DAIYA retribui com um sorriso torto, porém gentil.

HARUAKI (Monólogo): Daiya ainda é o personagem principal.

Enquanto ele os observa olharem profundamente nos olhos um do outro, HARUAKI também abre seu próprio sorriso brilhante.

HARUAKI (Monólogo): Foi por isso que desisti do meu primeiro amor.

“A exibição de Close-Up e Adeus terminou”.

O filme termina sem nenhum crédito. Imediatamente me encontro em frente ao painel de informação digital. Fui transportado novamente. Em pé em frente à entrada vazia, abro um sorriso nervoso.

— Vou te esmagar.

Entendo. Ele está tão impiedoso quanto suas palavras sugeriram. Kazu está colocando o dedo nas minhas cicatrizes do passado. Ele está jogando sal nessas feridas abertas e as aprofundando para acabar com o meu “desejo”. Merda, ele está ficando cruel.

— Humm.

Espere. Kazu está me atacando por conta própria. Por que estou aceitando tudo o que ele atira em mim de peito aberto? Esses filmes são fiéis à realidade para começo de conversa? Claro, a forma como aquele incidente ocorreu no filme é consistente com o que me lembro. Mas, como foi mostrado pela perspectiva da Rino, há detalhes que não posso confirmar. Essas partes podem ser inventadas. Não tenho como saber se o tormento emocional da Rino foi retratado corretamente, também. Apenas a própria Rino saberia.

— Parece que você levou um golpe e tanto, não é mesmo?

Sou pego de surpresa pela voz de alguém e ergo minha cabeça.

— Quem é você?

Uma garota com cabelos compridos que não conheço está diante de mim. Ela está vestindo um uniforme limpo, como uma recepcionista de loja de departamento. Ela tem um xale ao redor do pescoço e parece ser mais ou menos da minha idade.

— É um prazer conhecê-lo. Meu nome é “A” e sou a guia desse cinema.

“A” tem um ar de dignidade ao seu redor que não combina com sua idade. Justiça seja feita, “dignidade” não dá a impressão certa, porque a acho extremamente desagradável. Se ela fosse matar alguém, ela apenas sorriria com indiferença e não daria à mínima, pois ela está tão acima disso tudo — isso é o que a dignidade convencida dela me passa. Além disso, ela é terrivelmente bela… mais até do que Maria Otonashi, que já impressiona a todos com sua beleza.

— “A”? Isso é tão estúpido. Quem é você? Por que você está aqui?

— Sou uma personalidade artificial que pertence a essa “caixa”, a “Wish-Crushing Cinema[3]”. Não existo realmente.

Resumindo, ela é o que o Noitan era para o “Game of Idleness”? Entre essa

garota e Noitan, me pergunto, existe uma regra que diz que todos os guias têm que ter uma personalidade de merda?

— Uma personalidade artificial, hein? Então, isso quer dizer que você será gentil o bastante para me dar uma explicação sobre essa “caixa”?

— Certamente.

— Vamos acabar com isso logo: qual é a função dessa “caixa”?

— Ela tem apenas um propósito: destruir sua “caixa”. A programação de filmes… “Close-Up e Adeus”, “60 Pés e 6 Polegadas de Distância”, “Repetir, Recomeçar, Recomeçar” e “Piercings aos Quinze”… todos tem o propósito de fazê-lo abandonar sua “caixa”, Sr. Oomine.

Mesmo que eu esperasse uma resposta dessa, não consigo conter uma leve irritação ao ser respondido tão cruamente. Não tem como ficar feliz ao saber que essa tortura continuará.

— Além disso, você deve estar se perguntando se “Close-Up e Adeus” é uma retratação fiel do passado. Respondendo sua pergunta: não, não é.

— O quê?

Por que ela me diria isso? Mesmo que ela esteja dizendo a verdade, ao me contar isso, meu estresse emocional cai imediatamente. Isso é totalmente inconsistente com o propósito desta “caixa”.

— Você parece confuso, Sr. Oomine, mas deixe-me assegurá-lo que esse fato não lhe trará nenhum conforto. “Close-Up e Adeus” é um filme feito de acordo com as memórias de Miyuki Karino. Minha resposta está tecnicamente correta já que a memória humana pode ser distorcida e imprecisa em algumas situações.

Entendo. Se esse filme é fiel às memórias dela, isso quer dizer que a Rino definitivamente ainda sente ressentimento contra mim. Há, isso é tão sem graça que chega a ser engraçado.

— Primeiro de tudo, por que devo acreditar no que você me diz?

— Sou obrigada a falar somente a verdade.

— Você pode provar isso?

— Seria extremamente difícil provar isso. Sinto muito, mas posso apenas pedir que acredite em mim. Eu realmente sinto muito.

… Óbvio. E admito que foi uma pergunta boba. Mas não importa o quão elegante seja sua forma de falar, não importa o quanto ela se desculpe, não sinto o menor senso de humildade de “A”. Ao contrário, sua atitude refinada parece quase como uma provocação. Por que Kazu fez uma garota tão detestável de guia? Por acaso ele tem um fetiche por esse tipo de garota? Pensando nisso, Otonashi não é tão diferente… dito isso, ele claramente exagerou aqui.

… Hmm, ah, então é isso.

— Eu percebi algo.

— E o que seria?

— Você é “O”, não é mesmo?

“A” não respondeu.

— Noitan, o mascote de Kingdom Royale, era um reflexo da personalidade distorcida da personalidade de Kamiuchi. Mas veja a personalidade do Kazu. É pouco provável que ele fosse criar um personagem tão desagradável quanto você. Então, por que você está aqui? Há duas possibilidades. Primeira, esta não é a “caixa” de Kazuki Hoshino. Segunda, você entrou nesta “caixa”.

Ao ouvir minha explicação, a atmosfera ao redor de “A” muda completamente. Seu sorriso é bem familiar.

— Realmente, estou impressionado.

Esse sorriso é inconfundível. A pessoa diante de mim é “O”.

— Não esperava que você fosse descobrir minha identidade tão rapidamente. Estava planejando bancar o guia por mais algum tempo.

— Por que você está fazendo isso?

— Esta “caixa” é poderosa demais para você superar. Eu temia que você não tivesse nenhuma chance de vencer, então decidi lhe providenciar algumas informações adicionais.

— Por que você se importa com minha derrota? Você não está do lado do Kazu?

— Não me importo se você for derrotado, mas não quero que você seja derrotado instantaneamente. Você esquece que meu objetivo é observar o Kazuki-kun. Agora que finalmente comecei a entender a verdadeira natureza dele, estou ansioso para conseguir o máximo de informação que puder! Portanto, não quero que o Kazuki-kun tenha uma vitória fácil, entende?

— Mas e se eu derrotá-lo porque você me ajudou demais?

— Mesmo que eu prefira evitar esse resultado, não me importo realmente.

Ele parece estar sendo honesto. Pensando nisso, durante o “Game of Idleness”, “O” disse “Kazuki-kun não confia em mim, infelizmente”. Se “O” realmente não se importa com a minha vitória, Kazu estava certo em tomar essa atitude. Dito isso, “O” definitivamente tem uma preferência pelo Kazu. “O” só pode dizer esse tipo de coisa porque ele está certo que não tenho como vencer.

— Se quer realmente aproveitar isso, me dê alguma informação que seja realmente útil! Tudo o que você me disse é que eu perco se não conseguir fugir antes que os filmes terminem à meia-noite.

— Realmente. Mas não acho que alguém que percebeu meu disfarce em um instante precisaria de qualquer outra informação.

Ele realmente me superestima, hein. Mas essa declaração por si só é uma dica. Ele essencialmente está dizendo que já tenho as informações que preciso para derrotar a “Wish-Crushing Cinema”.

— Muito bem, já que você me descobriu, acho que vou me retirar, por hora.

— Fique à vontade, eu acho… Ah, certo, tem mais uma coisa que quero te perguntar antes que vá: quem é essa garota desagradável que você está imitando? Uma personagem em um dos próximos filmes ou algo do tipo?

— Não, ela não tem qualquer relação com você. Duvido que ela vá aparecer em qualquer um dos filmes. Mas é claro, tenho uma razão para escolher essa aparência.

Com essas palavras enigmáticas, “O” se vira e começa a caminhar. O som de seus passos desaparece gradualmente. Estou sozinho novamente.

Olho para o relógio. São 18h15min. Quinze minutos para que o próximo filme, “60 Pés e 6 Polegadas de Distância”, comece. O total de tempo restante são cinco horas e quarenta e cinco minutos.

A visita de “O” não mudou minha situação. Minhas mãos estão atadas, e continuo a ser atacado pelo Kazu. Tenho uma arma, a “Shadow of Sin and Punishment”, mas é inútil enquanto estou preso aqui. Não tenho como revidar.

…Não, espere. Realmente não tenho como revidar?

Olho para a minha sombra. A “Shadow of Sin and Punishment” ainda está ativa. É possível usar uma “caixa” dentro de outra. O fato de que Maria Otonashi certa vez entrou na “caixa” de outra pessoa e continuou sendo uma “portadora” prova isso. Ainda sou um “portador” e um [mestre].

Mas em quem devo usá-la? Estou sozinho aqui. Não há ninguém aqui para usar a “Shadow of Sin and Punishment”.

— …ninguém aqui?

Então, onde posso encontrar alguém?

Isso é óbvio. Fora dessa “caixa” possuo 998 [servos] que podem se tornar meus braços e pernas.

— …Hmm.

Hora de uma sessão de planejamento.

Como posso derrotar Kazuki Hoshino? Posso sair daqui se destruir esta “caixa”. O método mais simples é [controlar] meus [servos] e fazê-los matarem o Kazu. Mas isso não é uma vitória verdadeira. Por mais que eu queira derrotá-lo, não quero matá-lo. Quero que as pessoas se tornem mais éticas, então não posso cometer assassinatos, muito menos forçar outros a cometerem. Esse problema não tem nada a ver com a minha determinação.

Provavelmente acabaria devastado emocionalmente se o matasse. Seria devorado pelas 998 sombras do pecado dentro de mim e sofreria um colapso

mental. Se acabar sendo impossível impedir que a “Wish-Crushing Cinema” destrua minha “caixa” de outra maneira, terei que considerar matá-lo, mas esse é absolutamente meu último recurso.

Tenho que convencer Kazu a abandonar sua “caixa” de livre e espontânea vontade. Ele está atacando meu ponto fraco, meu passado. Tenho que revidar atacando o ponto fraco dele também.

O ponto fraco do Kazu…

— … Ah.

— Obviamente é Maria Otonashi.

Como se quisesse me negar tempo para pensar, a “Wish-Crushing Cinema” novamente me transporta para uma das salas. O próximo filme, “60 Pés e 6 Polegadas de Distância” será pura tortura. Bom, não será tão ruim desta vez. Afinal de contas, chamei uma convidada, e sofrimentos compartilhados são sofrimentos poupados.

— Não concorda, Yuuri Yanagi?

Yuuri Yanagi está sentada atrás de mim, a minha direita. Sua face está pálida, e ela está ocupada demais olhando ao redor em confusão para responder minha súbita e irrespondível pergunta.

Tentei invocá-la aqui para testar minha teoria: como Maria Otonashi fez com a “Rejecting Classroom”, é possível para um “portador” interferir com a “caixa” de outros e entrar nelas. Claro, é impossível sair, então é uma viagem só de ida.

— Eh? Eh? Isso é uma poltrona de cinema? Como eu vim parar aqui de repente, da entrada?! Por que estou sentada?!

Não é de se estranhar que ela esteja assustada. Acostumei-me com esses tele transportes a essa altura, mas essa foi a primeira vez dela. É um incômodo dar uma explicação para ela, então a deixarei em sua ignorância.

— Mesmo que você esteja aqui, o cinema ainda está exibindo somente o meu passado, hum. Então realmente é uma “caixa” cujo único propósito é me destruir?

Algo parece errado… mas não consigo dizer exatamente o que é.

— Está…me ignorando…? …Uou! Quem são essas pessoas?! É como se as almas deles tivessem sido sugadas! Que medo!

Quieta, estou pensando.

— Calada, vadia.

— Va-vadia?! Isso é muito rude! Além disso, sou a inocência encarnada!

— Você deve estar bem, se ainda pode fazer piadas.

— Eh? Isso não era para ser… uma piada… o… o quê? Po-poderia ser que sou a única que acha que pareço uma garota pura e inocente…? Mas tenho longos cabelos pretos… Espere, isso não importa agora! Me dê uma explicação, por favor! Hum, o garoto sentado ao seu lado é o amigo do Kazuki-san, certo?

— …Sim.

Uma concha na forma de Haruaki Usui, que parece ser o próximo protagonista, está sentada ao meu lado.

— Não estou com vontade de te explicar nada, então apenas lembre-se de uma coisa: não faça qualquer comentário sobre esse filme. Durante, antes, depois. Nunca!

Yanagi inclina a cabeça. Claro que não vou explicar.

Chamei Yanagi, uma das minhas [servas], para a “Wish-Crushing Cinema”. Fazendo isso, confirmei várias coisas ao mesmo tempo. Primeiro, ainda posso usar a “Shadow of Sin and Punishment” sem quaisquer restrições. Segundo, mesmo pessoas como a Yanagi, que não são “portadores” convencionais e apenas compartilham a “Shadow of Sin and Punishment”, podem entrar na “caixa” dos outros. Terceiro, o tempo dentro e fora da “caixa” passa igualmente.

Mas minha razão principal para chamá-la é outra.

— Yanagi. O que Kazu e Otonashi estão fazendo?

Quero ter uma ideia da situação atual do Kazu e da Otonashi.

As pessoas que compartilham a “Shadow of Sin and Punishment” não podem usar suas ligações invisíveis para se comunicar diretamente entre elas, embora possam usá-las para transmitir sentimentos vagos. Ainda posso usar minha “caixa”, mas sou incapaz de dar ordens efetivas sem saber o que está acontecendo lá fora.

Por isso, dei a seguinte ordem para os meus [servos]:

— Descubram o que Kazu e Otonashi estão fazendo.

Como é impossível conseguir informações detalhadas mentalmente, sou forçado a perguntar alguém diretamente. É por isso que Yanagi está aqui agora… ela é uma mensageira.

— …Preciso te dizer?

— Parece que você ainda não entendeu sua posição.

Usando minha “caixa”, estimulo os sentimentos de culpa dela.

— Uh, ah! Hmmmm! …hmm…

Eu só queria dar um leve empurrão, mas ela resmunga amargamente e me encara com olhos a ponto de derramarem lágrimas, me implorando para parar. Assim como Shindou, ela cometeu o pecado de assassinato durante o “Game of

Idleness”. É natural que ela não consiga escapar da culpa do grave pecado de trair o Kazu, é por isso que ela está sofrendo tanto.

— A-acima de tudo, Kazuki-san parece estar querendo evitar que a Otonashi-san se envolva. Por isso, ele está agindo em segredo.

— Eu sabia… mas por que a Otonashi está aceitando isso? Não acho que ela obedeceria ao Kazu quando há uma “caixa” bem em baixo do nariz dela.

— Não sei nada sobre isso…

— Putas como você são boas em convencerem os outros a fazerem o que você quer, certo? Então, apenas como referência: o que você faria para impedir a Otonashi de agir?

— Vo-você não está sendo um pouco cruel?!… Bom, de qualquer forma, hm, não acho que ele conseguiria convencê-la falando a verdade, então deve estar mentindo para ela. Por exemplo, ele pode fazê-la acreditar que pensou em um bom plano e dizer que eles vão colocá-lo em ação outra hora.

— Otonashi realmente aceitaria uma história tão boba?

— Acho que ela acreditaria em qualquer coisa que ele dissesse porque ela confia cegamente no Kazuki-san.

— Entendo.

Certamente, Otonashi tentaria acreditar no Kazu, não importa o quão descaradas sejam suas mentiras. O que significa que é surpreendentemente simples para o Kazu enganá-la.

— Nada mal, Yanagi. Preciso admitir, costumava pensar que você era uma manipuladora profissional, mas você é a Rainha das Mentiras.

— Hm, isso não é um elogio, certo? Na verdade você está me insultando, não é mesmo?

— É claro.

— Oomine-san, você parece gostar de me insultar. Poderia ser que você tem uma queda por mim?

— Hein? Não me venha com essa, vadia. Você parece um maldito fóssil.

— Fó-fóssil…? Agora sim, esse é um insulto original… não faço ideia de como reagir…

Yanagi se encosta no assento e bagunça seus longos e lisos cabelos pretos, quê, combinados com sua pele pálida, normalmente a fazem lembrar uma espécie de espectro. Ela pergunta:

— E agora?

É claro que a ignoro.

— Mas descobri algo graças a você.

— Eh? Você encontrou alguma pista na minha testa?

— E ela diz “morra”.

— Eh… que insensível…

— Descobri que Kazu está definitivamente tirando vantagem da confiança entre eles.

A confiança entre Maria Otonashi e Kazuki Hoshino é vazia, e Kazu está escondendo isso dela. Pior, ele está abusando da confiança dela.

— Agora sei como trazer a Otonashi até aqui.

Encontrar uma solução tão simples me fez sorrir.

— Só preciso mostrar a verdade a ela.

Só preciso fazê-la perceber que os objetivos dos dois não são mais os mesmos. Assim que ela descobrir a traição dele, eles estão acabados. Kazu será derrotado, e a vitória será minha.

Uma imagem aparece na tela e, logo em seguida, é substituída por uma cena mostrando Haruaki durante o ensino fundamental. Ele está usando um uniforme familiar…

Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 17h48min

O cheiro de menta. Sempre que sinto essa fragrância, assumo que estou no quarto da Maria.

Deitado na cama, ergo minha cabeça para checar o horário. O primeiro filme, “CloseUp e Adeus” está para terminar. Minha vitória está praticamente garantida agora. Daiya está confinado na “Wish-Crushing Cinema”. No momento em que os filmes terminarem, Daiya terá que abandonar sua “caixa”. Tudo o que preciso fazer é esperar.

É claro, ainda não vou baixar minha guarda, meu oponente é o Daiya, afinal de contas. Ele é capaz de usar sua “caixa” dentro da “Wish-Crushing Cinema”. Eu já descobri que ele pode controlar as pessoas, então ele pode usá-las para nos atacar.

Maria me chama:

— Kazuki, me ajude a preparar o jantar.

Verifico duas vezes a minha expressão. Não posso deixá-la notar o que estou fazendo pelas costas dela. Relaxe, Kazuki.

— Certo, estou indo.

Levanto e vou para a cozinha. Ao me ver, Maria dá um sorriso torto.

— Caramba, olhe para essa cara de bobo.

— … Eh?

— Você devia saber que estamos sob pressão agora que o Oomine voltou como um “portador”, certo? Como você pode continuar tão relaxado?

— Desculpe.

Graças a deus. Maria não acha que estou diferente do meu normal. Ela não viu através da minha expressão falsa. Nós fizemos hambúrgueres e os colocamos em dois pratos simples. Maria não costumava se interessar em cozinhar, mas ela realmente está pondo algum esforço nisso ultimamente. Já não é mais estranho vê-la de avental.

— Kazuki — ela diz enquanto pego os pratos. — Mais um tomate-cereja para você.

Ela sorri maliciosamente e segura um tomate-cereja na frente do meu rosto, ignorando minhas mãos ocupadas.

— Hu-ummm…?

— Coma.

Assim…? Segurando os pratos, inclino minha cabeça para frente e pego o tomate como uma galinha. Os dedos dela quase acabam dentro da minha boca, mas não parece se incomodar. Ela arranca a folha do tomate com os dedos e continua falando, enquanto me assiste mastigando.

— Bobo.

— Não é maldade dizer isso quando foi você quem me fez fazer aquilo?

— Você é bobo porque você faz qualquer coisa que eu te mande sem questionar.

Ainda sorrindo, ela se vira para terminar nosso jantar. Deixo a cozinha e coloco os pratos na mesa.

— … Ah.

Sim, eu sei: esses momentos tranquilos só são possíveis porque estou enganando a Maria. Tirando vantagem da confiança cega que ela tem em mim, estou a enganando e traindo.

Mas não tenho outra escolha. Quero ficar com ela para sempre. Contudo, Maria não compartilha do meu desejo. Não… ela acha que é egoísta da parte dela desejar isso.

Querendo realizar os “desejos” dos outros e até mesmo chamando a si mesma de “caixa”, Maria coloca os outros acima de si mesma. Não, estou colocando isso de uma maneira muito simples. Ela está tentando fazer com que os outros sejam felizes, devotando-se para eles tão completamente que chega a ser autonegação. Restringindo seus próprios desejos, ela está tentando abandonar “Maria Otonashi”

para se tornar “Aya Otonashi” — um ser que existe somente para o propósito de garantir desejos alheios.

Não vou deixar isso acontecer. Matarei a “Aya Otonashi” que se esconde dentro da Maria. Mas ainda não posso deixá-la saber de meus planos. Se isso acontecer, ela definitivamente desaparecerá. Então, preciso enganá-la até o último momento possível. Mas…

Quando será isso? Por mais quanto tempo precisarei mentir para ela?

— Kazuki. — Maria diz, me assustando… por um segundo, achei que ela tinha me flagrado em minha própria rede de mentiras. — Os pratos de arroz estão prontos. Você pode levá-los à mesa?

— Ce-certo.

— … Hã? Algo de errado?

— Ah, não… não se preocupe.

Não acho que sou bom em esconder as coisas. Não vou conseguir esconder o fato de que mudei para sempre. Na verdade, o fim está próximo.

— Então traga esse traseiro até aqui e pegue os pratos de arroz.

— Certo, estou in…

Meu celular toca. O abro imediatamente. Olho para a mensagem na tela. É um e-mail de Haruaki.

“Yuuri Yanagi começou a agir”.

Não há um emoticon ou nada do tipo em sua mensagem objetiva. Ele provavelmente enviou com pressa. Yuuri-san… uma das pessoas que Daiya controla; uma capanga dele, assim dizendo. E esse capanga começou a agir.

— Si-sinto muito, Maria! Tenho alguns assuntos urgentes para resolver!

— …Hã? Do que está falando? É tão urgente que você não pode nem sequer jantar comigo?

— Eu sinto muito!

Sem perder um segundo, corro para fora do apartamento. Atrás de mim, ouço Maria me dizendo para parar, mas não posso fazer isso. Rapidamente pulo no elevador e fecho a porta imediatamente para ela não me alcançar.

Acho que ela vai suspeitar de algo. Ela pode ligar meus assuntos urgentes com as “caixas”. Contudo, disse a ela que nós derrotaríamos o Daiya amanhã.

E Maria confia em mim.

—… Aah.

Resistindo às ondas de remorso, ligo para o Haruaki.

Saio para me encontrar com o Haruaki.

Correndo pelas ruas escuras, uma antiga conversa que tive com o Haruaki passa pela minha cabeça.

— ...Eu tinha uma queda pela Kiri.

Haruaki me disse isso um dia depois do Daiya ter voltado para a escola. Eu tinha acabado de explicar a ele sobre as “caixas”. Ao decidir enfrentar o Daiya, também decidi que Haruaki precisava estar no confronto. Estava começando a anoitecer, bem na hora em que as crianças voltavam para casa depois de um dia inteiro de brincadeiras.

Estávamos em um parque, e Haruaki estava sentando em um balanço que soltava rangidos incrivelmente altos. Quando terminei de explicar, ele ficou em silêncio por algum tempo, se balançando para frente e para trás. Por alguns momentos, tudo o que podia ouvir eram os rangidos do balanço.

Seus movimentos violentos quase o fizeram dar uma volta completa. Me senti mal por envolver o Haruaki, mas foi uma decisão que fiz após considerar todas as minhas opções. Eu não tinha arrependimentos. Ou pelo menos foi o que eu disse para mim mesmo. Foi então que ele me contou:

— Eu tinha uma queda pela Kiri.

Ele confessou que já amou a Kokone, do nada e sem qualquer contexto. Era alguma tentativa de revidar a minha história?

— Eh…?

Fiquei confuso no início, mas fazia sentido.

Haruaki recusou todas as ofertas que recebeu de escolas de beisebol renomadas para vir para a nossa escola, mesmo que nosso programa de beisebol inferior mal o permita tentar o campeonato nacional. Ele sacrificou sua futura carreira de jogador de beisebol profissional.

Eu sabia disso porque a Maria descobriu durante aquele mundo que se repetia, e depois me contou sobre. Sempre me perguntei o porquê dele ter feito isso. E agora eu sei.

Haruaki escolheu ir para a mesma escola que Daiya e Kokone, mesmo que tivesse que abrir mão de seus sonhos e expectativas. Não sei se ele queria declarar seu amor eventualmente ou se tinha outro objetivo, mas ele achou necessário.

O balanço parou, e Haruaki ficou em pé nele. Ele continuou:

— Ah, mas você sabe? Não sinto mais a mesma coisa por ela. Hmm, como

devo colocar? Ela costumava ser terrivelmente insegura e frágil, e parecia precisar de alguém para protegê-la. Eu queria ser essa pessoa, entende!

Ele começou a se balançar gentilmente para evitar o rangido.

— Mas você não pode proteger alguém com uma determinação tão meia-boca. Caramba, você consegue acreditar no quão presunçoso eu era?

Seu tom de voz era calmo, mas tenho certeza de que ele teve que passar por muita coisa antes de chegar a essa conclusão.

— Então você realmente não está mais apaixonado por ela?

— Não. Então não se preocupe comigo se quiser sair com a Kiri, Hoshii! Vocês formariam um belo casal.

Não sei se ele estava sendo honesto.

Tudo o que sei é que ele não é apegado a nenhuma garota em particular. Ele nunca disse nada, mas tenho certeza que ele é popular entre as garotas — especialmente de outras escolas — por ser um ás do beisebol. Ele já recebeu confissões de várias garotas, e até já saiu com algumas. Contudo, a maioria desses relacionamentos terminou rapidamente. Ele já não aceita mais confissões.

Só posso imaginar como ele se sentiu enquanto saía com elas, como eles terminavam, ou por que ele parou de aceitar confissões. Mas tenho certeza que a Kokone e o Daiya tiveram um papel nisso.

— E o Daiya?

— Hm?

— Você não acha que o Daiya e a Kokone deveriam sair?

Haruaki não respondeu imediatamente. Ele parou de balançar e esperou o balanço parar completamente. Quando toda a força do balanço havia acabado, Haruaki pulou dele com um Ho!, pousou e disse claramente:

— Não.

— Por que não? Eles não são…

— Diferente de mim, Daiya pode alcançar uma determinação que não é meia-boca.

Ele provavelmente leu na minha expressão “do que diabos você está falando” e continuou com um sorriso torto:

— Por causa disso, eles não podem ser felizes juntos.

Não entendi imediatamente.

— Aquilo não é amor! A relação deles simplesmente não é saudável.

Naquele dia, eu não tinha conhecimento sobre as experiências que eles tiveram na infância, então aquelas palavras me deixaram confuso. Mas eu

conhecia alguém parecido com o Daiya.

Alguém que sacrificaria sua própria felicidade pelo bem dos outros! Então instintivamente entendi que a relação dos dois era complicada e já havia terminado.

— Então por que você desistiu da Kokone? Se você acha que o Daiya está fora de cena, por que se segurar?

— Você está completamente fora de foco. Não estou me segurando! Você não ouviu? Não há mais necessidade de protegê-la! Meus sentimentos já mudaram!

— …Kokone se tornou forte o bastante para se proteger?

— Não foi isso que eu disse.

— Hein?

— Ela continua sendo tão fraca quanto era! Afinal de contas, as pessoas não podem mudar tão facilmente. Mas não há mais necessidade de protegê-la. Porque…

Naquele momento, Haruaki fez uma expressão que eu nunca tinha visto antes em seu rosto. Não era raiva, ódio ou pena. Com um sorriso que me dava arrepios, ele disse:

— Kiri *já* está quebrada.

Depois daquilo, eu percebi que sentimento estava enterrado por trás daquele sorriso. Era…

Resignação.

✳

Haruaki estava esperando por mim no mesmo parque. Não é mais do que dois ou três minutos a pé do apartamento da Maria. Dessa vez, já estava escuro. Haruaki e Yuuri-san estão sentados em um banco iluminado pela lâmpada de um poste.

— Kazuki-san…

Yuuri-san me encara com os olhos cheios de lágrimas. Ainda sinto pena dela, mas não me sinto mais incomodado em ver suas lágrimas. Afinal, tenho tido que aguentar ela chorando constantemente já há algum tempo. Já estou completamente acostumado com seus canais lacrimais quebrados.

Yuuri-san está sentada no banco comportadamente de sua própria vontade.

Haruaki me disse pelo telefone que quando ele se aproximou dela, ela escolheu ouvi-lo.

— Haruaki, só para confirmar: o que ela estava fazendo?

— Bem, como te disse, ela estava rondando perto do apartamento da Maria-chan. Ela não resistiu ou perdeu o controle, e até mesmo me explicou a situação em que está! Aparentemente, ela foi [controlada] pelo Daiyan para espiar você e a Maria e descobrir o que estão fazendo.

— Hmm.

Eu já esperava por isso. Eu sabia que Daiya usaria as pessoas que ele pode [controlar] para nos espiar, já que não pode deixar o cinema. Dito isso…

— Yuuri-san. Está mesmo tudo bem em nos dizer o que o Daiya te ordenou a fazer?

Afinal de contas, nos contar isso pode atrapalhar o Daiya.

— Sim, está. Não posso dizer com certeza, mas acho que a “caixa” dele não é poderosa o bastante para me dominar completamente.

Meu coração se aperta quando ouço a palavra “caixa” vindo da boca dela. Apesar de ela ter tido sorte o bastante para se esquecer sobre as “caixas”, agora ela está sendo forçada a se lembrar. E quanto mais vívidas forem as memórias, mais ela se culpará. Mas agora não é hora de ter pena da Yuuri-san. Por hora, preciso arrancar todas as informações que conseguir dela.

— Yuuri-san, você poderia nos dar detalhes sobre o que você sabe?

— Sim… Ah, por favor, lembre-se de que não posso esconder nada do Oomine-san. Se ele me [ordenar] a falar, tenho que obedecer. Então tenha cuidado sobre o que diz para mim.

— Certo, eu entendo.

Mas tudo bem para ela me dizer até isso? Acho que ela não se tornou aliada do Daiya só porque ele usou sua “caixa” nela.

— Você foi [controlada] pelo Daiya para espiar a mim e a Maria, correto?

— Certo. Nós fomos [ordenados] a descobrir o que você fez com ele e o que fará a seguir. Além disso, ele [ordenou] àqueles que descobrirem algo para entrarem na “caixa” em que ele está aprisionado.

— Daiya te disse para entrar na “Wish-Crushing Cinema”?

Isso quer dizer que os [servos] não podem passar informações diretamente para ele?

— Como você sente essas [ordens], Yuuri-san? Pelo que posso ver, sua mente parece perfeitamente clara, e não parece que você sofreu uma lavagem cerebral.

— Sim, não é algo como lavagem cerebral. Provavelmente, sou apenas forçada a obedecer as [ordens] dele.

— Quão poderosas elas são? E o que acontece se você rejeitar uma?

— …Não sei o que aconteceria exatamente se eu ignorasse uma das [ordens] dele. Talvez não tenha penalidade alguma, mas como princípio, não posso desafiá-lo.

— É absolutamente impossível resistir às ordens dele?

— Sim. E isso provavelmente se aplica a todos os [servos]. Meio que sinto como se minha… alma estivesse sendo mantida como refém. Pensar em desobedecê-lo me faz sentir como se estivesse abrindo mão da minha própria vida.

— Entendo… por que você não resistiu ao Haruaki quando ele se aproximou de você? Isso não significa que você desobedeceu ao Daiya? Como você foi capaz de fazer isso? Com uma expressão incomodada, Yuuri-san olha para o chão.

— Se Haruaki-san não fosse um amigo seu, eu poderia ter tentado escapar.

— O que você quer dizer?

— Minha [ordem] foi espiar você e a Otonashi-san, então, ser pega por um de seus amigos e esperar você vir aqui está de acordo com minhas instruções.

Então, basicamente…

— Você está falando comigo por causa de sua [ordem]?

Certamente é verdade que ela pode tirar informações de mim dessa maneira. Yuuri-san assente levemente, com um ar de arrependimento.

— Mas, por favor, acredite em mim: como você deve ter percebido, nós não somos desprovidos de vontade própria. Nós meramente recebemos instruções que nós temos que seguir. Portanto, eu ainda sou a sua Yuuri — ela diz, pegando minha mão e olhando nos meus olhos. — Ainda estou do seu lado.

Senti o calor das mãos dela, o que naturalmente me fez corar…Sim, realmente. Yuuri-san sempre me deixa envergonhado, e nunca consigo dizer se ela está fazendo isso deliberadamente ou não.

— Uma coisa está me incomodando um pouco — Haruaki diz, quebrando seu silêncio.

— Você não é a única espiando o Hoshii… tem outras pessoas se movendo também, certo?

Yuuri-san esteve dizendo “nós”. Para conseguir informações, mover uma única pessoa não seria o ideal. Se possível, Daiya [ordenaria] várias pessoas ao mesmo tempo.

Yuuri-san aperta mais a minha mão e responde.

— Sim. Acho que a [ordem] foi para todos os [servos].

— Para… todos?

— Sim, para todos.

…O que isso significa para mim? Quero dizer, há um grande número de [servos] apenas em nossa escola.

E todos eles estão atrás de nós…?!

— …Quantos [servos] existem?

— …Quase mil.

— Mil…

Fiquei sem palavras. Imaginei-me sendo cercado por mil pessoas nesse parque, encurralado e forçado a dizer tudo. Confessar tudo. O vídeo no YouTube das pessoas se ajoelhando diante do Daiya, se submetendo a ele, cruzou a minha mente.

Havia apenas umas dez pessoas envolvidas naquela vez. Independente disso, aquela imagem teve impacto o bastante para ir parar na TV. Ele causou uma impressão tão forte que após vê-la, minha irmã Luu-chan chegou a se perguntar se pessoas são como ele que revolucionam o mundo. Devem ter tido outros com pensamentos similares após verem o vídeo.

Provavelmente, Daiya meramente deu a [ordem] para “se ajoelharem diante dele com lágrimas nos olhos”. Ele causou um grande impacto apenas fazendo isso. Mas Daiya é capaz de forçar mil pessoas a fazerem o mesmo.

Certa vez vi uma reportagem na TV sobre psicologia de grupo que lidava com a seguinte questão: quantos estranhos em uma rua movimentada tem que olhar para o céu antes que outros pedestres comecem a olhar, mesmo que não tenha nada para ser visto?

A resposta é três. Se tiverem três pessoas olhando para o céu, você suspeita que há algo lá e é tentado a olhar para cima também. Então, alguém vê você e as três pessoas originais olhando para o alto e também olha. Através desse efeito dominó, um grande número de pessoas acaba olhando para o céu sem razão alguma.

Meros três indivíduos podem causar esse poderoso impacto. Agora, e se mil pessoas agissem unidas? Por exemplo, se mil pessoas fossem ao mesmo restaurante, você poderia facilmente criar uma tendência. Se você encontrar um blog que te irrite, você poderia facilmente aterrorizar o escritor psicologicamente fazendo-os o atacarem pela web. Não… essas ideias ainda são muito triviais. Você não precisa de mil pessoas para executá-las.

Mil pessoas seriam capazes de usar um poder que vai além da minha imaginação. Além disso, esse número não é o máximo que o Daiya pode [controlar], então ele pode aumentar seu poder ainda mais.

Ugh, estou começando a perceber o quão poderosa a “caixa” dele é. Sem exagero, a “caixa” do Daiya tem o poder para mudar o mundo.

E nesse momento…

…Ele está usando esse poder apenas para me derrotar.

Antes que eu perceba, meus dedos começam a tremer.

— …Yuuri-san? Quão específica foi aquela [ordem]? Pelo que entendi, o Daiya não te deu instruções detalhadas, certo? — Pergunto, tentando controlar minha perturbação.

— Sim, não houve instruções especificas, então podemos escolher como seguir suas [ordens]. Além disso, não vamos fazer nada que vá contra nossos valores morais. Estamos todos fazendo o melhor para executar a [ordem] de uma forma aceitável. Não sei em que apartamento a Otonashi-san vive, mas sei que é naquele prédio, foi por isso que vim até aqui.

— …Hmm.

Penso sobre o que a Yuuri-san acabou de me dar.

— Então, por exemplo, se você soubesse em que quarto ela está, você não seria capaz de invadir quebrando as janelas porque acredita que é errado agir dessa forma?

— Exato.

Então o poder das [ordens] é surpreendentemente restrito? Parei e chacoalhei a cabeça antes de começar a relaxar. Não posso me sentir aliviado: Yuuri-san pode não ser capaz de invadir, mas podem ter outros que são.

…Afinal de contas, existem pessoas que casualmente quebrariam uma janela sem precisar de uma [ordem]… tipo a Maria… ou a Maria… ou a Maria.

— Certo, Yuuri-san, agora entendo porque você está nesse parque. Além disso, deixe-me confirmar uma coisa: você disse que foi capaz de vir até aqui porque sabe em que prédio a Maria vive, certo? Isso quer dizer que os outros não podem chegar aqui porque não sabem onde ela mora?

— Sim. Eles não podem chegar aqui.

— …Você não pode compartilhar informações com os [servos]?

— Não… sinto como se estivéssemos conectados em algum lugar no fundo de nossas mentes… mas nossos pensamentos realmente não estão conectados. Portanto, meu conhecimento sobre a localização da Otonashi-san não é passado a eles.

— Mas pessoal — Haruaki subitamente nos interrompe com os olhos franzidos. — Por que vocês precisariam de qualquer habilidade especial para compartilhar informações? Quero dizer, vocês não poderiam simplesmente usar o celular?

Os olhos da Yuuri-san se arregalaram diante dessa pergunta.

— Vo-você está certo. Por que não percebi isso? …Oh não… eu posso fazer isso, na verdade… — seu rosto fica pálido e ela começa a gaguejar. — Agora que você me deu essa ideia, eu preciso fazer.

Ela pega seu celular.

— Eh?

Yuuri-san? O que você está fazendo? Ela está tentando entrar em contato com…? Mas ela não acabou de dizer que está do meu lado? Mas, independente disso, Yuuri-san começa a teclar em seu celular com os olhos arregalados e lábios trêmulos. Para me derrotar. Antes que eu consiga entender o que está acontecendo, ela escreve uma mensagem e está para enviá-la quando Haruaki subitamente a segura por trás.

— Ugh…!

Ela acidentalmente larga o celular.

— Droga! Desculpe Hoshii! Erro meu!

— …Eh, hã?

— Você não entende, Hoshii? Yuuri-senpai nos disse sobre a “Shadow of Sin and Punishment” mesmo que isso coloque Daiyan em desvantagem. Ela é capaz de se opor a ele até certo ponto, então ela está tentando nos ajudar o máximo que pode. Mas ela ainda precisa tomar as melhores medidas que ela conheça para cumprir a [ordem]. Certo, Yuuri-senpai?

Ela assente de leve, me observando com lágrimas em seus olhos.

— Exato. Ah… o que, o que devo fazer…?

— Você não pode me superar fisicamente então posso te segurar dessa forma, se você quiser. — Haruaki sugere.

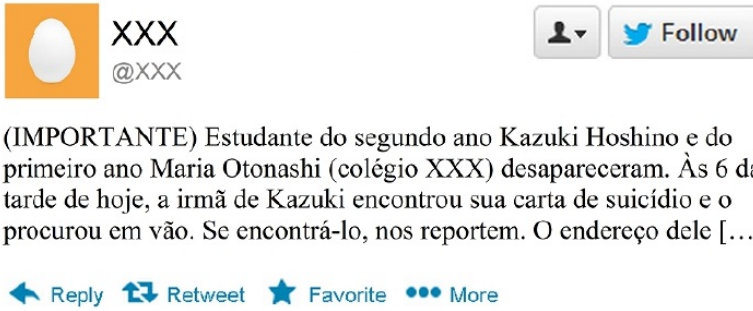
— Nã-não, acho que é inútil me impedir. Apenas fugiu da minha mente que eu poderia entrar em contato com os outros, mas outra pessoa com certeza terá a mesma ideia. Se alguém localizar a Otonashi-san, essa pessoa ligará ou mandar mensagens para outros [servos]. Depois disso, é só uma questão de tempo. A informação irá se espalhar cada vez mais e mais…!

— Uh, entendo. Você está certa… Hoshii, alguns [servos] podem já saber o endereço da Maria-chan. Vocês deveriam fugir.

— Ma-mas…

Se eu fizer isso, Maria certamente perceberá que estou enfrentando o Daiya e a sua “caixa”. Preciso evitar isso a todo custo.

Mas podemos sequer fugir dos [servos]? Quero dizer, mil pessoas estão atrás de nós. Por capricho, abro uma página de internet no meu celular e pesquiso o meu nome. Os resultados da pesquisa em tempo real me deixam pálido.



— O que…

O que é isso? Até meu endereço está na internet. A página do twitter de onde veio a mensagem original está praticamente vazia antes disso; ele obviamente registrou apenas para postar essa mensagem. Além disso, ele até mesmo colocou uma foto minha e da Maria na moto dela.

Parcialmente por causa da aparência da Maria, o tweet dele se espalhou rapidamente no curto tempo desde que foi postado. Alguns usuários até expressaram suas dúvidas sobre a legitimidade da mensagem, mas isso não importa: as pessoas cegamente compartilharão a mensagem pelo propósito de "encontrar estudantes desaparecidos".

Talvez alguns dos [servos] já tenham visto aquele tweet?

Inconscientemente ergo minha cabeça e olho ao redor. Vejo uma mulher com roupa social caminhando e olhando para o seu celular, um homem de meia-idade passeando com seu cão, um aluno do fundamental usando capa e andando de bicicleta.

…Meus olhos se encontraram com os do estudante.

…Talvez aquele aluno também esteja procurando por mim. Talvez ele também tenha visto aquele tweet. Talvez ele seja um [servo]. Não seria surpresa se aquele garoto chamasse outras mil pessoas para nos cercar.

Meus pensamentos me fazem congelar. Felizmente, o garoto desvia o olhar sem qualquer reação em especial.

— …Ugh.

Por que estou com medo de um garoto do ensino fundamental…? …Mas não posso simplesmente dizer que isso é um exagero. É um fato que existem vários [servos] por aí. Além disso, eles são pessoas aleatórias que não se destacam, diferente de policiais uniformizados, por exemplo.

— Yuuri-san… — Digo, tentando esconder minha preocupação. — Você disse que é impossível fazer coisas que vão contra seus valores morais, certo? Então você seria capaz de invadir o quarto da Maria se nós nos trancássemos lá dentro?

— Não poderia. Mas podem ter pessoas não tão éticas entre os [servos].

Não… temo dizer que definitivamente existem algumas. Também tem alguns fanáticos pelo Oomine-san. Acredito que eles fariam qualquer coisa pelo bem de suas [ordens], então eles poderiam invadir um apartamento sem pensar duas vezes…

É possível que alguém, após ler aquele tweet, vá lá para casa e ataque minha família?

— Você ou a Otonashi-san… podem ser torturados…!

Quase chorando, Yuuri-san está se debatendo para se livrar do Haruaki e enviar sua mensagem. Acho que ela realmente não quer contatar ninguém, mas não parece que ela é capaz de se controlar. Provavelmente porque o ato de mandar uma mensagem a alguém por si só não viola seus valores morais, mesmo que isso possa ter consequências não tão inocentes. Caso contrário, ela não estaria nos vigiando. Esse é o poder de uma [ordem].

— …como eu posso…

Estamos sendo perseguidos por mil pessoas. Todas elas estão quebrando a cabeça para capturar a mim e a Maria e reunir informações sobre nós. É só uma questão de tempo. Não seremos capazes de aguentar até o fim da “Wish-Crushing Cinema”, está tudo acabado…Ah, não, é muito pior. A situação atual, em que mil pessoas estão nos investigando, ainda é inofensiva.

Se Daiya falhar em obter as informações que quer, ele não se restringirá à mesma [ordem] para sempre. Ele tem um tempo limite. Se ele ficar sem tempo, fará uma aproximação mais direta. A [ordem] atual é apenas um movimento inicial… uma tentativa de mover seus “capangas”, para ver qual a minha reação.

— Yuuri-san?

Se não houver progresso, Daiya usará uma maneira mais efetiva e direta de sair da “Wish-Crushing Cinema”. Ou seja…

— E se ele te [ordenar] a me matar?

…Matando o “portador”.

Isso é obviamente imoral. Algo que não deveria ser possível, de acordo com a explicação dela. Mesmo assim, Yuuri-san respondeu firmemente.

— Eu te mataria.

— …Por que você seria capaz de fazer isso?

Acho que já sei a resposta, mas quero que ela confirme para mim.

— Uma [ordem] por si só deve ser executada não importa o quê. Nossos valores morais não fazem diferença. Por exemplo, a [ordem] atual é para descobrirmos o que vocês estão fazendo. Somos forçados a obedecer, mas os meios que usamos são escolha nossa. Eu considero invasão um crime, então posso me abster de fazer isso. Mas se a [ordem] fosse para invadir o apartamento dela, eu ficaria sem escolha. Valores morais se tornam irrelevante.

Quanto mais concretas forem as [ordens] do Daiya, mais poderoso é o seu [controle]. A [ordem] atual é algo vago apenas porque ele não tem uma ideia geral da situação. No momento, ele pode querer evitar cometer um assassinato, mas ele pode recorrer a isso, se encurralado.

Se isso acontecer, serei perseguido por mil assassinos. Preciso fazer algo. Qual a minha melhor opção…?

— …Yuuri-san.

Ainda sendo restringida pelo Haruaki, ela ergue o rosto.

— Explicarei tudo sobre nossa situação atual para você.

— Eh?

Esse som de confusão vem de Haruaki.

— Está falando sério, Hoshii? [Servos] que descobrirem algo precisam ir até o Daiyan! Se ele conseguir mais informações, seus ataques certamente ficarão mais intensos!

— Não tenho outra escolha. Além disso… Aposto que Daiya já deduziu com precisão o que eu e Maria estamos fazendo agora. Nesse caso, é melhor dar a ele uma quantidade apropriada de informações e fazê-lo pensar que não será difícil escapar.

Dessa forma, ele não terá que recorrer ao método de matar o “portador”.

— Tem outra razão. Eu quero enviar a Yuuri-san à “Wish-Crushing Cinema”.

— Eh?

Ainda restringida pelos braços de Haruaki, Yuuri-san arregala os olhos.

— Você não gosta do Daiya, certo, Yuuri-san?

Ela permanece imóvel por um instante… mas então, talvez adivinhando onde quero chegar, ergue os cantos dos lábios levemente.

— Está certo. Eu o odeio.

Sabendo que irá conseguir novas informações, ela para de se debater contra o Haruaki. Com uma expressão quase que contente, ela continua:

— Jamais o perdoarei por me matar e mostrar meu corpo naquele estado horrível para você durante aquele jogo assassino. Se eu puder descobrir as feridas emocionais dele, quero enfiar uma faca nelas, fazê-lo sentir dor e agonia intensas, a ponto dele cometer suicídio.

…Hum, bem… eu não pedi por tudo isso… e você está me assustando… e olhe, até o Haruaki te soltou porque suas palavras foram tão alarmantes…

— De…de qualquer forma, você está do meu lado, certo?

— Sim.

Yuuri-san é bastante ardilosa e inteligente, apesar de sua aparência adorável. Ela também tem coragem o bastante. Em outras palavras: ela é um Cavalo de Tróia. Se ela estiver com o Daiya, pode atrapalhar as ações dele.

Depois disso, contei a Yuuri-san que estou enganando a Maria. Também contei a ela que deveria ir para o shopping para entrar na “Wish-Crushing Cinema”. Ela me contou que já sabia disso instintivamente porque Daiya usou a “Shadow of Sin and Punishment” nela. Supostamente, a “caixa” dele é compartilhada, e devo considerar que ela é como uma “portadora”.

Não sei por que, mas quando ouvi isso, não consegui evitar pensar que… ela lembra a “caixa” da Maria de certa forma. É difícil explicar por que senti isso, mas se tivesse que dizer algo, “elas dão uma impressão parecida” é provavelmente a melhor resposta que eu poderia dar.

Elas são baseadas em emoções fortes, mesmo assim são frias e frágeis, e não consigo compreender seus motivos ocultos. São “caixas” cujos significados não consigo entender. Provavelmente por causa dessa linha de pensamentos, uma nova ideia passou pela minha mente.

Ah, poderia ser que…

Aquele que a compreende melhor não sou mais eu, mas…

Daiya Oomine?

Chacoalho minha cabeça. Por que estou perdendo o foco do nada? Eu deveria estar pensando sobre os planos do Daiya.

— Ei, Hoshii. — Haruaki começa a falar. — O alvo do Daiya será a Kiri!

Certo. Também acho. Portanto…

Nesse momento preciso proteger a Kokone — não a Maria.

Scene 3
『Repeat, Repeat, Reset』
(20:30~22:00)

Cena 3

Repetir, Recomeçar, Recomeçar

1. SALA DE AULA

Sala de aula dos alunos do primeiro ano do ensino médio, classe seis; depois da aula. É a 1.533ª repetição do "Rejecting Classroom". Do outro lado da janela, o céu está nublado, como esteve durante as outras 1.532 repetições. MARIA OTONASHI está sentada na mesa do professor e conversando com DAIYA OOMINE. Ele percebeu que MARIA é mais do que uma nova aluna comum e parece estar cauteloso em relação a ela.

DAIYA: ...Não olhe para mim. Não gosto do seu olhar. Parece que você pode ver através de mim.

MARIA: Isso é mais próximo da verdade do que você imagina. Afinal de contas, sei bem mais do que uma aluna recém-chegada normal poderia saber em seu primeiro dia. Eu verifiquei cada um dos meus colegas em busca do "portador" da "Rejecting Classroom".

DAIYA abre um sorriso sarcástico e assume uma postura desafiadora.

DAIYA: Você não está fazendo nenhum sentido. Mas deixe-me perguntar então: o que você sabe?

MARIA: Eu sei o que tem nas costas da Kokone Kirino.

O rosto de DAIYA fica visivelmente tenso.

DAIYA: ...Como você sabe sobre isso? Se tem algo que a Kiri jamais mostraria a ninguém, é aquilo. Eu mesmo só vi uma vez... Espera, não me diga que você é uma das pessoas que machucaram ela?

MARIA: É a vigésima segunda vez.

DAIYA: É o quê?

MARIA: É a vigésima segunda vez que você me faz essa pergunta depois de ouvir sobre as costas da Kokone Kirino.

DAIYA franze o rosto.

Ele não se lembra de ter feito essa pergunta antes. Como a única pessoa que pode manter as memórias da "Rejecting Classroom", MARIA também é a única testemunha restante.

As memórias do tempo que ela passou sozinha passam pela mente de MARIA e a fazem suspirar de exaustão.

MARIA: Deixe-me explicar como descobri. Primeiro de tudo, eu já... (LAPSO TEMPORAL) MARIA explica para DAIYA que já passou pelo mesmo 2 de março 1.533 vezes. Por um tempo, DAIYA escutou em quieto, sem dizer uma palavra.

DAIYA: Entendo. Você mencionou as costas da Kiri porque queria que eu acreditasse na sua história absurda. Mas ei, você poderia ter contratado um detetive ou algo do tipo para investigar o passado da Kiri.

MARIA: Quer que eu conte algo que só você e uma outra pessoa poderiam saber?

DAIYA: ...O quê?

MARIA: Sua amiga de infância Miyuki Karino se confessou para você, mas você a rejeitou.

Os olhos do DAIYA se arregalam por um instante, mas ele rapidamente contém sua surpresa.

DAIYA: Realmente, isso é algo que somente Rino e eu sabemos. Não contei a mais ninguém e tenho certeza que ela também não. É impossível descobrir usando métodos normais.

MARIA: Acho que sim. Eu não teria descoberto se você não tivesse me contado.

DAIYA: Impossível. Independente dessa "Rejecting Classroom" realmente existir ou não, eu jamais contaria isso a ninguém.

MARIA: Faz sentido você não contar em circunstâncias normais. Você mesmo disse isso: que jamais teve a intenção de contar a ninguém sobre o incidente que levou ao sofrimento da Kirino.

DAIYA lança um olhar hostil severo em direção a MARIA por ela ter mencionado um assunto delicado. Seu olhar firme perturba a MARIA, mas ela não mostra qualquer sinal disso. Ela já havia conseguido dominar perfeitamente a habilidade de esconder suas emoções antes do número de repetições alcançar quatro dígitos.

MARIA: Tem um motivo pelo qual você me contou.

DAIYA: Besteira! Estou 100% certo de que eu não falaria sobre aquilo com você de maneira alguma!

Suas objeções ardentes fazem MARIA se encolher para trás levemente, mas ela finge não estar afetada e continua

falando.

MARIA: Você me contou seu segredo mais obscuro porque queria me ajudar. Foi no 2 de Março da 1.532ª repetição.

DAIYA: Você está louca? Para te ajudar? Se quiser mentir, pelo menos tente ser um pouco convincente!

MARIA: Uma "caixa" pode garantir qualquer "desejo".

DAIYA: ...E daí?

MARIA: Seu comportamento mudou quando você percebeu que tudo o que eu tinha te contado sobre as "caixas" era verdade. Você deve saber o motivo, certo? Você tem um "desejo" que quer realizar não importa o quê.

DAIYA: Hm... (franze a testa)

MARIA: Parece que você tem uma ideia, hein. Você quer uma "caixa", então, em troca da sua ajuda, você me pediu para ajudá-lo a conseguir uma.

DAIYA: Hm... (pensando) ...Mas, como sou um grande cético, eu jamais aceitaria essa história sobre "caixas" e essa ""Rejecting Classroom" facilmente. Portanto, você me disse algo que não poderia saber de outra maneira para ter alguma influência sobre mim: algo sobre mim e a Rino. Assim eu acreditaria em você. Para deixar um futuro eu — isso é, o 1.553° eu — saber que você está falando a verdade.

MARIA: Exatamente.

DAIYA: Tch... não quero admitir, mas essa aproximação de sangue frio em prol de resultados é totalmente eu.

Aliviada por dentro, MARIA desce da mesa do professor. Ela se sentou na mesa para dar a si mesma uma presença mais forte, mas sua boa educação a fez ficar desconfortável sentada em tal lugar.

DAIYA: Agora entendo a minha posição, mas e você? O que você ganha me dizendo tudo isso?

MARIA: Posso torná-lo meu parceiro.

DAIYA: Você realmente precisa de um?

MARIA: Veja bem, estou em um beco sem saída. Preciso mudar minha abordagem.

DAIYA: Então, se você precisa de um parceiro, por que me escolheu?

MARIA: Isso é uma pergunta retórica, não? Você é a pessoa

mais inteligente dessa sala. Tanto é que você foi o primeiro que suspeitei ser o "portador", mesmo que não houvesse qualquer outra razão para suspeitar de você. Você não está mais na minha lista de suspeitos, já que não tem qualquer consciência de ser um "portador".

DAIYA: O mais inteligente, hein. Bom, você está certa quanto a isso, mas essa ainda é uma razão bem fraca para insistir que eu seja seu parceiro. Aposto que você já encontrou vários outros parceiros também, tirando vantagem do fato de que não nos lembramos de nada, não? Que vadia de parceiros você é!

MARIA: Não se preocupe. Não posso dizer nada quanto ao futuro, mas você é meu primeiro parceiro. Você também é o primeiro com quem senti vontade de cooperar. Provavelmente porque...

MARIA hesita por um momento, mas então continua.

MARIA: Você se parece comigo.

Daiya Oomine - 11/09 SEX 20h01min

Só para deixar claro: meu alvo é Maria Otonashi.

Se Kazu estiver achando que ainda estou apegado à Kiri, e acha que vou focar nela antes da Maria, será brincadeira de criança derrotá-lo.

Mas isso não quer dizer que posso relaxar.

— U-gh! — Resmungo em frente à entrada.

Assistir "60 Pés e 6 Polegadas de Distância" na "Wish-Crushing Cinema" sem dúvida me deixou acabado.

…Eu nunca soube.

Nunca pensei por um único instante que Haruaki tinha interesse romântico na Kiri. Sempre achei que ele havia sacrificado sua carreira no beisebol para vir ao nosso colégio porque não podia ignorar o que havia acontecido com ela. Eu nunca soube que havia amor envolvido.

Sim. Não baguncei apenas a vida da Kiri, também ferrei a do Haruaki. Estou descaradamente aproveitando minha própria vida mesmo que tenha arruinado a dos outros.

— Pare com isso…

…Pare de pensar dessa forma, eu!

Se começar a me culpar, serei atacado novamente pelas “Sombras do Pecado” dentro de mim. Elas aguardam eternamente por uma oportunidade de virar o jogo. Um momento de guarda baixa e elas dão o bote.

— Ugh!

Repentinamente, sinto um surto de náusea… Preciso resistir. Se eu ceder à vontade de vomitar, sinto que minha alma sairá junto.

Preciso engolir.

Preciso engolir tudo.

— Que cruel — diz Yanagi, esfregando minhas costas. — Se você tivesse desistido da Kirino-san e deixado ela para o Usui-san, as coisas não teriam acabado daquela forma.

— …Hã?

— Eu normalmente visito a sua sala para ver o Kazuki-san. A Kirino-san e o Usui-san estão sempre animados. Mas eles estão apenas fingindo estar felizes pelo seu bem, não? Eles precisam agir daquela forma porque não podem mais relaxar, certo?

Com um sorriso calmo e com a mão nas minhas costas, ela continua.

— É tudo pelo seu bem, não é mesmo?

Posso entender muito bem… o que ela quer dizer.

…ELES FICARAM ASSIM POR SUA CULPA!

Exato. Exatoexatoexato… exato.

Um desconforto corre pelo meu crânio como um inseto e faz nos meus olhos piscarem. O sorriso zombador da garota à minha frente me irrita. Não me importo se ela está certa ou não, esse sorriso ainda me irrita.

No momento em que penso nisso…

Começo a estrangulá-la.

— Aaaaaaaaaaah!

Não consigo identificar o que estou gritando. Meu corpo, meus braços, minha garganta, estão todos se movendo por conta própria, quase como se alguém tivesse tomado o controle de mim. Estou me movendo automaticamente. Mas sei que fui eu quem foi possuído… possuído por mim mesmo.

— Agha!

Ao ouvir os gemidos de Yanagi escapando e vendo seu rosto pálido, finalmente recupero meu autocontrole. Rapidamente tiro minhas mãos do pescoço dela. Yanagi cai no chão e começa a tossir repetidamente.

— Uh, gh…

Mas que merda…? O que há de errado comigo? Estrangulando uma garota do nada… isso é insano. Se eu tivesse demorado um pouco mais para recuperar meu controle, isso teria terminado de forma horrível.

Percebo muito bem que por muito pouco eu me impedi de cometer um grave erro. Toco o piercing na minha orelha direita. Ah, merda, pare com essa obsessão por coisas sem sentido. Não posso mais voltar atrás. Não tenho tempo para entrar em pânico por causa de pensamentos inúteis. Preciso voltar a ser como era. Preciso voltar a ser calmo e calculista.

— Yanagi — a chamo, fingindo estar calmo.

Ela me encara com lágrimas em seus olhos carregados de raiva.

— Você realmente acha que eu não percebi?

Após tossir mais algumas vezes, ela pergunta:

— Do quê... você está falando?

— O que você acabou de dizer foi com a intenção de me fazer sofrer pelo bem do Kazu.

Ela congela por uma fração de segundo.

— Hein? Do que você está falando? Não faço ideia do que você está falando.

Ela imediatamente assume o papel de inocente, com uma expressão confusa no rosto, como se ela realmente não soubesse o que quero dizer. Estou mais impressionado do que irritado. Que garota ardilosa. Se eu não estivesse ciente de sua verdadeira natureza, teria sido completamente enganado.

— Kazu mandou você aqui para me atrapalhar, não foi?

Ela permanece em silêncio por tempo o bastante para eu perceber que ela está estudando minha expressão.

— Não faço ideia do que isso significa. Fui forçada a vir aqui por causa da sua [ordem], Oomine-san. Como o Kazuki-san poderia ter alguma influência nisso?

Hmph, acho que vou usar isso então.

— Estive esperando por você o tempo todo.

Dessa vez ela não pode evitar arregalar os olhos.

— Po-por quê? Não seria estranho se alguém encontrasse algo antes! Afinal, existem quase mil outros [servos] além de mim!

— Estamos falando do Kazu; aposto que ele esteve te observando desde o instante que você se tornou uma [serva]. Após ser descoberta, você contou a ele que [ordem] eu te dei, e o fez perceber que minhas [ordens] não podem ser evitadas. E agora, o que ele faria? É ridiculamente fácil de deduzir: ele deliberadamente te deu informação para evitar que eu dê [ordens] mais

agressivas. Além disso, ele iria querer me atacar, mandando alguém que está do lado dele. Você é idealmente apta para esse papel. Primeiro, porque você é astuta e, acima de tudo, você tem uma queda por ele e é fácil de controlar — zombo e continuo. — Que tal?

Estou certo? Yanagi não responde.

— Bom, mesmo que você não queira responder, você irá se eu te [ordenar]. Mas não há necessidade disso. Sua atitude por si só fala bem alto.

— Uh…

— Admito que o Kazu tem capacidades únicas. Mas se tratando de táticas, ele não tem chance contra mim. No fim das contas, ele está apenas dançando ao meu ritmo. Ele enviou Yanagi para me observar, com o propósito de se defender e me atacar.

Mas ele não entende que usar os outros é arriscado. Como dono da “Shadow of Sin and Punishment”, agora entendo as correntes escuras nos corações das pessoas melhor do que ninguém. É por isso que Kazu irá perder essa luta.

— Yanagi, então você gosta do Kazu, certo?

— …E-e daí?

— Se possível, você gostaria que esse sentimento fosse recíproco, certo?

— Bem… acho que sim…

Parece que ela não entende o porquê de eu ter tocado nesse assunto.

— Tenho um plano que fará ele se importar com você.

Yanagi ouve em silêncio. Engenhosa como ela é, parece ter percebido aonde quero chegar.

— A relação entre o Kazu e a Otonashi é extremamente forte. Normalmente, seria impossível destruí-la. Isso não mudará mesmo que você o ajude. Você entende isso, certo?

— Aonde você quer chegar? — Ela pergunta, embora já saiba a resposta.

Mesmo assim, desenharei para ela.

— Traia-o.

Yanagi mantém sua expressão séria.

— Estive planejando destruir a relação deles para eliminar o objetivo do Kazu. Eu e você temos os mesmos interesses.

Yanagi fica em silêncio por algum tempo, mas então lança um olhar frio para mim.

— Do que você está falando? Não me importo com interesses e coisas do tipo. Por que eu ficaria do lado da pessoa que me matou naquele jogo e acabou de me

estrangular? Você seriamente acha que eu trairia quem eu amo por você?

— …Você acha que a situação atual é a melhor para o Kazu?

— Por favor, não mude de assunto. Sei muito bem que você é bom em distorcer os fatos.

— Você não acha? Ele está alterando seus próprios ideais ao obter uma “caixa”, e ter “O” por perto o tempo todo não pode ser bom para ele.

— Não me ignore.

— De quem é a culpa? Quem o fez ficar assim?

— Ouça o quê...

— Maria Otonashi.

Yanagi engole sua objeção ao ouvir esse nome. Continuo, após examinar sua reação de perto.

— Ele está me enfrentando nesse momento por causa da Otonashi. Por estar obcecado por ela, ele escolheu se envolver com uma “caixa” e entrar no meu caminho. Vamos deixar isso claro: Eu não me importo com o Kazu. Não tenho qualquer intenção de matá-lo, nem quero derrotá-lo. Na verdade, eu gostaria que ele fosse feliz. Afinal, não tenho nada contra ele, certo?

Silêncio

— Se Otonashi desaparecer, ele não terá mais uma razão para ir contra mim e será libertado das “caixas”. Certo: as ações atuais dele não o levarão a uma vida feliz. Pelo bem da felicidade dele, nem importa se ele me derrota ou não. Então, como podemos reverter essa situação a favor dele?

Chego ao ponto.

— Otonashi precisa ser afastada do Kazu. Quando isso acontecer, ele será capaz de viver sua própria vida.

Silêncio.

— Ele poderá ser feliz.

— Mas Kazuki-san não quer isso.

Finalmente Yanagi me responde. Por dentro estou comemorando, mas é claro que não deixarei isso aparente para ela.

— Os desejos dele não são necessariamente o melhor para ele mesmo. Otonashi também não aceitaria o que ele está fazendo, mas Kazu está convencido de que o que ele está fazendo é pelo bem dela… Sim, colocando de forma objetiva, você está “ajudando o Kazu a trabalhar pela Otonashi”.

Escolhi essa forma de colocar os fatos porque acredito que ela não gosta muito da Otonashi.

— Você concorda com as ações do Kazu?

— Isso…

— Agora me deixe repetir o que já disse: nós temos os mesmos interesses. Bom… você provavelmente não gosta de mim, então não vou exigir que permaneça do meu lado. Mas não importa o que você faça, minhas ações não vão mudar. Destruirei os objetivos do Kazu. E para isso…

Toco um dos meus piercings.

— Irei separá-los de uma vez por todas.

— U-uh…

Yanagi, quem normalmente jamais pensaria em se aliar a mim, começa a hesitar. Acho que ela está tendo conflitos emocionais ao pensar em cooperar comigo ou se opor à vontade do Kazu. Mesmo assim, Yanagi começa a considerar, porque ela acha que pode conseguir fazer o Kazu feliz se ignorar esses sentimentos.

— É verdade?

— Está se referindo ao quê?

— Você realmente não tem intenção de ferir o Kazuki-san?

…E por isso ela está me fazendo essa pergunta. Ela está essencialmente buscando uma razão para cooperar comigo. Ela quer que eu dê um empurrãozinho a ela.

— Não vou feri-lo… acho que posso dizer isso. Contudo, separarei a Otonashi dele, o que significa que ele irá sofrer.

— E-entendo.

Provavelmente, ela já decidiu em seu coração que irá traí-lo. Ela engolirá suas emoções e me obedecerá. Mesmo que isso signifique sofrer remorso por trair o Kazu, ela acreditará que, no final, estará fazendo isso pelo bem dele.

Que amor lindo.

…Bem. Tudo o que eu disse a ela foram mentiras, no entanto. Estive esperando por você. Essa foi a primeira mentira. Não esperava Yanagi em particular e nem sequer considerei que o Kazu poderia mandar alguém até que ela chegou.

Só percebi porque a chegada da Yanagi foi suspeita. Que Yanagi, dos meus novecentos e noventa e oito [servos] foi a primeira a chegar. É estranho demais para ser uma coincidência.

Desse ponto, é natural deduzir que o Kazu armou isso. Bom, talvez minhas mentiras tenham sido mais um blefe, mas isso previne a Yanagi de ter ideias perigosas e a faz reconsiderar de que lado ela realmente quer estar.

Kazu não se opor mais a mim quando se separar da Otonashi também é uma

mentira. Kazu é contra a própria existência das “caixas”. Ele se opõe a mim simplesmente porque sou um “portador”. Essa é a natureza dele.

Finalmente, também é mentira que ele será feliz quando se separar da Otonashi. Eu realmente considero a Otonashi como um câncer crescendo dentro do Kazu, isso não é mentira. Mas é impossível remover algo que tomou tal profundidade dentro do corpo dele. Por eles terem passado uma vida inteira juntos, há uma ligação inquebrável entre eles.

Remover algo que se enraizou em cada parte do corpo dele à força é simplesmente tão impossível quanto remover um câncer que se espalhou pelo corpo todo sem matar o paciente.

Também foi por isso que parei de tentar fazer o Kazu e a Kiri ficarem juntos. Vamos imaginar que a Otonashi termine com o Kazu: mesmo que isso aconteça, ele jamais se esquecerá dela. Ele pode até mesmo ficar ainda mais obcecado por ela, sendo aquele que foi deixado para trás. Fortes ligações também podem virar maldições. Ele jamais será libertado de uma ligação tão forte. Portanto, não tenho qualquer intenção de unir o Kazu e a Yanagi.

É tudo mentira.

Yanagi só conseguira a inimizade dele ao me ajudar. Mas não é tão fácil ver através das minhas mentiras. As pessoas tendem a pensar de forma que lhes favoreça. Yanagi é especialmente vulnerável a isso. Ela quer acreditar que pode trazer felicidade ao Kazu e se tornar sua namorada.

E é por isso que ela fez essa escolha.

— O que você quer que eu faça?

Yuuri Yanagi escolhe… traição.

— O que posso fazer?

Ela contorce seu rosto em humilhação. Sufocando seus sentimentos e resistindo ao remorso, Yuuri Yanagi se oferece para me ajudar a derrotar Kazuki Hoshino, mesmo que ela me odeie. Sem sequer perceber que isso apenas a levará a própria ruína.

…Hahaha, você é mesmo uma coisinha pobre e inofensiva. Quando tudo estiver acabado, te darei um pirulito. Escondendo meu entretenimento, eu digo:

— Em breve, Otonashi chegará aqui. Quando ela chegar, você só precisa usar sua língua solta como sempre e controlar a conversa. Assim, você pode me ajudar.

— Como você a trará até aqui?

— Logo, ela mandará Otonashi até aqui.

— Ela?

Pronuncio o nome da única pessoa que pode usar meu poder:

— Iroha Shindou.

Recebo uma ligação da Iroha-san.

—Eu realmente não quero dizer isso porque é vergonhoso agir como um vilão estereotipado, mas dane-se, será mais fácil de entender dessa forma. Err… raptei Maria Otonashi, então faça o que eu mandar se quiser ela de volta.

— Por quê? — Me pergunto enquanto vou em direção ao viaduto que ela especificou; sozinho, como ela mandou.

Por que Iroha-san raptaria a Maria…?

Liguei imediatamente para a Maria, apenas para me certificar de que ela não estava blefando.

…Mas Maria não respondeu.

É, eu sei: apenas isso não é prova de que ela foi raptada. Talvez Maria tenha simplesmente perdido a chamada. Mas já que sou incapaz de entrar em contato com ela, preciso assumir o pior e ir sozinho ao viaduto, como instruído, mesmo que seja uma armadilha.

— Por quê? —… porque eu vou sempre escolher tentar salvar a Maria.

E é claro, Iroha-san fez sua exigência com isso em mente.

— Tch!

Que incômodo! Eu sei que ela é uma [serva] por causa da “Shadow of Sin and Punishment”, mas é difícil imaginar a Iroha-san obedecendo ao Daiya. Além disso, como ela sequer foi capaz de sequestrar a Maria?

Quer dizer, Yuuri-san disse que ações que vão contra o código de moral das pessoas precisam ser especificamente [ordenadas]. Com conhecimento limitado da situação do lado de fora do cinema, é pouco provável que o Daiya dê uma [ordem] detalhada como “rapte a Maria e ameace-a para atrair o Kazu para debaixo de um viaduto”. Mesmo que ele tivesse dado uma [ordem] dessas, Iroha-san seria realmente uma má escolha para executá-la porque ela é determinada e brilhante. Um dos fanáticos dele seria uma escolha muito melhor, um fanático executaria a [ordem] do Daiya mecanicamente, sem pensar duas vezes. No caso da Iroha-san, ele correria o risco de ela encontrar uma falha na [ordem] dele e fazer algo inesperado contra os planos dele.

Portanto, minha conclusão é que a Iroha-san decidiu raptar a Maria por conta própria. Correndo, ergo minha manga e checo o horário. 20h27min. O terceiro filme, “Repetir, Recomeçar, Recomeçar” está para começar. Mais três horas e trinta e três minutos para o fim do dia.

O dia que antes descrevi como curto, de repente parece não ter mais fim.

Chego ao local indicado.

Um túnel embaixo de um viaduto que corre ao lado de um rio, longe do centro da cidade. As pichações nas paredes deixam claro que esse é um ponto de encontro de vândalos.

O poste de iluminação mais próximo está longe demais para clarear qualquer coisa. A única coisa projetando uma leve luz no lado direito do rosto da Iroha-san é uma lanterna fraca que ela mesma providenciou.

Me aproximo dela, tropeçando pela grama mal cuidada. Não consigo ver mais ninguém na escuridão, mas sinto a presença de várias outras pessoas. Elas provavelmente não estão tentando se esconder de mim. Na verdade, elas querem que suas presenças mal escondidas me deixem nervoso.

Iroha-san está sentada próxima a uma pichação no muro.

— Au Auu! Auuuuuuu…!

Em cima de um homem nu de quatro.

— Eu sei, eu sei garoto. Kazuki-kun chegou, certo?

O homem roliço que serve de cadeira está latindo como um cão.

— Ugh.

Sinto um nojo difícil de pôr em palavras. O fato de que seu corpo fica balançando me irrita ainda mais. Mesmo que eu não queira olhar para ele, também não quero desviar o olhar. O mero fato de que ele está me fazendo mover meu olhar é difícil de engolir. Desapareça você da minha frente! Não quero nada com um pervertido doente desses!

…De repente, algo se encaixa em minha mente, e me acalmo.

— Esse fenômeno…

Certo, eu já vi isso antes. Não achei que fosse algo tão ruim assim na realidade, mas ouvi sobre isso na TV.

— Os “Cães Humanos” — murmuro, e percebo. — Então os “Cães Humanos” também apareceram por causa do Daiya…

— Certo! Ah, mas eu criei esse, não o Oomine-kun.

— Como assim? …De qualquer forma, como você consegue fazer isso, Iroha-san?

— Aah, preciso mesmo explicar tudo desde o início? Bom, ouça, Kazuki-kun: Agora posso usar os mesmos poderes que o Oomine-kun!

— Eh? Como você…

…Espere, Yuuri-san me disse que a “Shadow of Sin and Punishment” é compartilhada. Isso quer dizer que Daiya não é o único que pode usar esses poderes? Então todos os outros também podem…?

— Para sua informação, nesse momento sou a única com os mesmos poderes que o Oomine-kun, então não se preocupe com isso.

Sinto-me um pouco mais aliviado ao ouvi-la dizer isso… Não, não devo me sentir aliviado ainda. Preciso confirmar se Maria está segura. Olho ao redor, tentando manter o homem nu fora do meu campo de visão.

— Onde está a Maria…?

— Não aqui — ela responde abruptamente.

— Você realmente a rap…

— Sim. Graças à última [ordem], consegui descobrir onde ela vive, afinal de contas.

— O que você está pensando em fazer com ela? O que você quer que eu faça?

Iroha-san me olha bem de perto. Sem responder, ela se levanta do “Cão Humano”. E chuta a cabeça dele. Fazendo imitações de resmungados caninos, o “Cão Humano” nu olha para Iroha-san com uma imitação barata de olhos de filhotinho.

Franzo meu rosto diante da cena repulsiva se desenrolando diante de mim… Não, isso está errado. Me esqueci por um momento por causa do nojo, mas essa não é a reação que eu deveria ter.

— O-o que você está fazendo?! Esse homem meramente foi [ordenado] a agir como um cão! Ele é tão humano quanto você e eu!

— Humano? Nem de perto. As aparências não estão enganando no caso dele… ele é um ser inferior. Nojento, não é mesmo?

— Bom, certamente… mas só porque você o fez agir dessa forma!

— Você acha? Mas esse cara gosta de estuprar garotinhas!

— O quê?

O que ela acabou de dizer?

— Ele é um pedófilo sem salvação e era um lixo humano mesmo antes de virar um cão! O poder da “caixa” é primariamente controlar os outros, mas ela também permite que você veja os pecados das pessoas, sabia? Por causa disso, é possível procurar esse tipo de lixo.

— …Você procurou especificamente por um criminoso?

— Bom, eu queria tentar fazer um “Cão Humano”. Queria um humano que merecesse tal castigo. Bem, foi então que me deparei com esse cara! Não

precisava ser ele, mas acho que foi uma boa escolha. Afinal de contas, impedi que ele criasse ainda mais vítimas. Ele estuprou garotinhas várias e várias vezes… E ele é totalmente sem salvação.

— Mas… isso é, verdade?

— Sim. Ele é um merda doente que só consegue ficar excitado se enfiar seu pau miserável na vagina de uma garotinha chorando.

Iroha-san chuta a cabeça dele mais uma vez. O "Cão Humano" solta um grito hediondo. Os observo em silêncio.

— Olhe, você parou de falar.

— Eh?

— Você parou de me dizer para não chutá-lo.

Iroha-san comanda ao "Cão Humano", ainda gemendo:

— Senta!

E ele fica de quatro, com o traseiro virado para a minha direção.

— Você admitiu que ele é inferior.

— E-eu não…

— Sim, você admitiu.

Ela olha para o "Cão Humano", cospe nele e então se apoia contra o muro sem qualquer expressão no rosto.

— No fundo, você deseja que pessoas como essa apenas morram, não é mesmo?

— Não!

— Tenta dizer isso após ver as vítimas dele: garotas que se isolaram completamente e se recusam a sair de seus quartos, seus pais que se divorciaram por não conseguirem mais lidar com o sofrimento de suas crianças. Após destruir tantas vidas, você ainda pode dizer que esse pedaço de merda merece viver?

— E-eu posso…

Quero que ele pague pelos seus pecados, e não acho que ele mereça ser perdoado, mas pena de morte não é certo… Eu acho. Minha convicção deve estar abalada porque ele é tão horrível quanto um "Cão Humano".

— Hmm? Bem, acho que eu costumava ter a mesma opinião que você. Mas surpreendentemente, essa opinião pode ser compartilhada apenas pela minoria! Pessoas gostam de pensar em termos absolutos, bem absoluto e mal absoluto. Pegue qualquer filme famoso de Hollywood: você não se sente bem quando o cara mal leva uma surra do herói? Emocionalmente, também costumamos querer que pessoas que cometeram crimes imperdoáveis sejam punidas com a morte. Em outras palavras: é normal querer que esses desgraçados desapareçam.

— …Eu não penso dessa forma.

— Mas é verdade! Embora… eu entenda o seu ponto de vista. Eu também costumava pensar que isso é errado. Sempre achei que os caras que saiam gritando “matem-nos”, “eles merecem morrer” e coisas do tipo eram apenas idiotas. Mesmo que alguém cometa um crime, isso é apenas um lado daquela pessoa, ela pode até ter seus lados bons e ser uma ótima pessoa fora isso, então, eu estava convencida de que você simplesmente não apertaria o botão de “execução” se realmente o conhecesse. Além disso, a maioria das pessoas que querem matar os pecadores não são apenas hipócritas? Quão puras elas são? Muitas pessoas acham que não tem problema beber e dirigir. Eles não se importam em atropelar outras pessoas? Elas estão apoiando suas próprias execuções! Bom, era assim que eu costumava pensar, até obter esses poderes — ela diz e sorri levemente.

— …E agora?

— É, agora eu também acho! Esses criminosos devem ir para o inferno.

Não há qualquer hesitação em sua voz.

— É verdade que muitas pessoas que acham que a pena de morte é uma resposta fácil são apenas idiotas. Mas mesmo que você tenha uma opinião fundamentada depois de avaliar esses criminosos, a resposta correta ainda é a pena de morte. Sei que estou sendo presunçosa aqui, eu mesma tendo matado durante o “Game of Idleness”, mas posso dizer com convicção que esses caras são totalmente diferentes de nós que temos senso comum. Realmente existem idiotas que não são dignos de pena e fazem você querer vomitar! Você ficaria surpreso com a ignorância, a completa falta de empatia e as merdas que saem das bocas deles! São pessoas assim que cometem crimes. Eles simplesmente são incapazes de se adaptar à sociedade. Pegue esse cara aqui como exemplo: sabe o que ele me disse quando perguntei se ele sentia pena das garotas que estuprou? “Mas eu não pude me controlar”, “elas tiveram azar de cruzar comigo quando eu me sentia daquela forma”, “sei que o que faço é errado, mas o que posso fazer quanto a isso?” Você entende o que quero dizer? Você não sente nojo diante de declarações como essa? Esses caras nunca aprendem a lição. Eles não entendem o quanto suas vítimas sofrem. Eles não percebem o que fizeram. Eles não têm qualquer escrúpulo sobre colocar os próprios desejos acima dos direitos dos outros. Agora eu percebo que eles nasceram como lixo… eles não podem fugir do próprio destino.

O “Cão Humano” late.

— Então dei a ele uma aparência apropriada.

Iroha-san franze o rosto ao encarar o “Cão Humano”, que agora está rolando sobre as próprias costas. Ela é incapaz de tolerar seu comportamento repulsivo ainda que ela mesma tenha o criado.

— Como você pode perdoar alguém assim? — Ela diz e bate as palmas das mãos por alguma razão.

No mesmo momento.

— UUUUWAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHH!

Um clamor ecoa pelo túnel.

— O qu…

O quê?

Olho ao redor e imediatamente percebo o que está acontecendo. Um grupo numeroso de pessoas com sacolas de papel marrons colocadas sobre suas cabeças estão se amontoando ao nosso redor. A presença que senti quando cheguei aqui vinha deles, sem dúvida alguma. Agora sei que são [servos] da Iroha-san.

Não posso ver muito por causa da escuridão, mas eles não parecem ter nada em comum além das sacolas de papel. Suas roupas são variadas, alguns estão usando o uniforme da minha escola, enquanto outros usam vestidos, sexo e idade variados.

Essas pessoas se reuniram e começaram a nos cercar. É bizarro. É terrivelmente estranho ver um grupo de pessoas tão diferentes de alguma forma agir em perfeita sincronia. O que está para acontecer? Como devo reagir?

Não faço ideia do que a Iroha-san fará a seguir, então não sei como agir adequadamente. Estou completamente perdido. Me ignorando, Iroha-san ergue a voz.

— Vamos puni-lo!

— Punição! — Punição!

Fico completamente sem ação diante de seus súbitos gritos. Quase vinte homens e mulheres estão gritando enquanto lançam seus punhos ao ar.

…O-O que é isso?

Sei que eles estão apenas seguindo as [ordens] da Iroha-san, mas não consigo me acalmar quando eles estão bem na minha frente. Estou com a mesma sensação que tive quando vi o vídeo daquelas pessoas se ajoelhando diante do Daiya. Quando vinte e tantas pessoas fazem a mesma coisa incomum em perfeita sincronia, é instintivamente perturbador em algum nível dentro de mim.

Os membros do grupo de sacolas de papel continuam a gritar enquanto colocam o “Cão Humano” em pé à força. Eles o seguram com força e viram o homem nu em direção à Iroha-san.

Enquanto isso, ela pega uma faca.

— I-Iroha-san, o que você…?

Mas ela sequer olha para mim.

— Aqui está uma [ordem] para você, estuprador. Pare de agir como um cão.

O “Cão Humano” imediatamente passa por uma mudança brusca. Sua expressão instantaneamente assume a forma da de um homem amedrontado. Ele parece ter estado completamente consciente enquanto era um “Cão Humano”, já que não está nem um pouco surpreso... mas bastante assustado.

— A-aah! Por favor, pare! E-eu sou culpado! Jamais atacarei outra garota!

— Hã? Você não está um pouco atrasado? Você não pode desfazer o que fez, pode? Os himens delas não podem se regenerar, podem? Ah, certo. Vamos lá, então corte seu pau com essa faca.

— E-eu…

— Então, de que outra maneira você vai se redimir?

— E-eu jamais encostarei em outra garota de novo! Prometo!

— Há! Quando é que você vai parar com essa merda? O que você está sugerindo é o mais básico do senso ético comum, não algo que você faz para se redimir, ok? Isso é como ir a um restaurante e dizer “daqui para frente não sairei mais sem pagar a conta”. Ok? Tudo bem? Pagar daqui em diante como desculpa? Quem você pensa que está enganando? Se você realmente se arrepende do que fez, então proponha algo que irá ajudar aquelas garotas pelo menos um pouco, seu saco de merda!

— A-ajudar? O-O que você quer que eu faça?

— Tente usar a cabeça. Se você simpatizar com elas, deve ser capaz de pensar em algo por conta própria. Por exemplo, você poderia pagar a elas cem milhões de ienes?

— Ce-cem milhões? I-isso é impossível! Eu nem mesmo tenho um emprego…

Ao ouvir essa desculpa, Iroha-san soca a cara dele sem sequer piscar. Uma vez, duas vezes, três vezes. Ela bate nele sem demonstrar qualquer expressão.

…Ah.

Não importa o que aquele homem diga, ele não será perdoado.

— Ah, ugh, gha! Ugh!

Sangue escorre de seu nariz.

O bando com sacolas de papel está segurando-o firmemente sem dizer qualquer palavra. Ninguém se importa com suas feridas. Iroha-san continua como se nada tivesse acontecido.

— Você só está implorando pela sua vida agora porque está assustado, não por estar arrependido. Posso prever que você irá continuar com suas vilanias

assim que eu deixá-lo ir. Então, acabarei com isso agora!

Iroha-san bate as palmas das mãos novamente.

— Aqui uma [ordem]. Digam, o que vocês honestamente acham que seria uma punição apropriada para ele?

O grupo usando sacolas de papel responde.

— Morra.

— Morra.

— Morra.

— Morra.

— Morra, seu vira-lata horrendo.

— Morra, seu criminoso.

— Morra dolorosamente.

— Morra com esse seu pau flácido.

— Morra, seu desprezível

— Morra, seu pervertido.

— Morra, você merece.

— Morra de uma vez.

— Morra agora mesmo.

— Morra.

— Morra.

— Morra.

Eles estão respondendo por causa de uma [ordem]. Mas posso ouvir a honestidade em suas vozes. Cerca de vinte pessoas estão sinceramente desejando a morte dele.

— Hah… — Ela deixa um suspiro exagerado escapar. — Foi decidido unanimemente que você deve morrer.

Ela aproxima a faca dele.

— Pare! Pare! Pare! Eu não fiz nada contra vocês, fiz?! Isso não é da conta de vocês! Quem vocês pensam que são para… AAAAAAAAH!

Iroha-san arranca um punhado do cabelo dele sem hesitar. O som de algo rasgando ecoa pelos muros. Uma das pessoas com sacola de papel sussurra:

— Morra.

E bate as mãos encorajando. Outra pessoa o imita e bate as mãos, sussurrando:

— Morra.

Pouco a pouco, isso se espalha e resulta em um coro de “morra”. Elas começam a bater palmas ritmicamente com ódio, pedindo pela morte dele.

— Morra.

Clap.

— Morra.

Clap.

— Morra.

Clap.

— Morra.

Clap.

— Morra.

Clap.

Morra-morra-morra-morra-morra-morra-morra-*clap-clap-clap-clap-clap-clap*.

Um animado ritmo de “morra” ressoa de um lado para o outro. Vendo eles, não posso deixar de pensar:

…Ah, certo. Ele merece morrer.

Incapaz de continuar reclamando, o homem agora está tremendo de medo e se molhando vergonhosamente.

— Chore um pouco mais, seu porco. Arrependa-se de ter nascido, seu porco. Sofra, seu porco.

Iroha-san ergue a faca na altura dos olhos dele.

— Sua morte será a melhor forma de purificação para suas vítimas.

Vendo ela a ponto de cometer um grave erro, finalmente volto à razão.

— Iroha-san, pa…

Contudo, três homens me seguram e me impedem de agir. Meu campo de visão é cortado pelo braço de alguém. Não consigo ver nada.

— Iroha-san, você não deve fazer isso!

Se fizer, não será capaz de voltar. Será aprisionada pelas “caixas” e ficará incapaz de voltar ao seu dia a dia. Mas…

— Aqui uma [ordem]. Quando minha faca te tocar, volte a ser um cão.

— AINNNNNNNNNNNNNNNNN!

Não pude impedi-la.

O que ecoa pelo túnel não é o grito de um homem, mas o resmungo de um cão. Os homens me soltam e se afastam. A primeira coisa que vejo é um homem nu coberto de sangue. Mesmo que seja um espetáculo horrível, também sinto um senso de satisfação doentio por dentro. Seu grito foi terrivelmente patético, e o mero pensamento de que aquilo ecoou em meus tímpanos me dá nojo. Não consigo evitar a sensação de prazer distorcido ao ver seu corpo flácido se contorcendo.

Eu sou diferente desses "Cães Humanos". Não sou tão feio ou tolo. Eles têm o que merecem por serem "Cães Humanos".

Algum tipo de alívio. Algum senso de superioridade.

Mas entendo muito bem por que Daiya criou o fenômeno dos "Cães Humanos". Será terrível se esse tipo de pensamento em relação a "Cães Humanos" se tornasse senso comum. Eles não serão mais considerados humanos e serão apenas zombados e vistos como merecedores de punição. As pessoas vão ver suas mortes como algo normal. Quando essa percepção se infiltrar por todo o planeta, nosso mundo será coberto pela "caixa" dele e se tornará "distorcido".

Não posso permitir isso. Por isso, para não me render, tento me aproximar e ajudar o homem ainda se contorcendo.

— Não se mova!

Mas Iroha-san me impede.

— Não deixarei você ajudá-lo. Se você se mover, não posso garantir a segurança de Maria Otonashi.

— O quê?!

Você ousa usar a Maria para me chantagear?!

— Po-por que você faria isso? Por que você quer tanto matar ele? Existe realmente algum sentido em fazer isso?!

— Certamente, não há sentido em matar esse cara em particular.

— Então por quê?!

— Mas nós faremos isso repetidamente daqui para frente. Construiremos um novo mundo dessa forma.

Certo.

Afinal de contas, esse é o objetivo deles. Esse é o mundo que Daiya e Iroha-san desejam. O que acabei de ver — pessoas exigindo a morte de um tolo criminoso e então realmente o matando — é, em miniatura, o que a "Shadow of Sin and Punishment" irá causar.

— É por isso que não posso deixá-lo interferir agora. Se o fizer, você

continuará a entrar em nosso caminho. Você se tornaria um obstáculo. Acredite ou não, sei muito bem que você pode ser um enorme obstáculo. Portanto, não posso deixá-lo se opor a nós aqui!

O grupo com sacolas de papel está nos observando em silêncio enquanto nos cerca. Do meio deles, Iroha-san vem em minha direção com passos firmes.

— Certo. Acho que está na hora de dizer o que quero em troca da Otonashi-san.

Enquanto Iroha-san se aproxima de mim, a lanterna começa a iluminar seu rosto de uma forma demoníaca. Ela segura meu queixo e puxa-o em direção a ela.

— Pare de resistir imediatamente.

Sua face mal iluminada está tingida de vermelho. Uma linha vermelha está escorrendo de seu rosto como se ela estivesse derramando lágrimas de sangue. As pupilas dela, dilatadas por causa da escuridão, estão fixadas em minha direção, me mantendo imóvel.

— Para provar, ranja os dentes e veja como ele morre. Faça como uma pequena criança chorona cuja mamãe não irá comprar doces para ela. — Iroha-san diz e larga meu queixo. Ela tenta limpar o líquido vermelho de seus lábios com o braço, mas apenas o faz se espalhar ainda mais.

Ah… agora eu entendo.

…Iroha-san não pode mais voltar.

Ela não pode mais voltar para o seu “dia a dia”… para uma vida sem “caixas”. Seus olhos são afiados como os de uma águia, e cortam através de mim como facas. Seu rosto ficou entorpecido por causa da loucura.

A mente da Iroha-san está em outro lugar agora. Se eu ajudar aquele homem, ela pode realmente machucar a Maria. Isso é o quão longe ela está da realidade. O que ela planeja fazer comigo? Dada sua situação atual, ela não tem motivo para me libertar. Se ela realmente se aliou ao Daiya, ela pode usar os [servos] que estão aqui para me segurar e me forçar a abandonar a “Wish-Crushing Cinema”.

…Não a deixarei fazer isso.

Mas como devo lidar com o sequestro da Maria? Não tenho uma resposta, e não há uma resposta simples. Sou deixado sem escolha senão esperar por seu próximo movimento. Iroha-san percebe que estou em um impasse e pega seu celular de uma maneira tão calma que parece perturbadora. Antes de fazer qualquer coisa, ela explica:

— Sabe, não há necessidade de por uma [ordem] em palavras. Então, essencialmente, dizer isso em voz alta agora é apenas uma apresentação que estou fazendo para você.

Ela fez uma chamada, posso ouvir levemente a voz de um homem vindo do celular, mas não posso entender o que ele está dizendo.

Iroha-san o responde:

— Sim, estupre Maria Otonashi.

— O quê?! — Exclamo.

O quê? Do que ela está falando?

Com um sorriso triunfante, Iroha-san diz:

— Não te disse para provar que não ficará contra nós? Como abandonar um insignificante e inferior "Cão Humano" pode ser prova o bastante? Bem, é por isso que estou fazendo isso. Se ainda assim você não oferecer resistência, mesmo depois de privá-lo do que você mais preza, acreditarei que você jogou a toalha.

— Você…

Estou queimando de raiva.

— Você acreditou sequer por um segundo que eu aceitaria isso?!

— Você não vai? Como quiser, como quiser. Isso apenas significa que irei encurralá-lo. Te deixarei fora de ação, esmagando sua vontade de resistir. E esse é exatamente o motivo pelo qual Maria será estuprada.

— Iroha-san, você percebe o que está dizendo? Você está essencialmente fazendo a mesma coisa que aquele pedófilo estuprador que você tanto detesta!

— Não exatamente. Não estou fazendo isso para satisfazer meus desejos. Tenho um objetivo claro. Nenhuma guerra, não importa o quão justa seja, pode ser vencida sem matar soldados inimigos. É inevitável que civis acabem envolvidos e morram. Alguns soldados podem até ficar loucos por causa da pressão e começar a massacrar civis. Mas no geral, justiça é justiça. Mesmo que seja verdade que possam haver algumas falhas menores, o que está certo está certo.

— Não me venha com essa! O que você está fazendo não pode estar certo! Falhas menores o caramba! Pare de falar merda!

— Você parece compreender o que quero dizer, não? — Iroha-san diz com um sorriso torto.

É inútil… não posso persuadi-la com lógica. Apenas olhar para os olhos turvos dela, completamente vazios de qualquer sanidade, é o bastante para me fazer entender isso. Independente disso, tenho que parar o abuso dela contra a Maria não importa o quê.

Basicamente, Iroha-san apenas precisa acreditar que me submeti completamente a ela… Nesse caso, há uma opção óbvia.

— Se quer destruir minha vontade de resistir, não precisa ir tão longe!

— Sim? — Com um olhar calculista, Iroha-san me apressa a continuar.

É um plano arriscado. Posso realmente perder o poder de me opor a eles, mas pelo menos serei capaz de evitar que a Maria seja violada. Proponho minha ideia:

— Apenas faça de mim seu [servo].

Certo. Quando isso acontecer, machucar a Maria será inútil. Não há maneira melhor de demonstrar minha submissão. Mas a resposta da Iroha-san é inesperada:

— Impossível. Já tentei.

— …Eh?

— Para que você acha que serve essa lanterna? É claro que é para fazer uma sombra!…Ah, talvez você nem sequer saiba como a “Shadow of Sin and Punishment” funciona? Acho que isso não significa muito para você então. Bem, ouça: se você pisar na minha sombra ou eu pisar na sua, eu posso [controlar] você. Já tentei isso. Mas você se tornou um [servo], Kazuki-kun? Nada mudou, certo?

— Você não pode me transformar em um [servo]?

— Não posso dizer com certeza, mas, pelo menos há alguns minutos eu não podia.

— Por que não…?

— Porque você é um “portador”! As “caixas” interferem umas com as outras. Como quando Oomine-kun ainda podia se mover livremente, apesar de ter sido sugado pelo “Game of Idleness”. Tive certeza de pisar na sua sombra no momento em que você chegou, mas não pude controlá-lo. A propósito, o mesmo vale para a Otonashi-san.

— Você tentou transformar a Maria em uma [serva]?

— Bom, sim. Essa seria a maneira mais fácil, certo? — Ela explica sem qualquer ressentimento.

— Então é impossível fazer “portadores” virarem [servos]…

— Hmm… isso não está completamente certo. De acordo com a Otonashi-san, é possível se você se entregar. Se estiver falando sério, posso tentar mais uma vez?

De maneira ridiculamente casual, Iroha-san dá um passo à frente e…

…pisa na minha sombra.

Seu movimento foi tão tranquilo que mal posso acreditar que ela está usando sua “caixa”. Por ela agir de forma tão casual, ela pisou na minha sombra antes que eu sequer pensasse em desviar dela. Não importa o que Iroha-san diga, não há prova de que eu não me tornarei um [servo] quando ela pisar na minha sombra. Sua primeira tentativa deu errado por causa de uma improvável sequência de eventos, talvez? Portanto, não deveria deixar pisar livremente na minha sombra.

Silêncio.

Não sinto nada de estranho enquanto espero.

— Você pode transformar qualquer um em [servo] exceto por “portadores”?

— Sim. Eu realmente gostaria de conhecer um cara que eu não posso.

Ainda não sinto nada. Mesmo que ela tenha pisado em minha sombra, continuo sem ser afetado.

— Se alguém assim existir, ele deve ser uma aberração.

Iroha-san está mentindo. Não… não é bem assim. Ela não está mentindo, ela está apenas errada. Iroha-san disse que pode transformar qualquer um em um [servo] desde que ele não seja um “portador”. Mas ela já cometeu um erro.

Porque não sou um “portador”.

Kazuki Hoshino não é o “portador” da “Wish-Crushing Cinema”.

— Entende? É por isso que tenho que rejeitar sua proposta de libertar a Otonashi-san em troca de você se tornar o meu [servo].

— Então isso quer dizer…?

— Sim. Hora de voltar ao plano e despedaçar seu coração.

Da forma que as coisas estão agora, não posso impedi-la somente com minhas palavras. Descubro isso do jeito mais difícil. De repente, percebo algo.

Uma faca encharcada de sangue está caída aos meus pés.

Olho para a Iroha-san. Sei que Iroha-san é uma pessoa maravilhosa. Ela pode ser um pouco atrapalhada quando se trata dos sentimentos dos outros, mas, ao mesmo tempo, ela é extremamente atenciosa. Por ser consciente de sua própria força, ela a usa para ajudar os outros, o que também explica suas ações atuais. Se eu tivesse tempo para uma discussão adequada, Irohasan certamente perceberia que está errada.

Mas não há tempo.

Percebi que é impossível salvar a Maria e a Iroha-san no tempo limitado que me resta.

Então…

Então…

— …Hmm.

Apesar disso, ainda farei um último esforço.

— …Você está errada, Iroha-san.

— Sim? — Ela responde em um tom obviamente desinteressado enquanto coloca a mão próxima ao ouvido.

— Você e Daiya, ambos estão errados.

— Só para saber: sobre o quê?

— Tentar concertar o mundo matando pessoas é errado.

— Só para esclarecer: Não estou interessada em uma opinião baseada em um senso de ética superficial, ok? Matar um assassino antes que ele possa matar cem pessoas é definitivamente a escolha certa, não? Além do mais, a punição dele pode ser usada como um aviso para assustar outros aspirantes a criminoso e impedir que eles cometam novos crimes. Até obtermos essa "caixa", simplesmente não tínhamos os meios necessários para isso. Vamos lá, esclareça-me: como qualquer coisa sobre isso é algo ruim?

— …Realmente, não vou considerar algo ruim isolar esses tolos criminosos que apenas fazem os outros sofrer. Existem pessoas que não merecem viver. Não quero acreditar nisso, mas acho que é inegável.

— Não é? Você está negando apenas porque está preso pela opinião popular. Ela faz você superficialmente considerar o que estamos fazendo como algo ruim sem realmente pensar sobre isso.

— Não é isso. Afinal… como você pode escolher?

— Escolher o quê?

Como ela pode não ter entendido ainda? Sinto uma irritação começando a crescer dentro de mim. Diante da tola Iroha-san, franzo meu rosto.

— Quem merece morrer.

Ela prende a respiração, aparentemente tendo percebido meus sentimentos.

— Como você e o Daiya, que não são nem divinos nem perfeitos, determinam quem merece morrer? Suas escolhas são infalíveis?

— Nó-nós…

— É claro que não. Vocês decidem matar pessoas com informação imperfeita.

— …Claro, não posso dizer que tenho uma taxa de erro de 0%. Mas como isso é diferente do nosso sistema legal atual? Nem todas as penas de morte aplicadas pelos juízes são justificadas… Além disso, as escolhas que faço dificilmente estão erradas. Por exemplo, todos devem concordar comigo que, no mínimo, esse molestador de crianças merece morrer.

— Você tem certeza? É verdade que ele machucou várias pessoas, mas talvez ele tenha o potencial de salvar ainda mais. Pela sua lógica, então ele não mereceria morrer.

— Hã? Não tem como esse verme ter esse potencial!

— Acho que você provavelmente está certa, mas como você pode ter certeza absoluta?

— …Eu posso. Só de olhar, já sei o quão estúpido ele é. Ele não pode possivelmente salvar mais pessoas do que feriu.

— Mas isso é presunção sua! Embora você não seja mais especial do que ninguém, você começou a se sentir especial porque obteve a “Shadow of Sin and Punishment”. Embora você simplesmente tenha obtido uma “caixa”, você se intoxicou com esse sentimento de poder e acredita que sempre será capaz de dar um veredicto justo. Você sabe qual é a sua situação atual?

Continuo:

— Chama-se “estar cheia de si mesma”.

Silêncio.

— É muito fácil prever o que acontecerá! No começo, você escolherá pecadores para eliminar que todo mundo, mais ou menos, pode aceitar. Mas isso é apenas no começo. Você está tão cheia de si mesma que inevitavelmente se deixará levar em pouco tempo. Pouco a pouco, você começará a escolher pessoas que estão no meio termo. Você se degenerará mais e mais e, no final, você transformará pessoas que meramente te olharem torto em “Cães Humanos”. Bem e mal não irão mais importar, e você simplesmente eliminará pessoas sempre que elas a incomodarem. Talvez já seja tarde demais? Afinal de contas, você está para esmagar eu e a Maria apenas porque estamos em seu caminho.

Minha irritação foi aumentando enquanto eu falava. Por que Iroha-san e Daiya não entendem um detalhe tão simples, embora eles supostamente sejam tão inteligentes? Por acaso eles são, de alguma maneira, incapazes de imaginar esse cenário que acabei de descrever?

— O que você está fazendo não é nem julgamento nem punição justa. É assassinato. Ambos, você e o Daiya, ficaram obcecados com o sentimento de poder que a “caixa” dá a vocês e começaram a cometer crimes. O que vocês dois estão para começar não é diferente dos massacres que mancham a história da humanidade! Vocês não estão criando uma revolução… vocês estão apenas cometendo outro erro terrível sem justificação!

Caminho em direção a Iroha-san, que ainda está em silêncio.

— Portanto, impedirei vocês.

Também me certifico de ficar bem ao lado da faca.

Silêncio.

Iroha-san parece estar um tanto confusa por causa das minhas palavras. O que estou dizendo é definitivamente verdade, e ela deve perceber isso também. Mesmo assim, ela responde:

— …Que expressão é essa?

— …Expressão?

— Sim, sua expressão! Mesmo que você esteja tentando me encurralar com suas palavras e me enfrentando — ela continua amargamente. — Por que você está sorrindo tão gentilmente?

Em resposta, automaticamente toco em meu rosto.

— Normalmente você não seria capaz de sorrir assim. Em primeiro lugar, uma pessoa normal não seria capaz de dizer o que você acabou de dizer.

—…Eu não disse nada de estranho ou extraordinário!

— Bom, você não disse. Mas uma pessoa normal não seria capaz de fazer argumentações tão objetivas em uma situação como essa. Se a garota que você ama foi feita de refém e você perdeu a compostura, você normalmente não deveria ser capaz de formar uma argumentação tão complexa e lógica.

— Está dizendo que eu deveria ser mais emocional?

— Não estou falando sobre ser emocional ou racional. Suas ações estão em um nível completamente diferente. Você não pode fazer isso normalmente. Simplesmente… não pode…

Uma mistura de confusão e pavor aparece em seu rosto.

— De onde…

Com essa expressão, ela pergunta:

— De onde você contempla o mundo?

Não faço ideia do que ela quer dizer.

Mas Daiya certa vez me disse algo misterioso similar a isso. Ele disse que eu estava flutuando ou algo assim. A pergunta dela provavelmente significa algo parecido. Ah… acho que sou bem anormal. Sempre neguei, mas está na hora de admitir. Parece ainda mais confuso quando tento pôr em palavras, mas se eu tivesse que me descrever honestamente:

Há muito pouca “identidade” dentro de mim.

— …Basta, Kazuki-kun. Não importa agora. Não vou parar.

— Você não concordou comigo?

— Você pode ter razão. Acho que estamos nos achando demais, um pouco, e não somos perfeitos e cometeremos erros. Mas isso não é motivo para deixar de agir. Não devemos desistir por causa disso. Não devemos ser derrotados pela realidade e aceitar os males da humanidade como inevitáveis. Não devemos

permanecer indefesos. Não farei isso. Mas obrigado pela sua crítica, levarei em conta e pensarei no assunto antes de matar alguém!

— Pensar um pouco não tornará sua seleção justa!

— Diga o que quiser, mas não considero essa forma de ação completamente errada.

Depois de dizer isso, ela continua a falar com os olhos cheios de loucura:

— Portanto, não vou parar. E não vou mudar de ideia sobre a Otonashi-san.

Hum. Então é isso, no final das contas. Um leve suspiro escapa dos meus lábios.

— O que esse suspiro deveria significar? Você finalmente desistiu? Acabei com sua resistência?

— Sim, eu desisto!

De encontrar uma maneira de não precisar matá-la.

Muito bem. Não devo deixá-la notar minhas intenções. Se eu não fizer isso em um instante, serei pego pelos [servos] que estão ao nosso redor. Preciso esfaqueá-la sem hesitação. Não posso deixá-la sentir minha intenção assassina.

Matar.

Preciso esfaqueá-la no coração e matá-la instantaneamente, mas de forma casual, como se estivesse assoviando um ritmo conhecido.

— …Pessoas que merecem morrer, hein?

Iroha-san acha que tais pessoas existem.

No fim das contas, também somos humanos. Então isso não é algo que podemos decidir por nós mesmos. Mesmo eu posso pensar em algumas pessoas que acredito que deveriam morrer, mas isso ainda é errado. Precisa ser errado. Se não for, então o que estou para fazer será perdoável. Eu não quero isso. Não me perdoarei por esse ato. Estou meramente cometendo o mesmo erro que eles.

Pessoas que eu acho que merecem morrer.

Da minha perspectiva…

…todos que machucarem a Maria merecem morrer.

Portanto, enfio a faca no coração da Iroha-san.

Não fiz nenhum movimento supérfluo. Esperei o olhar dela vagar um pouco, peguei a faca no chão e a esfaqueei no mesmo movimento que usei para me levantar. A lâmina desapareceu no corpo dela.

Morra.

Não havia pensamentos desse tipo em minha mente. Não tive nem um pingo de intenção assassina. Meramente fiz o que precisava ser feito.

Isso é tudo.

Ah, poderia ser que…

Poderia ser que essa parte da minha personalidade pareceria anormal para os outros? Se for, absolutamente devo evitar que a Maria a veja. Certo, se ela visse, ela iria…

— O que… você está fazendo, Kazuki?

Meu coração para por um instante.

— Ah, aaah…!

Por quê?

Por que ela está…?

Essa forma de me chamar. Essa entonação. O tom de sua voz. A voz que amo tanto que pertence a…

— Por que… você está… fazendo isso, Kazuki?

Uma garota com uma sacola de papel cobrindo a cabeça se aproxima de mim.

— Er, ah…!

…Por que não percebi? Por que não a percebi mesmo que eu devesse ser capaz de discernir a presença dela, mesmo sem ver seu rosto? Simples, está escuro, e eu não parei para examinar cada membro da brigada dos sacos de papel. Por que não pensei mais sobre a escolha da Iroha-san de me chamar para um lugar tão escuro?

Por que não percebi o que Iroha-san mais queria esconder?

A garota esbelta tirou a sacola de sua cabeça.

— Maria.

É a Maria. Sem dúvida alguma, é a Maria.

— Kazuki… — Ela chama meu nome com a voz trêmula.

— Por que você…?

— Porque eu mandei.

Iroha-san responde meu sussurro dando uma resposta da qual eu já tinha uma vaga noção. Mesmo que a faca em minha mão ainda esteja perfurando seu peito. …Sim, é claro que eu percebi. Percebi no momento em que a esfaqueei que não houve o sentimento de cortar algo.

Iroha-san puxa a faca que deveria estar enfiada em seu coração, e a pressiona contra a palma da minha mão. Não sinto dor alguma. A lâmina simplesmente recua de volta para a empunhadura.

Não tem como eu matar alguém com essa faca... Não, essa imitação.

— Você quer uma opinião objetiva sobre seu comportamento nos últimos minutos, Kazuki-kun?

Enquanto ainda estou abalado, Iroha-san joga na minha cara:

— Se chama “estar cheio de si mesmo”.

Ela tira a faca das minhas mãos impotentes.

— Uma [ordem] para você, cão. Comece a latir alegremente.

O homem nu que supostamente tinha desmaiado em agonia se senta imediatamente. Ele fica de quatro e corre ao nosso redor latindo de uma maneira animada, sem se preocupar sobre estar pintado de vermelho sangue.

— Eu não te disse que não há necessidade de pôr uma [ordem] em palavras?

Iroha-san esfaqueia o “Cão Humano” enquanto ele corre. Mesmo que aquela faca não possa machucar realmente, ele grita de dor.

— AINNNNNNNNNNNNNNNNN! — E desmaia novamente.

— Nós jogamos sangue artificial nele enquanto você não estava olhando. E então eu [ordenei] a esse “Cão Humano” que gritasse e agisse como se estivesse ferido quando eu o esfaqueasse. Você engoliu como um idiota.

Ah, pensando nisso, eu nunca a vi realmente esfaqueá-lo porque os servos dela estavam no meu caminho. Só o ouvi gritar e depois o vi se contorcendo em agonia, coberto de vermelho. Como está escuro, é difícil distinguir sangue falso de sangue verdadeiro, e é fácil para ela esconder os pacotes de sangue falso.

— Por quê... por que você…

— Porque, bem, fui [ordenada] pelo Oomine-kun. Ele me deu uma única [ordem]: expor a traição de Kazuki Hoshino à Maria Otonashi.

Iroha-san olha para Maria.

— Foi mais difícil do que eu imaginei! Quero dizer, ela acreditava em você tão cegamente. Era óbvio que ela não ia acreditar imediatamente que você a traiu.

Maria morde os lábios.

— Mas trazer a Otonashi-san foi extremamente fácil. Eu usei o mesmo método com vocês dois, Kazuki-kun: Eu a ameacei. Dizer “se você não me obedecer ou tentar me enganar, meus [servos] irão matar Kazuki-kun” foi mais do que o bastante para fazer a Otonashi-san me seguir, mesmo que tenha soado extremamente fácil. Naturalmente, uma exigência tão inofensiva quanto “nos observe em silêncio” foi fácil o bastante para ela tolerar. E então eu mostrei a ela. — Iroha-san diz, enquanto enfia a faca falsa no próprio peito. — Como você tentou

me matar.

Tudo…

Tudo o que ela fez e disse foi puramente com a intenção de mostrar a Maria que eu estava disposto a matar? Colocar a faca ao meu alcance, me enfurecendo ao dizer que mandaria seus servos estuprarem a Maria e me inspirando a pensar em um plano de assassinato ao cometer um falso assassinato diante dos meus olhos…

E no final, eu a esfaqueei com a faca falsa assim como ela planejou. Iroha-san estala os dedos. Em resposta, o bando com sacolas de papel caminha para longe de nós tranquilamente, de forma desorganizada, como se para me dizer que já tinham cumprido seu papel.

— Me disseram para observar porque você supostamente tentaria matar a Shindou — ao mesmo tempo em que diz isso, Maria evitava meu olhar completamente. — Eu não acreditei nela. Mesmo quando ela me disse que o Oomine já havia começado a usar sua "caixa" e eu percebi que ela estava falando a verdade, não pude acreditar que você mataria alguém. Resolver um conflito matando alguém… é inaceitável. Quando você recorre ao assassinato, sua degradação é completa e suas crenças perdem todo o sentido. Você devia saber sobre os meus sentimentos sobre o assunto. Você também deveria saber que não posso colaborar com alguém assim. E mesmo assim, você…

Sem palavras, ela apenas chacoalha a cabeça.

— Não, não vamos fazer isso ser sobre mim. Mas eu ainda não entendo, Kazuki. Para começo de conversa, você não é um assassino. Mesmo que tenha sido só uma tentativa de assassinato, o fato de que você tentou matar alguém causaria ondas de remorso. Sendo atormentado por um pecado tão grave, você não poderia possivelmente retornar ao seu "cotidiano" e, além disso, aquele "cotidiano" seria distorcido porque você seria um homem diferente. Ah, mas os problemas vão muito além da questão psicológica, já que a lei iria privá-lo de seu "cotidiano" se você cometesse um assassinato, não é mesmo? Portanto, você… uma pessoa que valoriza seu "cotidiano" acima de qualquer outra coisa jamais escolheria matar.

Ela cerra os punhos.

— Não tem como você cometer assassinato… não tem como! Não tem como o Kazuki fazer isso!

Maria me encara com olhos esperançosos.

— Sim, está certo! Você não pode! Você jamais faria isso! Você deve estar sendo controlado. Provavelmente, você foi controlado pela "Shadow of Sin and Punishment" e forçado a agir dessa forma. Certo? Kazuki, me diga! Estou certa? — Ela pergunta chacoalhando meus ombros.

— *Por favor, negue que você é responsável por isso.*

Maria está me implorando com cada parte do seu ser. Mesmo que ela tenha visto meu ato com seus próprios olhos, ela ainda quer que eu negue. Mesmo que

ela saiba muito bem que sou o culpado, ela ainda está pedindo pelo impossível. Não posso acreditar que a Maria está agindo dessa forma. Não posso acreditar, mas…

Se é assim, tirarei vantagem de seus sentimentos. Continuarei a enganá-la.

— Você está certa!

Sou horrível. Minhas próprias palavras me fazem querer vomitar. Mas, se eu admitir a verdade, Maria irá se separar de mim e jamais voltará. Portanto, preciso recorrer a mentiras desesperadas, não importa o quão sujas elas sejam.

— Então no fim... — Ela sussurra — No fim é assim que as coisas são.

Ela parece aliviada. Maria acreditou na minha mentira descarada. Ela se deixou ser enganada. Sim… certo. Maria também não quer se separar de mim. Ela ainda quer acreditar em mim. Nossa ligação não pode ser quebrada tão facilmente. Então devo mentir até o fim.

— Maria, ouça…

—Hehe, estou aliviada! Com isso…

Com uma expressão realmente aliviada, Maria continua:

— Eu não preciso mais… acreditar em ninguém.

—… Hã?

Sua expressão.

E suas palavras.

Não se encaixam.

— Eu meio que… não, na verdade, percebi há muito tempo! Então no final das contas… No final das contas…

Após repetir o que havia começado a dizer alguns momentos atrás, ela continua dessa forma:

— Então no final das contas… você estava me traindo.

— Ah…

Toda a minha energia é sugada e meus braços caem sem força para os lados. Olho hesitante para Maria.

— Oh, eu sabia. Ei, eu costumava ser capaz de ler sua mente apenas analisando os movimentos dos seus músculos faciais! Não consigo mais fazer isso, mas não gastei uma vida inteira ao seu lado? Ainda posso ver através de algo tão simples quanto uma mentira. Mas tentei desesperadamente persuadir a mim mesma pensando “não há prova absoluta”. Evitei o problema até que

houvesse uma evidência decisiva da sua traição. Mas agora a encontrei. Sua lamentável tentativa de mentir me fez perceber que você mudou muito além do que eu imaginava.

Eu estava pensando nesse momento que nossa ligação não pode ser quebrada tão facilmente.

…Quão estúpido eu posso ser?

Eu estive traindo ela repetidamente. Estive a enganando o tempo inteiro desde a “Game of Idleness”. Eu estive destruindo nossa ligação, que originalmente era indestrutível, pouco a pouco. E agora, graças às minhas constantes traições, essa ligação finalmente se partiu de vez.

— Aah, estou tão aliviada! Eu sabia que não podia continuar assim. Estava me culpando por estar me enganando e sofrendo por causa disso. Eu sou uma “caixa”, então não devo ter um coração humano. Não devo me prender a alguém e me apegar a ele. Independente disso, eu não podia suportar ficar longe de você, Kazuki, e comecei a procurar por motivos para ficar com você, como encontrar “O”. Até fiquei com medo! Tive medo da possibilidade de perder meu objetivo e desaparecer completamente!

Meu objetivo era esse: eu queria que “Aya” desaparecesse para que “Maria” pudesse viver.

Mas…

— Mas… você me traiu e me mostrou que eu estava errada. Você me fez perceber o quão fraca sou. Você me fez tomar essa decisão.

Cada uma de suas palavras me faz sentir como se meu coração estivesse sendo perfurado. Maria era a pessoa que eu menos queria ferir. A pessoa que eu mais queria proteger. E mesmo assim, ela foi a pessoa que eu mais feri, a pessoa que eu arruinei.

— Maria, ouça, foi tudo por…

Não posso deixá-la partir. Contudo:

— Não!

Maria vira de costas para mim.

— Eh?

— Não me chame de Maria.

Não tenho permissão nem para isso.

— Eu abandonei esse nome há muito tempo. Ele persistiu apenas porque você decidiu continuar usando ele, mesmo que tendo dito-o apenas por impulso. Mas nossa relação está acabada agora, então não há mais necessidade de usar esse nome. Minha vida como Maria acabou.

Com essas palavras, Maria se vira novamente em minha direção e olha

diretamente nos meus olhos… E diz:

— Eu sou a “caixa” chamada “Aya Otonashi”.

No mesmo momento. Uma certa imagem aparece em minha mente marcando o início de uma recordação. É uma imagem pálida, estática e distorcida. É a sala de aula que se repete eternamente. E Maria está na plataforma do professor, em tom de sépia. Ela se apresenta. Não consigo perceber sua expressão. Existem milhares de padrões, então não consigo determinar qual deles é o verdadeiro.

— Sou Aya Otonashi. Muito prazer em conhecê-los.

— Sou Aya Otonashi… prazer.

— Aya Otonashi.

— Aya Otonashi.

Ela se acostumou a dizer dentro daquele mundo repetitivo. E conforme o tempo foi passando, suas emoções desapareceram de seu rosto. Ela usou aquele tempo virtualmente infinito para criar uma personalidade separada. Ela se afastou de todos para se tornar uma “caixa” perfeita.

Aquela garota. A expressão daquela garota.

—… Ah…

Finalmente percebi. Eu não tinha percebido porque estive sempre com ela. Maria recentemente começou a expressar suas emoções como uma pessoa normal. Ela começou a se lamentar, ficar irritada e rir como uma pessoa normal. Eu não percebi. Embora pudesse ter encontrado outro caminho se tivesse percebido antes, falhei em perceber. Maria perdeu seus sentimentos normais mais uma vez. Um sussurro escapa por entre meus lábios.

— Não… Continuarei te chamando de Maria para sempre!

Silêncio. Ignorando minhas palavras, ela estende a mão para Iroha-san. Iroha-san imediatamente entende as intenções da Maria e entrega a ela a faca falsa.

— Kazuki. Você mudou. No instante em que você esfaqueou o peito da Shindou com aquele brinquedo, você mudou de uma vez por todas. Você não é mais meu companheiro, mas um ser que existe para me corromper. Portanto…

Maria me faz segurar a faca por alguma razão.

— …Você agora é meu inimigo.

Não sei porque, mas Maria me abraça gentilmente com um sorriso calmo.

— …Maria?

Talvez ela não queira me deixar no final das contas? Mesmo que isso seja absurdo, não posso evitar me apegar a essa esperança. Mas, como esperado, a verdade é totalmente diferente. Eu percebo. Percebo que a faca que estou segurando está perfurando o peito dela.

— Ah…

É claro, é só um brinquedo. Não está ferindo a Maria realmente. Mas apenas aconteceu de ser um brinquedo hoje.

— É assim que é — ela sussurra — Quando estou ao seu lado, você perfura o meu coração dessa forma.

Ela fala com um tom de voz terrivelmente gentil, o que apenas dá às suas palavras ainda mais impacto. Ela está certa. Isso é exatamente o que eu estava tentando fazer. Isso é o que acontece quando nos encontramos como inimigos: eu coloco uma faca no coração da Maria.

— Kazuki.

O corpo da Maria está magro e frágil como sempre. Ela continua, com a faca em minha mão ainda pressionada contra o peito dela:

— Obrigado por tudo.

Essa delicada jovem garota continuará a lutar sozinha. Ela continuará lutando mesmo após ser traída e esfaqueada. Ela continuará lutando por completos estranhos, abandonando sua própria felicidade.

Posso ver como isso irá terminar. Em derrota. Em um futuro não tão distante… não, em um futuro próximo, Maria será esmagada pelo peso desse fardo. Afiando sua alma como uma lâmina, desaparecerá uma vez que não sobrará mais nada para afiar.

Mesmo que eu possa deduzir seu destino, não posso impedi-la.

Maria desfaz o seu abraço. Finalmente, ela se liberta da faca. Ela a toma de minhas mãos e a retorna à Iroha-san, que esteve nos observando com uma profunda falta de interesse.

Sem sequer se dar ao trabalho de olhar para mim, Maria me dá as costas novamente e começa a caminhar.

— Kazuki. — Ela sussurra — Não consegui terminar os hambúrgueres sozinha.

Tolo como sou, não percebi imediatamente, mas…

Aquelas foram as palavras de despedida da Maria.

— Porque você se parece comigo. — explica Maria Otonashi na tela.

Em resposta, sussurro:

— Mas o quê…?

Yanagi e eu fomos teleportados pela enésima vez e estamos assistindo ao terceiro filme. Yanagi senta atrás de mim à direita, e ao meu lado está a casca de Maria Otonashi.

Otonashi parece ser a personagem principal nesse filme, “Repetir, Recomeçar, Recomeçar”. Estou confuso. Por que a Otonashi? Nós não compartilhamos nenhuma memória especial. Não sou próximo dela da forma que sou da Rino ou do Haruaki. Se essa é realmente uma exibição dos meus pecados, eu fiz algo a Otonashi sem ter percebido? A Otonashi como personagem principal não tem muito pouco impacto, se o objetivo é me fazer sofrer?

Foi o que pensei de início. Mas minhas previsões estavam completamente erradas. O que estou vendo é completamente inesperado. É uma cena do “Rejecting Classroom” da qual não tenho memórias. Eu e Otonashi estamos tentando encontrar uma forma de escapar.

— Eu cooperei com a Otonashi…? Mesmo antes do Kazu?

É uma visão profundamente estranha. Além disso, minhas interações com a Maria não são hostis (como são agora) ou superficiais (como costumavam ser). Pelo contrário, estou expressando familiaridade.

— O que há com aquela expressão estúpida na minha cara?

…Não, acho que não é de se estranhar.

Olho para o rosto de Otonashi na tela. Ela se cobriu de transcendentalidade. Mas não é porque ela se tornou transcendente; é meramente porque ela reteve todas as suas memórias acumuladas das repetições daquele mundo, o que inevitavelmente a faz parecer dessa forma para o resto de nós.

Outras pessoas podem não ser capazes de notar a diferença, mas eu posso. Posso notar que a personalidade dela foi construída. O que sobra é uma garota que, assim como eu, se esforça para obter algo. Devo ter sentido um senso de familiaridade como resultado.

— Você tem que me ajudar!

Por causa disso, acho, eu disse aquilo para ela na 1.536ª repetição do 2 de março…Uou, espere aí! Você está tentando me matar de vergonha? A “Wish-Crushing Cinema” mudou sua aproximação e agora está tentando me humilhar?

Como eu nem sequer posso me lembrar do que aconteceu na “Rejecting Classroom”? …Penso por um momento, mas me corrijo imediatamente: Eu não mantinha minhas memórias. Diferente do Kazu, aquilo não era possível para mim. Contudo, assim como aconteceu no “Game of Idleness”, onde meu NPC foi capaz

de ver através dos meus planos, fui capaz de entender o que aconteceu nas repetições anteriores com precisão o bastante graças às explicações da Otonashi. Nesse sentido, devo ter atendido os requerimentos mínimos dela para me tornar um parceiro.

— Estou perdido. O que posso fazer pela Kiri? Nada! Se a toco, ela fica pálida. Se a abraço, ela se lembra do passado e chora. Não importa o que eu faça, só posso feri-la. Mas ela precisa de mim. Ela não pode se virar sozinha. Se eu deixá-la, ela certamente cometerá algum erro grave. Se me aproximar e deixá-la são ambas escolhas erradas, me diga, o que devo fazer?

O que diabos estou falando… contar essas coisas a Otonashi não serviria de nada. Ela é tão impotente quanto eu. Contudo, meu eu de uma época diferente continua falando.

— Acho que você pode me ajudar aqui — digo desesperadamente na tela. — Você pode ser capaz de encontrar uma solução para a Kiri em algum lugar durante essas infinitas repetições.

Tal solução não existe! Meu eu na tela é tão tolo que eu gritaria até meus pulmões esvaziarem se minha voz pudesse alcançá-lo. Eu era incrivelmente fraco naquela época. Mas a resposta da Otonashi é incrivelmente irresponsável. Nosso problema continua sem solução até hoje, então sei que ela nunca encontrou uma solução. Mesmo assim ela diz:

— Certo. Vou encontrá-la para você.

A próxima cena é durante a 1.539ª repetição do dia 2 de março, três "transferências escolares" mais tarde. Ela me diz:

— Descobri uma solução.

Do que ela está falando? Não há solução… Não pode haver solução.

— Na verdade, descobri a melhor coisa que você pode fazer pela Kirino.

— A melhor coisa… e o que seria?

Por mais constrangedor que seja, meu eu na tela não pode esconder sua empolgação. Eu devo ter estupidamente colocado minhas expectativas lá no alto. Devo ter esperado que houvesse uma solução que eu não podia pensar por conta própria. Mas Otonashi apenas diz:

— Deixe-a sozinha.

Não preciso nem dizer que fiquei desapontado com aquela resposta. Até fiquei irritado.

— Não me venha com essa! Quem a salvará então? Ou você quer me dizer que a Kiri já está bem?!

— Não, as feridas da Kirino são profundas. Sinto dizer que elas não vão cicatrizar.

— Por que você está me dizendo para abandoná-la então?!

— Porque ela não pode ser salva por ninguém.

— O que você disse?!

— Essa é a profundidade das feridas dela. Você não regeneraria um braço perdido, não é mesmo? Feridas com essa profundidade são coisas que não podem ser cicatrizadas.

— Pare de bancar a esperta! Você desistiu de tudo por ter gastado tanto tempo inútil nessa “Rejecting Classroom”? Se você perdesse um braço, você ainda poderia substituí-lo por uma prótese por meio de uma operação, não é mesmo?

— Talvez tenha alguém por aí que seja capaz de fazer isso por ela. Mesmo que isso não reparasse completamente suas feridas, ainda seria um ótimo substituto. Mas Oomine, você não é capaz de fazer isso por ela.

— Por quê?! Quem seria capaz de fazer isso senão eu?!

— Você deveria ter percebido isso. — Otonashi contorce seu rosto amargamente. — Você está mantendo as feridas dela abertas.

Eu me mantenho em silêncio na tela.

— Por sua causa, Kirino deseja voltar a ser como era antes. Ela não pode aceitar o braço artificial mesmo que ele possa salvá-la… porque se ela aceitar a prótese, não será mais a mesma de antes. Meramente estando ao lado dela, você está impedindo-a de seguir em frente.

Sim, eu sei. Até mesmo aquela versão fraca de mim deveria saber, se ele fosse honesto consigo mesmo.

— Você já não percebeu isso? Mesmo assim, você… não, por causa disso, eu acho. Por ter percebido, você busca uma maneira de ajudá-la. Também é verdade que abandoná-la não é a solução perfeita… se você, a pessoa que mais a entende, a abandonar, novos problemas vão surgir. Dito isso, cheguei à conclusão de que se separar dela é a melhor escolha. Portanto, você não pode fazer nada pela Kirino além de se separar completamente dela.

— Se eu fizer isso, ela sofrerá e pode até mesmo cometer um erro que a leve a mais sofrimento. Ela pode se prender em um ciclo vicioso. Ainda assim, você está me dizendo para me separar dela?

— Sim.

— Você está zombando de mim?

— Não estou. Se você a deixar, ela pode cair em desespero, mas se você ficar, ela irá cair em desespero. E isso não é tudo. Se você não a deixar, então não apenas ela será consumida pelo desespero como suas próprias feridas se tornarão fatais mais rapidamente.

— Não importa o que acontece comigo!

— Idiota! É claro que importa! — Ela me pega de surpresa com uma explosão emocional… tão estranha para a sua personalidade frígida. — Você… quer acabar como eu?

Aquele foi seu amargo grito silencioso. A essa altura, eu sei seu significado.

Agora mesmo, estou indo em direção à minha própria ruína com certeza. E estou certo de que o mesmo se aplica à Otonashi. Pensando nisso, isso faz total sentido: até hoje, cada uma de suas ações não contém nada senão auto sacrifício. Ela vive por algo além dela mesma. Ela acredita ser o bastante que uma pessoa tenha escolhido esse tipo de existência, e ela já é essa pessoa.

Contudo, não tinha como eu aceitar aquilo de uma garota misteriosa que havia acabado de se transferir. Nós podíamos ter sido parceiros em outros “2 de março”, mas eu não tinha aquelas memórias. Diferente do Kazuki, não dei importância adicional às suas palavras.

— Se você não tem intenção de me ajudar, não cooperarei mais com você.

— …Oomine.

Contudo, Otonashi já havia passado o equivalente a mais de 1.539 dias comigo. Julgando pela personalidade dela, aquilo era mais do que o bastante para ela desenvolver certo nível de apego a mim. Portanto, seu desejo de me ajudar ficou mais forte.

— Se você realmente insiste em curar as feridas dela completamente, só existe uma solução, e eu irei aceitá-la. Obterei sucesso pelo seu bem e de todos os outros.

É por isso que ela me disse:

— Irei completar a minha “caixa”.

Mas, como fomos naturalmente incapazes de aceitar essa solução, nos separamos de vez. Porém, mesmo depois do que tecnicamente deveria ter sido nossa separação final, nós continuamos sendo aliados.

O motivo é simples: Otonashi me manteve ignorante sobre nossa decisão de nos separarmos na 1.539ª repetição. E é claro, aquilo foi o bastante para reverter a nossa separação, já que a minha memória era apagada no início de cada repetição. Mas ao mesmo tempo que isso podia ser verdade para mim, Maria não tinha sangue frio o bastante para fingir que a dor emocional que me causou naquela repetição nunca existiu. Ela manteve aquele incidente em mente, embora eu nunca tenha me lembrado dele. Não havia mais confiança mútua entre nós.

E na 1.542ª repetição do 2 de março, inesperadamente, chegamos até a Mogi. Mas chegamos ao nosso limite naquele ponto. Não conseguimos fazer mais progresso. O “Rejecting Classroom” era baseado no “desejo” da Mogi de não ter arrependimentos no dia 3 de março e, portanto, era feito de forma que todos que descobrissem o “portador” perdessem aquelas memórias.

Na 1.543ª repetição, até a Otonashi havia esquecido que Mogi era a culpada. Nós chegamos a Mogi mais algumas vezes depois daquilo, mas nenhuma vez

fizemos mais progresso. Já que Otonashi renunciava à violência completamente, ela não podia destruir a “caixa” da Mogi, e minhas palavras não alcançavam a Mogi. Além disso, eu não possuía as memórias e frustração geradas por aquelas repetições inacabadas, então não estava desesperado o bastante para lançar um ataque sem restrições contra ela. O problema não era grave o bastante da minha perspectiva para justificar feri-la, embora fosse a única solução.

Chegamos a um beco sem saída. E, como revelado no final, Kazu era o único capaz de lidar com a “caixa” da Mogi. Portanto, minha relação com a Otonashi terminou.

— Adeus.

No 1.635º dia 2 de março, após mais de cem repetições gastas juntos como parceiros, Otonashi finalmente desistiu de mim. Franzi o rosto, pego de surpresa por suas súbitas palavras de despedida.

A primeira aula havia acabado de terminar, e Kazu estava sentado perto de mim. Ele também estava confuso, e perguntou:

— Daiya, você já conhecia ela?

— Não, não que eu me lembre.

O motivo da minha surpresa, é claro, não era ela ter terminado nossa longa aliança, mas por Otonashi ser uma mera estranha para mim, dado que minha memória era apagada dentro do “Rejecting Classroom”. Palavras de despedida pareciam completamente fora de lugar.

Surpreendentemente, Otonashi pareceu ferida pela minha atitude. Mesmo que ela já devesse ter se acostumado a ser motivo de confusão para todos após repetir o mesmo dia tantas vezes, ela não podia simplesmente ignorar isso.

…Por quê?

Não tenho ideia, mas posso criar uma hipótese: Otonashi estava completamente sozinha naquele mundo, mas, ao se aliar a mim, ela encontrou alguém com quem conversar sobre sua experiência de repetir o mesmo dia de novo e de novo. Foi a primeira vez desde que ela entrou na “Rejecting Classroom” que ela se livrou da solidão.

Mas ela ficou sozinha novamente.

Eternamente sozinha naquele mundo onde tudo provavelmente se repetiria eternamente. Se isso for verdade… então é extremamente simples: ela estava solitária. Isso significa que ela ainda era fraca após 1.635 “transferências escolares”. Sem dizer nada sobre a “caixa”, Otonashi continuou:

— Quando a 1.635ª repetição terminar, você irá esquecer tudo, de qualquer forma. E, provavelmente, não será capaz de usar meu conselho. Portanto, o que estou para dizer servirá apenas para minha autossatisfação e mais nada. Mesmo assim, deixe-me dizer:

Ignorando minha confusão que aumentava gradativamente, ela continuou.

— Não use uma “caixa”. Nunca.

É um aviso que o atual “eu” não se lembra de ter ouvido.

— Você tentaria garantir um “desejo” impossível se obtivesse uma “caixa”. Você perseguiria um ideal com o qual não pode lidar… assim como eu.

Mas o que ela estava tentando conseguir com aquelas palavras? Não é preciso dizer que o aviso dela por si só era sem sentido; eu esqueci sobre ele assim como ela previu e acabei usando uma “caixa”. É quase como se ela estivesse falando consigo mesma.

Oh, entendo.

Ela estava apenas falando consigo mesma. Otonashi estava apenas colocando sua própria história em palavras. Otonashi estava apenas tentando tirar as angústias de sua mente ao colocar sua frustração para fora, algo que ela não tinha com quem compartilhar dentro do vazio daquele mundo. Naquele ponto, Otonashi havia se enfraquecido a esse nível.

— Eu sei o fim que leva um “desejo” desses. Ele leva à...

Portanto, o que ela descreveu foi essencialmente o final dela mesma.

— Ruína.

Aquilo foi uma triste confissão. Confissão que deveria alcançar o meu coração.

— …Hein? Mas que merda você está falando?

Mas não me lembrei do tempo que nós passamos juntos e não respondi a ela com palavras reconfortantes. Não houve milagre. Nós dois juntos não conseguimos criar um milagre. No filme, eu simplesmente estranhei uma garota desconhecida que estava falando coisas sem sentido. No final, eu a ignorei e saí com o Kazu.

Otonashi foi deixada sozinha naquela sala.

Ela ficou paralisada, cercada pelos sussurros curiosos de nossos outros colegas. Cerrando dentes e punhos, Otonashi continuou a direcionar suas palavras ao espaço vazio onde eu estive.

— Mas o que eu faria se você descobrisse sobre as “caixas” e conseguisse uma mesmo assim? Eu não a tomaria de você. Eu enfrentaria qualquer outro “portador”, mas posso não conseguir te enfrentar.

Não conseguiria me enfrentar? Do que ela está falando? Isso é pura…

— …Ah.

Espere. Na verdade, Otonashi não fez nada contra mim depois que voltei para a escola armado com a “Shadow of Sin and Punishment”. Ei, não me diga que…?

Repentinamente, considero certa possibilidade.

Eu costumava pensar que ela não havia me atacado porque ou havia sido

enganada pelo Kazu ou estava deliberadamente indo de acordo com o que ele dizia apesar de conseguir ver através das mentiras dele. Mas, em ambos os casos, eu costumava pensar que Kazu era o motivo da falta de ação dela.

Mas, se ela estiver falando a verdade na tela, poderia ser que ela também não sabe como lidar com a minha "caixa"?

— Talvez eu me alie a você de novo… não, isso está fora de questão. Eu não cooperaria com você. Nem tentaria interferir de qualquer forma. Nossos objetivos apenas possuem a mesma direção por coincidência. Nunca deveríamos ter nos tornado parceiros. Sim, na realidade, nós somos…

O que ela disse a seguir não foi particularmente desconfortável. Mesmo assim, ela contorceu seu rosto amargamente e disse de qualquer forma:

— Almas gêmeas, eu acho.

Entendo, acho que faz sentido que Otonashi mostre tal expressão. Afinal de contas, isso significa que eu e Otonashi estamos ambos amaldiçoados.

— …Sinto tanta pena do Kazuki-san.

Uma voz chamou minha atenção para longe da tela e de volta para a realidade. Com o rosto franzido de forma descontente, Yuuri Yanagi começou a sussurrar enquanto assiste ao filme. Ela sente pena do Kazu? Que tipo de reação é essa? É como se ela tivesse flagrado a Otonashi traindo ele.

…Acho que eu posso entendê-la. De forma alguma Otonashi foi infiel a ele ou algo do tipo, mas Yanagi provavelmente considera a relação dos dois como algo sagrado. Portanto, a parceria dela comigo dentro do "Rejecting Classroom", e o tempo que passei sendo o único confidente da Otonashi já devem ser o bastante para parecer traição para a Yanagi.

…Embora eu dificilmente possa dizer algo.

Também achei que a história do "Rejecting Classroom" fosse apenas sobre a formação dos laços entre a Otonashi e o Kazu. Realmente, ele era o único que podia manter suas memórias e ficar ao lado dela, mas ela estava em constante contato com todos da nossa sala.

É claro, eu era uma daquelas pessoas. Já que fui incapaz de manter minhas memórias, naturalmente fui incapaz de chamá-la de "Maria" quando ela se apresentou como "Aya Otonashi", e não pude me tornar seu parceiro em tempo integral. Mas enquanto posso ter esquecido dela, Otonashi ainda gastou um longo tempo em minha companhia. Naquele mundo repetitivo, também houve uma história sobre mim e a Otonashi. Pensando em suas palavras, eu sussurro:

— Amaldiçoado, hein…

Não havia necessidade de ela dizer isso para mim, o ultrarrealista. Se eu usar uma "caixa", irei me arruinar. Porque sei quais são as minhas capacidades, também sei quais são os meus limites. Eu sei que inevitavelmente me destruirei,

não importa o quanto me debata ou que ações tome. Essa consciência dos meus limites também impõe um limite sobre a minha “caixa” que me previne de dominá-la completamente.

Caramba… por que estou aqui nesse ponto sem volta mesmo sabendo sobre tudo isso? Por que estou envolvendo todos os tipos de pessoas sem relação alguma e arruinando suas vidas pelo bem dos meus ideais? Pior de tudo, eu até cometi um assassinato. Cheguei ao ponto em que não posso mais simplesmente dizer “estou fora”.Por que eu usei uma “caixa”? Quando foi que me tornei a pessoa que sou hoje?

…Você tem um desejo?

Certo. Eu me lembro.

Já era tarde demais para mim no momento em que cruzei com “O” e descobri sobre as “caixas”. Ao descobrir sobre elas, eu precisava usar uma. Embora eu soubesse que o meu “desejo” jamais se tornaria realidade, eu precisava usar uma. Se houvesse qualquer chance do meu “desejo”, que eu havia totalmente falhado em alcançar, se realizar, então eu precisava lutar por ele. Eu estaria disposto a pagar qualquer preço pela menor chance que fosse.

Minhas ações eram predeterminadas, e minha ruína, encomendada. Se “O” entregou uma “caixa” para mim com tudo isso em mente... interrompi meus pensamentos…Já chega. Chega. Vamos deixar esse assunto. O filme ainda está rodando. Decido me focar nele.

— Oomine. Se você falhar e se colocar em uma situação desesperadora, eu irei salvá-lo. Eu existo por esse propósito. Se tudo der errado…

Sozinha na sala de aula, a Otonashi na tela continuou.

— Irei deixá-lo usar minha “Flawed Bliss”.

— Eu decidi que nunca disse aquilo.

Ouço a voz da Otonashi vindo de cima de mim, mas não em estéreo nem vinda das caixas de som.

— Afinal de contas, aquela conversa não existiu realmente para você. E já que seria inútil se apenas eu soubesse sobre ela, decidi que ela nunca aconteceu. Não apenas as conversas que tive com você, mas também várias outras coisas.

Uma sombra está sendo projetada na tela, projetada pela pessoa que está em pé na frente ao raio do projetor, como se para proclamar que ela está acima da “Wish-Crushing Cinema” e do filme que está sendo exibido.

Não quero admitir, mas não posso evitar prender minha respiração. Mesmo que ela não se pareça diferente de como é normalmente, mesmo estando acostumado a vê-la, ainda assim não posso evitar sentir admiração.

Tal reação ao ver um mero humano é sequer possível? …Mas de fato, eu reagi dessa forma agora mesmo. Por um instante, esqueci de como respirar, meus olhos se arregalaram ao mesmo tempo que minha boca se abriu levemente, por nenhuma razão aparente. A visão dela interferiu com o ritmo do meu coração, me fez suar frio e meus dedos começarem a tremer.

Ela me impressiona simplesmente por se manter em pé naquele lugar. Apenas por me encarar, ela causa tanta pressão em mim que sua presença não parece apenas opressiva, mas afiada como uma lâmina. Diante dessa visão, um certo nome escapa por entre meus lábios como se tivesse escapado das profundezas das minhas entranhas.

— Aya Otonashi.

Apenas após sussurrá-lo em voz alta, percebo que usei o nome correto.

— Decidi que isso nunca aconteceu, hmm… Por que eu apenas não percebi — ela diz. — Que deveria ter feito a mesma coisa sobre minha parceria com o Kazuki?

Ela só chamou a si mesma de “Maria” até agora porque alguém que se lembrava desse nome o prendeu a ela. Mas ela se separou dele. Ela se tornou inimiga dele. Libertada daquele feitiço, nenhum outro nome é mais apropriado para ela do que “Aya Otonashi”. “Maria” não combina mais com ela.

Ela não é mais humana, agora que partiu seus laços absolutos que criou certa vez com o Kazu pelo bem de seu objetivo. No momento em que ela percebeu que é capaz de fazer isso por si mesma, ela deixou de ser humana. Entendo isso melhor do que ninguém, já que estou tentando fazer a mesma coisa. Seu perfeito senso de idealismo borda a monstruosidade. Ela, que superou a si mesma, é meu ideal personificado — uma entidade que existe somente pela realização de um único objetivo.

…Não há mais uma zerézima Maria em nenhum lugar desse planeta.

Ninguém, nem mesmo Kazu, pode restaurar “Maria Otonashi” agora. Há ainda menos esperança de que ela possa parar do que eu. Seu transcendentalismo puro fez a balança se equilibrar diante de meus olhos. Embora essa realização não seja mais do que uma prova de que não posso dominar minha “caixa”, não posso mais me impedir de ver a verdade.

Ver a verdade sobre… “O”.

Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 21h44min

— Então você foi derrotado pelo Oomine-kun de novo, Kazuki-kun.

Após um longo tempo, começo a me recuperar do choque e meus ouvidos voltam a registrar som.

Olho ao redor e percebo que Iroha-san está me olhando, sentada e com o queixo apoiado nas mãos. Ela é a única pessoa que ainda está nesse túnel. Olho para o meu relógio. Estive em pé sem me mover por quase meia hora. O terceiro filme, “Repetir, Recomeçar, Recomeçar” está para acabar.

— Aah… — ela suspira, como uma mãe esperando pacientemente que seu filho se acalme. — Vamos, me dê sua “Wish-Crushing Cinema” e se torne meu [servo]. Farei o favor de acabar com você.

Ainda tenho problemas em focar meus pensamentos. Minha visão está oscilando, fazendo até as pichações nas paredes parecerem algum tipo de arte válida. É difícil de engolir.

O fato de que minhas narinas estão no centro do meu rosto me irrita por algum motivo. Descubro sujeira embaixo das minhas unhas e me sinto um pouco constrangido.

Não to nem aí. Não to nem aí para a “Wish-Crushing Cinema” e esses [servos].

Maria.

Eu feri a Maria.

Não pude impedir a Maria.

Ela não está mais tentando voltar a ser “Maria Otonashi”. Ela se tornou “Aya Otonashi” de uma vez por todas. Ainda posso virar o jogo e restaurar a Maria? Penso sobre isso e chego a uma conclusão:

…É impossível.

…Impossível.

Não tenho mais um objetivo.

— Diga, Iroha-san.

Mas por alguma razão, com o olhar perdido, faço uma pergunta que esteve me incomodando por algum tempo.

— O quê?

— Aquilo foi uma performance para mostrar à Maria que eu a traí, certo?

Por que estou perguntando isso? Claro, isso esteve me incomodando, mas nesse momento não tenho mais forças restantes para me preocupar com isso.

— Foi o que eu te disse, não foi?

— Mas mesmo assim... — Continuo, como se pudesse encontrar uma solução de alguma forma. — Você não estava mentindo quando disse que selecionará pessoas que merecem morrer, certo?

Os olhos dela se arregalam, e então os cantos de seus lábios se erguem.

— É claro — os olhos dela estão cheios de loucura. — Farei o que for preciso para exterminar aqueles lixos.

Com a mente não muito focada, eu penso:

…Como imaginei.

Eu estava certo quando deduzi que a Iroha-san não poderia mais voltar para o seu cotidiano. O objetivo do qual ela falou tanto sobre não era mentira. Minha declaração de que ela está cometendo um erro estava certa, afinal.

Daiya e Iroha-san lutarão persistentemente pelos ideais nascidos de suas formas erradas de pensar. Mesmo que eles percebam o erro do que estão cometendo, não serão mais capazes de voltar atrás e serão forçados a continuar até quebrarem. Assim como a Maria será.

Alguém tem que os impedir. Mas é tarde demais para mim. Perdi meu objetivo e me sinto completamente apático.

Eu desisti.

...

...

Desisti?

Do quê? Da Maria? Eu?

Sim. Sim, desisti. Não há solução, então não tenho outra escolha.

Mas pensar em desistir faz meu corpo todo esquentar absurdamente, me fazendo sentir como se eu pudesse derreter a qualquer instante. Meus braços e pernas parecem que estão para ser arrancados de suas juntas. Essa escolha é absolutamente proibida. Preciso evitá-la de qualquer forma.

Além disso…

— …Não me venha com essa.

O que é esse sentimento que está crescendo dentro de mim? Estou irritado? Com a Iroha-san? Faria sentido. Eu fui enganado por ela. Ela armou uma armadilha para eu mostrar à Maria que mudei e me separou dela. Além disso, Iroha-san está tentando envolver pessoas inocentes em seu erro. Mas não é isso.

Esse sentimento não é direcionado a ela.

Afinal de contas, eu sei que ela não é uma pessoa ruim. Seu desejo de destruir todos aqueles que considera como tolos criminosos meramente acontece de ser incompatível com a minha própria opinião. Além disso, tenho a sensação de que

nem sequer é culpa dela ela ter desenvolvido essa opinião.

É verdade que ela está honestamente correndo atrás de seus desejos. Mas isso ainda não faz sentido para mim; ela sempre pensou assim? Ela desejou por isso mesmo antes de obter a “Shadow of Sin and Punishment”?

…Antes de receber esses poderes do Daiya?

— Tenho uma pergunta.

— O que é?

Olho para a Iroha-san novamente. Seu rosto manchado de sangue mostra apenas uma sombra de sua antiga identidade. Esses olhos que costumavam irradiar uma força de vontade incrível se ofuscaram. Essa não é a expressão que uma pessoa normal deveria fazer. Iroha-san quebrou em algum momento. Quando?

— Foi tão agonizante que você não pôde suportar a dor?

— Hein?

— Estou falando do momento em que você recebeu a “Shadow of Sin and Punishment”!

Sim, deve ter sido nesse momento que ela quebrou. Acredito que ela foi forçada a suportar algo ao aceitar esses poderes. Não, talvez não apenas naquele momento. Talvez ela precise sofrer constantemente para ser capaz de usar seu poder, julgando pelo que o Daiya teve que suportar.

— Por que você perguntaria isso?

Essa é uma clara confirmação do que estou pensando. E agora percebi. Por que ela fez aquilo? A resposta:

Aquilo foi apenas ela sofrendo e se debatendo. Ao receber a “Shadow of Sin and Punishment” ela quebrou completamente, pois já estava enfraquecida devido à “Game of Idleness”.

Esmagada por um assalto de emoções negativas, ela subconscientemente se apegou a uma maneira de lidar com elas. Porque se não o fizesse, seu coração não seria capaz de suportar tudo aquilo.

Ela encontrou algo para aliviar sua frustração imediatamente. Essa foi a ideia do Daiya. Se tornando incapaz de confiar nos outros, ela pulou nessa ideia. Ela tentou dar as costas à sua própria ruína ao eliminar aqueles que considera como lixo sob o pretexto de corrigir o mundo. Daiya a coagiu a fazer isso. Daiya sacrificou a Iroha-san pelo bem do seu “desejo”. Então esse sentimento que está embaçando minha visão é direcionado ao Daiya?

…Não.

Daiya não é diferente da Iroha-san. Ele obteve uma “caixa” para tentar pacificar seu tormento interior. Eu o considero uma vítima também. Estou irritado com ele por ter feito a Maria me deixar e por transformar a Iroha-san no que ela é agora.

Mas esse sentimento incômodo é algo diferente.

…Irritação?

Não, é similar, mas não é irritação. Não é algo tão brando quanto irritação. Essa emoção insuportável deve ser…ódio. Contra quem?

Ah.

Se é ódio, então só pode haver um alvo. Só existe um ser que eu odiaria tanto.

— “O”.

— Me chamou?

Não estou surpreso com a sua chegada. Eu esperava por isso. Olho para “O”.

— Que tipo de aparência é essa?

Uma garota tão bonita que parece estar acima de tudo e de todos apareceu. Por ser tão bonita, ela parece ser falsa e irreal, e me dá uma impressão desagradável. Mas então por que o seguinte pensamento aparece em minha mente, quando seus rostos nem sequer se parecem? Essa garota de cabelo comprido… me lembra Maria Otonashi.

— …Poderia nos dizer quem você é? — pergunta Iroha-san.

— Certo, ainda não tive o prazer de conhecê-la. Eu assumi que você descobriria quem eu sou por conta própria, mas se esse não for o caso, irei me apresentar. Sou “O”.

— “O”? Você? — Ela diz e repentinamente arregala os olhos, como se tivesse acabado de perceber algo, e assume uma postura defensiva. — Você veio para ajudar o Kazuki-kun ou o quê…?

— Hehe.

“O” nem negou nem confirmou suas intenções.

— Oomine-kun me avisou que você está do lado do Kazuki. Você veio ao resgate dele porque ele está em perigo?

— Eu nunca o ajudei, mas é verdade que ele tem minha preferência.

— Você pretende ficar em meu caminho, não é mesmo?!

“O” a ignora e desvia o olhar.

— Embora eu não possa dizer com certeza. — “O” se dirige a mim, sem prestar atenção ao estado cada vez mais exaltado da Iroha-san.

— …E-ei!

— Você prendeu meu interesse porque eu sentia que você era de certa forma diferente dos outros humanos.

— …Tch!

Iroha-san percebe que não tem um papel nessa conversa e fica em silêncio. Aparentemente, ela julgou que é inútil tentar fazer com que a entidade à nossa frente a reconheça.

— Mas eu não tinha uma ideia clara de por que você, e apenas você, era especial, e de como nós estamos relacionados. Contudo, ao testemunhar a forma como você esfaqueou essa garota agora a pouco, finalmente consegui alcançar algum tipo de convicção. Portanto, gostaria de confirmar isso agora.

Levanto uma sobrancelha e lanço um olhar de inimizade para “O”.

— Para esse propósito… sim, acho que te darei alguma informação sobre o meu ser.

— …Do que você está falando…? Você acha que isso mudaria alguma coisa? Não tem como as coisas mudarem.

— Oh, eu não teria tanta certeza. Você pode acabar se sentindo muito mais próximo a mim, quem sabe?

— Próximo? Não me faça rir.

— Você normalmente não encontraria um ser que garante “desejos” na forma de uma figura tão concreta e familiar! Nem seria capaz de percebê-la tão claramente. A integridade do meu “ser” gigante não é nada além de um “poder” que nem sequer possui uma vontade.

Então por que estou aqui agora como “O” e possuo uma vontade? É porque “certa pessoa” deu forma ao ser “O” por meio de um “desejo”.

— Uma certa pessoa…?

Do que “O” está falando? Ele está dizendo que foi criado por alguém, mesmo também sendo um fenômeno sobrenatural?

— Vamos pensar em um “desejo” que poderia cumprir isso. Certo, que tal isso: “quero que o desejo de todos se tornem realidade”.

— …Oh!

Poderia ser que… Poderia ser que esse “certa pessoa” é…

Mais uma vez, penso sobre o que “O” é. Ele é o distribuidor das “caixas” e já levou diversas pessoas ao meu redor à loucura e ao desespero. Ele é um ser que garante falsos “desejos”. Portanto…

— Tenho certeza de que você entendeu! Essa “certa pessoa” não está ciente disso ela mesma. Ela não sabe que sua “caixa” funciona dessa forma. Ela não está ciente de como ela pode garantir o “desejo” de alguém. Mas essa é a verdade!

“O” colocou meus pensamentos em palavras.

— A “Flawed Bliss” de Maria Otonashi é uma “caixa” que dá vida a mim, “O”.

Estive esperando por essa resposta, mas não consigo evitar me sentir atordoado quando “O” me diz isso cara a cara.

— Besteira. Maria não seria capaz de fazer isso.

— Não me entenda mal: o ser que garante “desejos” já existia antes de ela usar sua “caixa” pela primeira vez. De outra forma, ela não seria capaz de obter a “caixa”, em primeiro lugar. Ela não me criou do zero. O que ela fez foi simplesmente me dar forma e me trazer para o lado dela. Isso ainda parece impossível para você?

— Eu…

…Acho que é possível. Eu já vi coisas muito mais bizarras do que isso.

— Mas Maria me disse que ela prendeu todas as pessoas em quem usou a “Flawed Bliss”…

— Você já conferiu isso por si mesmo?

— Eh?

— Você apenas aceitou as palavras dela, não foi? As palavras de uma amnésica que, sempre que deixa alguém usar sua “caixa”, perde todas as memórias daquela pessoa e de seu ambiente.

— …Mas.

Eu realmente senti naquela vez. Eu toquei o peito da Maria e experimentei a profunda solidão da “Flawed Bliss”. Eu vi as pessoas que ela prendeu.

— Você não parece convencido. Mas lembre-se de que você também tocou a “caixa” de outro “portador”. Você não sentiu algo similar quando aquilo aconteceu?

— Eh…?

Ele está certo. Eu toquei o “Rejecting Classroom” da Mogi-san.

— Acho que você percebeu por si mesmo, mas, na realidade, você estava vendo uma imagem mental de como eles percebem suas próprias “caixas”.

Isso significa que aquele lugar no fundo do oceano que eu vi quando toquei o peito da Maria era apenas…

— O que você sentiu ao tocá-la foi apenas sua imagem mental. Para ela é verdade que ela prendeu todos os usuários em sua “caixa”; afinal de contas, essa é uma importante parte de como as “caixas” distorcem a realidade. Contudo, essa não é a verdade. Aquele cenário meramente mostra como ela está cheia de remorso porque pode apenas garantir soluções incompletas para as pessoas que tentou salvar, mesmo depois de simpatizar com elas e entender suas dores tão profundamente. Sim…

“O” continua, mantendo o mesmo semblante gracioso.

— Sim… aquele cenário é apenas uma imagem do desespero dela.

Me lembro do lugar que vi daquela vez. Um teatro de falsa felicidade no fundo do frio, porém oh-tão-brilhante, oceano. Alguém estava chorando em algum lugar, cercado e afogado por risadas sem fim. É um campo de batalha solitário onde ninguém nunca vence.

É o desespero da Maria.

…Maria.

Então, no fim, eu ainda quero salvá-la!

— Então eu estava certo. — "O" sussurra ao ver minha expressão.

— O que você quer dizer com isso?

Mas em vez de me responder, "O" apenas me encara.

Irritado com ele, reclamo sobre o que está me incomodando desde o começo.

— "O", você está apenas falando sobre a Maria, mas sua intenção não era falar sobre mim?

— Por favor, tenha alguma paciência; uma coisa por vez. Mas não se preocupe, chegaremos ao tópico principal em breve… Aqui está algo novo que quero confirmar. O "desejo" daquela "certa pessoa" é fazer com que os desejos de todos se tornem realidade, que é o porquê de eu, "O", existir. Contudo, "caixas" são feitas de forma a analisar um desejo perfeitamente. Portanto, elas garantem até mesmo as dúvidas dos usuários. Então de que forma as dúvidas daquela "certa pessoa" foram garantidas?

— Ainda não tenho nada a ver com isso, tenho?

— Oh, você tem.

— Hein?

— Lembre-se de Nana Yanagi, seu primeiro amor.

Esse nome apareceu tão inesperadamente que fico constrangido.

— Po-por que falar dela agora?

— Porque aquela "certa pessoa" usou sua "caixa" em Nana Yanagi.

— …O quê?!

— Oh, certo, você não sabia disso. É claro que está surpreso. Mas você queria que eu fosse direto ao ponto, certo? Sinto dizer que não posso te dar tempo para se acalmar.

Que monstro sarcástico.

— Muito bem então, não sei como você se sente sobre isso, mas para Nana Yanagi você foi um salvador. Você a ajudou mais do que qualquer outro, até mesmo seu namorado Touji Kijima. É claro, "ela", que aprisionou Nana Yanagi,

sabia disso. Você deixou uma incrível impressão “nela”. Afinal de contas, é preciso muito para ser considerado como um salvador por alguém. Portanto, “ela” subconscientemente estabeleceu uma nova regra para si mesma: Kazuki Hoshino tem as qualidades de um salvador.

— …Isso não faz nenhum sentido pra mim.

— É mesmo? Mas tem mais! ...“Ela” teve desejos contraditórios após ver tal salvador. Por um lado ela queria garantir “desejos” não importa o quê, mas por outro lado, ela queria que alguém a impedisse.

Eu sei disso. Ela me contou seus verdadeiros sentimentos dentro do “Game of Idleness”.

— Suas dúvidas sobre seu “desejo” eram compatíveis com a parte dela que deseja que alguém a impeça, então eles se combinaram. Uma “caixa” garante desejos exatamente como eles são. Em outras palavras, a “caixa” também garantiu sua convicção contraditória de que um salvador viria para esmagar o “desejo” dela.

— O quê?

Após me reconhecer como um salvador? Isso significa que o salvador recebeu o poder de esmagar “desejos” da “caixa” dela?

— Você nunca se perguntou por que era capaz de manter suas memórias dentro do “Rejecting Classroom” embora não fosse um “portador”? Por que você se manteve perfeitamente normal quando a Iroha Shindou ali pisou em sua sombra? Não seria lógico assumir que você esteve sob a influência da “Flawed Bliss” esse tempo todo, e portanto, pôde resistir aos poderes dessas “caixas”?

A “Flawed Bliss” tinha dois poderes.

O poder para criar “O”.

E o poder para criar o “salvador”.

— A “caixa” dela atribuiu a você o papel de salvador. Ou devo dizer…

— Kazuki Hoshino, você é o cavaleiro que deve impedir Maria Otonashi.

Cavaleiro.

Eu sou… o cavaleiro da Maria.

Eu ganhei esse poder da própria Maria?

Olho para as palmas das minhas mãos em silêncio. Fecho-as, abro-as. Fechar, abrir. Pedra, papel. Ah… elas são mãos completamente normais, terrivelmente pequenas comparadas às dos outros da minha idade. Não sinto qualquer poder especial nelas. Mesmo assim… não sei por que, mas algo parece estranho. … Não, isso está errado.

É o oposto.

…O sentimento de estranheza que sempre existiu no fundo da minha consciência acabou de desaparecer.

— Muito bem, agora, por que você não verifica para ver se realmente recebeu o poder da “Flawed Bliss”?

— Verificar? Como? — pergunto.

“O” olha para Iroha-san como se tivesse acabado de se lembrar que ela também está presente e responde sem mover um músculo:

— Destrua a “caixa” dela, ela querendo ou não.

— O quê…?! — Iroha-san exclama e me encara com olhos ameaçadores.

Você não precisa olhar para mim dessa forma. Por que eu seguiria instruções de alguém que eu odeio tanto quanto “O”? Mesmo que eu realmente tivesse o poder para destruir sua “caixa”, eu definitivamente não gostaria de fazer isso. Mas apesar disso.

— …Hehehe.

Não consigo conter a risada.

— Kazuki-kun…?

Iroha-san contorce seu rosto. Mas não consigo parar de rir.

— Heh, hehe… ha, ha, hahahahahaha!

— …O quê? O que é tão engraçado?

Uau, o que é esse sentimento crescendo dentro de mim? O que é esse impulso que não consigo conter?

…Quero testá-lo.

…Quero testar esse poder.

…Quero esmagar aquela “caixa” que ela valoriza tanto.

Ah, não sinto mais como se houvesse pouca “identidade” dentro de mim. Aquilo era nojento. Me pergunto porque me sentia daquela forma e de onde vinha aquele sentimento. Era como se eu fosse movido por uma força externa, como se minha vontade fosse controlada por essa mesma força poderosa. Eu acabei de passar por esse fenômeno: embora eu tenha acabado de cair nas profundezas do desespero após considerar impossível salvar a Maria, esses sentimentos eram de alguma forma colocados de lado para que eu pudesse encontrar uma solução ao questionar a Iroha-san.

Finalmente, tenho uma explicação.

Tudo isso foi obra da Maria.

É tudo culpa dela. Ela bagunçou a minha vida. A “caixa” da Maria é a origem de todo o mal. É culpa dela eu ter tentado esfaquear a Iroha-san, é culpa dela eu ter estado disposto a deixar a Mogi-san morrer para destruir a “caixa” dela, é tudo culpa da Maria. Eu estive sob o controle da Maria.

— Hehhahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahahaha hahahahahahahahahahahahahahahahahahaahahahahahahahahahahahahahahahaahahahahahahahahahaha

E isso… me faz sentir completamente incrível.

Porque isso significa que eu pertenço a ela no sentido mais correto da palavra. É claro que isso me faz sentir ótimo, quando esse tem sido meu objetivo o tempo todo. Eu costumava me sentir culpado por tentar me livrar de Aya Otonashi contra a vontade da Maria. Em primeiro lugar, porque não sabia se essa era a coisa certa a se fazer, e em segundo, porque não queria deixá-la ainda mais triste.

Mas agora eu obtive a permissão da Maria. Obtive uma justificativa para acabar com a Aya de uma vez por todas. Está tudo bem em querer satisfazer esse desejo obscuro.

Ah, Maria.

Minha amada Maria.

Não importa o quanto você me odeie ou quanto você se debata ou chore, destruirei a sua “caixa”. A farei em pedaços. Rasgarei a imagem à qual você se dedicou tanto diante dos seus próprios olhos. Irei destruí-la, esmagá-la, devastá-la, violá-la, corrompê-la e jogá-la fora.

Ah, meu coração está palpitando de alegria. Estou respirando violentamente por causa do que estou sentindo.

Superioridade.

Soberania.

Onipotência.

— …Você está bem, Kazuki-kun? — Iroha-san pergunta. Ela percebeu minha respiração acelerada, e que estou agachado e pressionando minha mão contra o peito.

Sim, realmente. Antes de matar Aya Otonashi, preciso confirmar que meu poder é real.

— U-uou… por que você está me olhando dessa forma?

E usarei essa garota obcecada por “caixas” para esse propósito.

…Mas como devo proceder para destruir uma “caixa”?

Tento pensar logicamente sobre métodos possíveis… por um momento, mas duvido que isso me leve a algum lugar. Algo dentro de mim está me dizendo que, em vez disso, devo visualizar meu poder.

Portanto, tento formar uma imagem em minha mente. Me imagino como um cavaleiro em um deserto manchado de sangue. Um enorme exército de inimigos armados com todos os tipos de armas está em meu caminho, até onde os olhos podem ver. Eu os atravesso com a minha espada longa, criando uma montanha de corpos, e nunca paro de matar, mesmo que isso apenas gere ódio e ressentimento. É tudo para encontrar a Maria.

Para resgatá-la da torre em que ela está sendo mantida como prisioneira, eu empilho os corpos para formar uma montanha de igual altitude. Eu subo pela torre de carne usando-a como uma escada para alcançar a Maria aprisionada.

Para salvá-la. Aah.

— Aah.

Eu descobri.

— Eu descobri.

Não houve nenhuma inspiração súbita. Eu meramente juntei as peças que já encontrei. É como se eu aleatoriamente houvesse resolvido um quebra-cabeça sem nem sequer pensar sobre ele. Com um sentimento como esse, eu descobri…

… As “caixas”… A forma correta de se usar uma “caixa”.

Assim que você pensa sobre como usar uma “caixa”, você não pode mais dominá-la. Você deve se impedir de preencher a “caixa” com seus desejos, e apenas se tornar consciente de que ela existe. Tudo o que você precisa fazer é perceber que o poder de garantir “desejos” existe. Nós só temos que acreditar em nós mesmos e ir em direção a um objetivo.

A “caixa” pode ficar vazia. Não, ela deve ficar vazia.

Foi isso que eu descobri.

E isso é o bastante. Com apenas esse conhecimento, posso obter o poder do cavaleiro de esmagar “caixas”. Posso obter a ferramenta que garante o meu desejo...

“Empty Box[5]”.

— Muito bem então, vamos fazer isso de uma vez?

Agarro a cabeça da Iroha-san com minha mão direita, cobrindo os olhos dela com a minha palma. Uso minha outra mão para puxar o braço dela e jogá-la no chão.

— Eh? Hã…?

Sento em cima dela. Iroha-san me encara com os olhos arregalados. Aparentemente, tudo está acontecendo rápido demais para ela. A lentidão dela é fatal. Já é tarde demais. Sua derrota já está garantida.

Sem perder um instante, enfio minha mão como uma espada no peito dela.

— EH? Ah! Gnn! …Ungh!!

E a removo.

Eu removo a imitação barata da “Shadow of Sin and Punishment”.

— …Eh? Eh? O quê?

Sorrio triunfante enquanto a observo se debatendo e falhando em entender a situação em que está. Que vitória fácil. Era tão fácil assim remover a “caixa” de alguém?

Olho para a “caixa”. É sólida e redonda, e completamente negra, como uma bola de canhão, mas tenho certeza que a “caixa” do Daiya é diferente. A agonia de seu “portador” irradia da pequena “caixa” em minha mão, mas não me importo com isso.

— …Ah? — Apenas após ver o objeto que estou segurando, Iroha-san percebe o que eu fiz com ela. — Ah…! Aah!

Ela está reagindo como se eu houvesse arrancado o coração dela. Ela segura o peito e olha em minha direção com o rosto pálido.

— O quê… o que você fez?

Não há necessidade de explicar o óbvio. Permaneço em silêncio, e Iroha-san continua.

— Co-como você pode fazer algo como remover uma “caixa”?!

…Por quê, hein? Como devo responder?

Porque sou o “cavaleiro”. Isso seria verdade, mas não significaria nada para a Iroha-san. Então, como devo responder? A primeira coisa que vem à minha mente é algo que o Daiya me disse certa vez.

…Cara, o Daiya com certeza é brilhante. Ele está sempre absolutamente certo em suas análises. Eu neguei daquela vez, mas ele estava certo no final das contas!

Fecho meus olhos por um momento e proclamo:

— Porque eu existo para pisotear os “desejos” dos outros.

Em certo sentido, isso é uma declaração de que sou inimigo dela. Seus olhos arregalados estão fixados no meu rosto. Após observar minha expressão, ela deixa seu olhar vagar para a “caixa” que está em minha mão.

Após repetir o circuito diversas vezes, ela finalmente percebe o que estou para fazer e fica ainda mais pálida.

— Pa-pare! Se você esmagá-la, eu também serei esmagada!

— Não existe função válida para uma “caixa”.

— Eu não tenho outra escolha! Depois de aprender sobre ela. Após descobrir sobre um poder que pode realizar milagres! Não consigo mais imaginar viver sem ele… não posso mais suportar uma vida sem “caixas”! Devolva-me!

Entendo. Uma vez que você descobre uma falha na realidade, você não pode mais viver sem ela. Acho que “O” certa vez me disse algo similar. Isso significa que meramente aprender sobre as “caixas” tem um impacto tremendo.

Não posso evitar. Terei que ensinar uma lição a ela.

— Qual é a palavra mágica?

— Hein?

— Me implore para, por favor, por favorzinho, não esmagar sua “caixa”! Mas antes disso, se ajoelhe diante de mim.

— O que há de errado com você, Kazuki-kun? Qual é o sentido?

— Você não está nem ao menos desesperada o bastante para se ajoelhar? Deve ser um “desejo” bobo então! Você não está preparada para tomar uma pílula amarga, mesmo que esteja disposta a sacrificar os outros?

— Você está evitando a minha pergunta!

— É porque não pretendo aceitar nenhuma questão sua! Vamos, comece a implorar de uma vez.

Aparentemente percebendo que estou falando sério, Iroha-san morde os lábios.

—Você não pode me enganar. Não há garantia de que você não destruirá a minha “caixa”, mesmo que eu me rebaixe.

— É claro que não há garantia. Mas a menos que você se ajoelhe diante de mim, esmagarei essa “caixa” com certeza. Não seja tão exigente!

Ela não me responde e, em vez disso, olha para “O”.

— É inútil! “O” não irá te ajudar.

— …Tch!

— Eu sei que fazer você se ajoelhar diante de mim não é uma boa ideia. Você poderia esperar por uma abertura em minha defesa e recuperar sua “caixa”. É por isso que você está olhando para “O”… porque você espera que ele possa interferir e criar essa abertura para você.

Mas é inútil. Quem está me dizendo para testar meu poder é o próprio “O”, então ele não entrará no meu caminho. E como eu sei que você está procurando por uma falha em minha armadura, não abaixarei minha guarda.

— Ugh…

— Se você quer me impedir de esmagar a sua “caixa”, você não tem outra escolha senão apelar para o meu lado bom. Se ajoelhar pode não ser totalmente sem sentido, sabia? Acredito que esmagar essa “caixa” é a escolha certa, mas se você puder me convencer do contrário, não irei fazê-lo.

Tecnicamente, isso não é uma mentira. Não acho que ela pode mudar minha mente, mas se ela de alguma forma for capaz, é claro que não destruirei a “caixa” dela.

Iroha-san fica em silêncio. Por alguns momentos, ela não se move. Mas eventualmente...

—Buá, Buuuá…

Ela começa a chorar. Ainda caída no chão, ela está transbordando lágrimas. Como uma criança indefesa implorando por algo, ela está derramando lágrimas e contorcendo o rosto.

E então ela faz como eu pedi. Ela se ajoelha diante de mim, tocando sua testa no chão. Honestamente, estou surpreso.

…Esta é a Iroha-san? A determinada Iroha-san que cortou o próprio dedo para alcançar seus objetivos no “Game of Idleness”…?

— Eu te imploro. Por favor, não a destrua. Por favor, me devolva — ela diz freneticamente, com lágrimas escorrendo dos olhos.

Ela não está fazendo um serviço ruim e nem está assim porque eu a ordenei, mas porque sabe que se ajoelhar e implorar é tudo o que ela pode fazer. Como uma criança indefesa que sabe que o adulto abusando dela não vai parar até que ela comece a soluçar e chorar.

Eu a encurralei brutalmente. Não tem como meu coração não doer diante dessa visão.

— Sem ela… sem ela… eu não posso mais viver…

Iroha-san anseia por essa “caixa” como uma viciada. Ela seriamente acredita que a “caixa” é o suporte de que ela precisa. Ela acredita que não pode mais viver sem a “caixa” e, realmente, isso pode ter se tornado verdade no momento em que ela descobriu sobre e começou a usá-la.

É assim que as “caixas” funcionam. Elas deformam as pessoas de modo que elas nunca possam voltar a ser como eram.

— …Eu te ouvi. Você não pode mais ficar sem a “caixa”. Se você a perder, isso deixará uma profunda ferida em seu coração.

— …Sim. Então, por favor, devolva-a para mim. Eu farei o que você quiser…

Aflito pela visão do acesso de choro da Iroha-san, seguro a “caixa” em frente ao rosto dela. Ela deve ter achado que eu não a devolveria tão rapidamente, então está me encarando com um rosto surpreso. Vendo meu sorriso gentil e a “caixa” diante de seus olhos, seu rosto relaxa em alívio.

— O-obrigada… — Ela diz com gratidão enquanto estende suas mãos gananciosamente.

— Obrigada? — Inclino minha cabeça. — Mesmo que eu esteja dizendo que vou feri-la mortalmente?

— Eh?

— Você não pode realmente estar achando que eu te devolveria isso, certo? — Pergunto ao esmagar a “caixa” dela.

Uma secreção preta espirra dos meus dedos, como se eu tivesse acabado de esmagar um inseto gigante, manchando minha mão e o rosto dela. O rosto da Iroha-san congela como se o tempo tivesse parado, enquanto é coberta pelos restos de sua própria “caixa”.

Ela toca o próprio rosto e traça os dedos por ele várias vezes para entender o que acabou de acontecer. Repetidamente, ela confirma que a “caixa” foi destruída com seus dedos trêmulos, sem querer acreditar em sua destruição, embora seja muito real.

— Uh, ah…

Finalmente, ela aceita a verdade.

— NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOOOOOOOOOOOOO!

Talvez porque a destruição da “caixa” tenha um efeito direto no corpo dela ou por puro choque psicológico, os olhos da Iroha-san rolam para cima e ela desmaia.

— Phew — suspiro olhando para o corpo caído dela.

Sem mais choros e soluços? Está brincando comigo? Eu esperava que as coisas tomassem esse rumo. Até mesmo esperava que me entristeceria até certo ponto vê-la implorando. Portanto, se havia alguma maneira de tocar meu coração e me convencer a não destruir a “caixa” dela, definitivamente não era implorando e apelando para meu senso de piedade. Ao contrário, ela deveria ter se levantado pelos seus ideais apesar do desespero e me confrontado com uma determinação inabalável, apesar da situação desesperadora.

Se Iroha-san estivesse em seu juízo perfeito, ela teria feito exatamente isso, e talvez até me convencido a reconsiderar sobre a minha posição em relação às “caixas”.

Mas ela não foi capaz de fazer isso. A antiga Iroha-san jamais teria se ajoelhado e desmaiado. Ela perdeu noção de si mesma de uma forma ridícula. Isso não é prova o bastante que ela foi completamente controlada pela sua “caixa” e que isso apenas tornou as coisas piores para ela mesma?

Foi por isso que destruí a “caixa” dela de forma tão teatral. Mostrei a ela que jamais será capaz de recuperar sua “caixa”. Não sei se ela será capaz de se recuperar disso; para ser honesto, é improvável. Mas é melhor do que deixá-la obter uma nova “caixa” e sair por aí cometendo erros. É muito melhor do que vê-la ferindo os outros por causa de suas crenças doentias. Iroha-san terá que aceitar

viver sem uma “caixa”. Se você não puder, Iroha-san, então morra queimada e não fique no meu caminho.

— Agora é evidente. — “O” diz enquanto estou olhando para Iroha-san. — Você definitivamente foi influenciado pela “Flawed Bliss”. Você obteve o poder de um “cavaleiro”.

— Parece que sim — respondo e olho para “O”.

A expressão no rosto dessa versão incrivelmente linda de “O” não é a de calma à qual estou acostumado. É uma expressão vazia similar à de uma boneca. E assim como uma boneca moldada perfeitamente para parecer mais misteriosa do que bela, a expressão vazia nessa garota de aparência perfeita me dá nojo.

Ah… entendo.

Subconscientemente, eu percebi a verdadeira natureza dele… não, dela esse tempo todo, e é por isso que ela sempre me pareceu tão repulsiva. Exato. Acabei de me lembrar. Quando a vi naquela cena a qual só posso me recordar em meus sonhos, sua aparência era exatamente a mesma que ela tem agora.

É assim que “O” realmente se parece.

E essa é a expressão que ela exibe em sua verdadeira forma. Isso significa que ela finalmente decidiu me confrontar diretamente.

— Kazuki-kun. Certa vez disse que nossos objetivos eram os mesmos. Mas parece que aquela declaração estava correta por um lado, mas errada por outro. Nós dois existimos pelo bem de Maria Otonashi. Nós somos o mesmo nesse aspecto. Mas enquanto eu existo para garantir o “desejo” dela, você existe para destruí-lo. Enquanto nossas ações são igualmente baseadas nela, nossos papéis são completamente opostos. Aah, que pena, considerando que ainda sinto que somos parecidos. Terei que reprimir esses sentimentos de familiaridade. Porque, afinal de contas, nós somos…

— Você está certa. Nós somos…

Inimigos.

Nenhum de nós se preocupou em dizer em voz alta.

Não há necessidade.

Irei derrotar “O”.

Esse é o equivalente de recuperar a zerézima Maria. Esses dois objetivos estão ligados.

— Mas sinto dizer que você não será capaz de vencer essa luta, Kazuki-kun. Pode ser fácil se livrar de mim, já que você precisa apenas esmagar a “Flawed Bliss” como acabou de fazer com a “caixa” da Iroha-san. Mas enquanto isso garante minha derrota, não garante a sua vitória. Simplesmente destruindo-a... — Ela olha para Iroha-san. — ...Você pode destruir a personalidade da Maria do jeito que você fez com essa garota… ou pior. Iroha Shindou pode ser capaz de se recuperar, mas isso é definitivamente impossível para Maria Otonashi. Ela já

precisa se esforçar ao máximo para se manter. O equilíbrio é tão instável que perder sua “caixa” pode causar uma reação em cadeia que irá destruí-la completamente. Tenho certeza de que você está bem ciente disso, mas apenas para esclarecer: se você destruir a “caixa” dela à força, o coração dela certamente será despedaçado e não haverá chance de recuperação.

Não quero admitir, mas acho que “O” está certa.

Não posso salvar a Maria simplesmente destruindo sua “caixa”. Se eu fizer isso, ela entrará em colapso enquanto ainda possuída pela “Aya Otonashi” que ela criou e jamais se recuperará. Não há sentido se ela não aceitar abandonar sua “caixa” por vontade própria. Mas isso é…

— É impossível. — “O” diz, como se tivesse lido minha mente. — Porque você a traiu, ela se decidiu de uma vez por todas. Você entende o que isso significa, não é mesmo? Isso significa que ela não abandonará sua “caixa” por vontade própria. A força de sua determinação é tão grande que ela sequer hesitaria se sua vida estivesse em perigo. Você testemunhou isso inúmeras vezes, então você sabe muito bem disso, não é mesmo?

Sim, eu testemunhei isso muito bem. Como Maria era incapaz de usar força mesmo quando estava prestes a ser morta. Como ela não podia sacrificar ninguém, pois quer tornar todos felizes. Destruir sua “caixa” pelo bem dela mesma. Maria jamais aceitaria isso. Ela jamais agiria em prol de sua própria felicidade egoísta. Eu me rendi ao desespero cedo demais, achando que não havia uma maneira de salvá-la. Contudo.

— Eu posso fazê-lo!

Eu descobri que sou o salvador. Eu descobri que sou o “cavaleiro”.

— Maria definitivamente entregará sua “caixa” para mim!

Não sei como posso alcançar meu objetivo, mas ainda posso acreditar em meu próprio poder agora que finalmente aceitei minha “caixa”.

Esse poder foi criado pela própria Maria porque ela desejou por ele, então não tem como eu falhar. Irei criar um milagre que vai virar o jogo ao meu favor.

— Porque tenho a “Empty Box” comigo agora.

Agora nada pode me impedir.

Hmm… primeiro de tudo, recuperarei a Maria do Daiya. Depois disso, enfrentarei a própria Maria e a farei me entregar sua “caixa”.

— Entendo. Então devo destruir a “Empty Box”.

“O” definitivamente se tornará meu inimigo.

Por que não percebi algo tão óbvio mais cedo? Eu devia ter percebido muito

antes. No mínimo, eu deveria ter sido capaz de perceber ao ver sua forma atual. Quer dizer, eu não achei que elas eram parecidas assim que a vi?

“O”.

É apenas uma inicial. Maria criou esse ser, então suponho que ela subconscientemente deu a ela o nome de “O”, ao qual ela já era familiar de qualquer forma. Se esse for o caso, só posso imaginar um significado para esse nome.

Ela queria se tornar um ser que garante os desejos dos outros. E em certo sentido, “O” é exatamente isso…De certo modo, “O” é seu ideal. E esse é o nome da pessoa que Maria está tentando se tornar ao sufocar sua própria identidade.

Sim, suas raízes são as mesmas. É por isso que considero ambos como meus inimigos. Chamei o nome de “O” com profunda hostilidade.

— Aya Otonashi.

Não sei qual a origem desse nome. Talvez tenha existido uma pessoa real que serviu de inspiração. É Otonashi, então talvez seja da família da Maria. O que eu sei é que ambos, eu e “O”, existimos pelo bem da Maria. Mas nós não podemos coexistir. Já que opomos um ao outro das profundezas de nossos respectivos seres, apenas um de nós pode sobreviver. Mas eu absolutamente não irei perder.

Então deixo minhas intenções absolutamente claras:

— Irei matá-la, “Aya Otonashi”.

Essa história é a contribuição de Eiji Mikage para o “Tsunageyou! Kibou no Kizuna” distribuído pela Dengeki — esse livro contém histórias curtas e ilustrações de mais de cem contribuintes. O dinheiro arrecadado por esse livro foi usado para ajudar as vítimas da tragédia provocada pelo tsunami que atingiu o Japão em Março de 2011.

Não acho que existam sentimentos que durem para sempre. Exceto talvez em um mundo que se repete infinitamente.

— Kiri, nós também temos que mudar, você entende? — A incentivei inúmeras vezes, mas em cada tentativa minha amiga de infância, Kokone Kirino, apenas fugia do assunto com um sorriso torto.

Nós já estavamos no sétimo ano do ensino fundamental. Esse é provavelmente o momento em sua vida em que alguém se torna mais consciente do sexo oposto. Mas Kiri continuava se escondendo atrás de mim e sequer tentava fazer novos amigos. Isso não era bom para ela, e eu não conseguia mais aturar isso.

Preciso fazer algo, foi o que pensei e então a apresentei para Haruaki Usui, um dos meus melhores amigos. Sua personalidade naturalmente espontânea permitiu que os dois se dessem bem rapidamente, apesar da natureza reservada dela. O tempo que nós três passávamos juntos aumentava progressivamente. Aproximar o Haru dela foi um grande sucesso.

— Kiri, o que você faria se o Haru se confessasse para você? Você sairia com ele?

Um dia, perguntei isso a ela; pronto para me livrar do papel do amigo de infância.

— Por que você está dizendo isso, Dai-chan? Por que você…?

Foi então que finalmente superei minha estupidez e pelo menos consegui perceber a situação em que estávamos. Realmente, não existiam sentimentos imutáveis. Os sentimentos da Kiri mudaram sem eu perceber. Enquanto a atitude dela em relação a mim continuou a mesma, os sentimentos ocultos dela mudaram desde que éramos mais jovens.

Da mesma forma… isso também valia para mim.

— …Não, não é isso que eu queria dizer. Eu ia te dizer para não aceitar a confissão dele. Não saia com ele… é o que eu queria dizer…

Por mais patético que seja, só percebi meus próprios sentimentos após ver a Kiri se dando tão bem com o Haru. Não gostei de vê-la se dando bem com outro garoto. Me encontrei com ciúmes do Haru, mesmo tendo sido eu mesmo quem tentou juntá-los. No instante seguinte, fiquei terrivelmente envergonhado pelo pedido egoísta que tinha feito.

Contudo, Kiri apenas riu alegremente em resposta ao meu pedido egoísta. Vendo o sorriso dela, um pensamento surgiu em minha mente. Embora eu não tenha qualquer fundamento para pensar dessa forma, minha opinião continua a mesma: nenhum sentimento dura para sempre. Mas nós podemos continuar juntos para sempre sem nunca mudar. Foi o que pensei.

Notas do Autor

Há quanto tempo, aqui é o Eiji Mikage.

Finalmente, fui capaz de lançar o quinto volume de “Utsuro no Hako to Zero no Maria”. Mesmo que seja verdade que eu estava ocupado com outro projeto e outra série, me arrependo profundamente de ter levado dois anos para chegar aqui. Tentei garantir que os leitores que esqueceram completamente do que essa série se trata ainda possam seguir a história, então, por favor, não se preocupem com isso.

Falando nisso, tenho a sensação de que minhas Notas do Autor sempre precisam de uma desculpa similar… Eu amo escrever novels até demais, então acho que estou quase pegando o jeito de escrever mais rápido. Talvez.

Err… Falando a verdade, eu sabia que esse volume seria difícil de escrever quando terminei o quarto volume. Não por causa do assunto em questão, mas porque eu sentia que me faltava energia para continuar escrevendo essa série. Você pode achar que eu estou inventando uma racionalização meia boca. E, na verdade, eu concordo. Mas graças às minhas baterias recarregadas, coloquei muito mais de você sabe o que nesse volume. Descarreguei meu stress em todos os personagens, não importa quem, eu apenas baguncei todos.

Bom, sobre o conteúdo desse livro: dessa vez nós temos dois protagonistas.

Para falar a verdade, eu queria escrever um volume centrado no Daiya desde os estágios iniciais de planejar essa série. De fato, eu originalmente queria fazer um personagem como o Daiya de protagonista. Seria mais fácil para mim dessa forma.

Mas levando o conceito de múltiplos arcos dessa série e outros detalhes em conta, cheguei à conclusão de que seria melhor não fazer isso. Não pôde ser evitado. Contudo, desde o primeiro volume tenho secretamente (em segredo até mesmo do meu antigo editor) trabalhando em todo tipo de detalhes, pensando “Há! Farei o Daiya se sobrepor algum dia e o farei arrancar pedaços do Kazuki!” Esse também é o motivo dos outros personagens centrais serem amigos de infância do Daiya e não do Kazuki. Dessa forma, o Kazuki entrou na comunidade deles e não o contrário.

Então, nesse volume, alcancei o objetivo que havia imposto a mim mesmo naquela época. A história está se aproximando do fim, mas parece que serei capaz de incluir tudo o que queria, e não apenas o que tinha em mente para o Daiya. Isso me deixa realmente feliz.

Para as notas de agradecimento:

Agradeço novamente ao meu editor Miki-san. Vamos continuar nos divertindo escrevendo novels juntos. Obrigado Tetsuo-san por desenhar ótimas ilustrações apesar do longo intervalo entre os volumes. Você parece gostar dessa história, e isso me inspira muito.

Finalmente, queridos leitores. As várias vozes que pediram por uma sequência que se tornaram uma poderosa motivação. Muito obrigado. Ainda sou inexperiente como escritor, mas, por favor, continuem comigo.

Muito bem, vamos nos ver de novo em breve!

- Eiji Mikage

Notas

[←1]

Hikikomori é um termo que designa um comportamento de extremo isolamento doméstico. Os hikikomori são pessoas geralmente jovens que se retiram completamente da sociedade, de modo a evitar o contato com outras pessoas.

[←2]

“Sombra do Pecado e Punição”

[←3]

“Cinema Destruidor de Desejos”

[←4]

A mensagem original em japonês possui 144 caracteres

[←5]

Do título Utsuro no Hako “A caixa vazia”